

**MARINA TISAKO KUMON**

**ENTRE O PASSADO E O PRESENTE:  
A CONDIÇÃO HUMANA DE UM GRUPO DE IDOSOS, EX-PRESOS  
POLÍTICOS DO GOLPE MILITAR DE 1964, NA PERSPECTIVA DE HANNAH  
ARENDT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília, como requisito à obtenção do grau de Mestre em Gerontologia.

**Orientador: Prof. Dr. Vicente de Paula  
Faleiros**

Brasília

2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

*TERMO DE APROVAÇÃO*

**MARINA TISAKO KUMON**

**ENTRE O PASSADO E O PRESENTE:  
A CONDIÇÃO HUMANA DE UM GRUPO DE  
IDOSOS, EX-PRESOS POLÍTICOS DO GOLPE MILITAR  
DE 1964, NA PERSPECTIVA DE HANNAH ARENDT**

*Dissertação defendida e aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre do Programa de Pós Graduação stricto sensu em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília, em 09 de novembro de 2006, pela banca examinadora constituída por:*

---

Prof. Dr. Vicente de Paula Faleiros  
Orientador - UCB

---

Prof. Dr. Luis Otávio T. Assumpção  
Examinador – UCB

---

Prof. Dr. Sadi Dal Rosso  
Examinador – UNB

Brasília  
2006

## DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Paulo e Mariana, pelo apoio incondicional à esta “aventura”.

Aos amigos, pela absoluta necessidade que tenho deles.

Às borboletas, flores, pássaros, amanheceres e pores-do-sol que jamais se repetem.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os professores e alunos pelo exercício da reciprocidade e, particularmente, ao  
Professor Vicente de Paula Faleiros, minha permanente gratidão.

*Com o passar do tempo, continuou o mesmo? Perdeu sua  
identidade? Se assim o fosse, teria perdido a razão. Nem  
continuou o mesmo, que seria uma paralisia mortífera, nem  
tornou-se um outro, que seria a desrazão absoluta.*

*Maria Paula Nascimento Araújo*

## SUMÁRIO

RESUMO					1
ABSTRACT					2
INTRODUÇÃO					3
OBJETIVOS					6
CAPÍTULO	1				–
FUNDAMENTOS					7
1.1	O			enfoque	7
1.2	A opção pelo pensamento de Hannah Arendt				10
1.3	A política segundo Arendt				12
1.4	A condição humana				14
1.5	Componentes da vida ativa: labor, trabalho e ação				15
1.5.1	A condição humana do labor				15
1.5.2	A condição humana do trabalho				16
1.5.3	A condição humana da ação				17
1.6	Abordagens sobre a memória: Arendt e Halbwachs				21
1.6.1	O papel da memória segundo Arendt				21
1.6.2	Os quadros sociais e a memória coletiva de Halbwachs				23
CAPÍTULO	2	–	OS SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO		25
CAPÍTULO	3	–	A METODOLOGIA		32
3.1	A escolha da trajetória metodológica				32
3.2	A fenomenologia como vertente metodológica				32
3.3	Método qualitativo de coleta de dados: história de vida				33
3.4	As entrevistas				34
3.5	A leitura das entrevistas				37
CAPÍTULO 4 – HISTÓRIAS DE VIDA: HISTÓRIAS DE “AMOR AO MUNDO”					41
4.1	Perly				41
4.2	Gilney				82
4.3	Geraldo				94
4.4	Luís Carlos				128

4.5	Colombo	140
.....		
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES GERAIS / RESULTADOS E DISCUSSÕES .....		164
5.1	O percurso em direção ao “mundo da realização”: da infância à adolescência .	165
5.2	A militância: seus desdobramentos e conseqüências	174
.....		
5.2.1	Entrecruzamentos das narrativas	175
.....		
5.3	Reflexões sobre o passado de militância	190
.....		
CONCLUSÃO.....		200
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....		203

***K96e Kumon, Marina Tisako.***

***Entre o passado e o presente: a condição humana  
de um grupo de idosos, ex-presos políticos do golpe militar de 1964, na  
perspectiva de Hannah Arendt / Marina Tisako Kumon – 2006.***

208 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de

Ficha elaborada pela Coordenação de Processamento do Acervo do SIBI – UCB.

## RESUMO

No prefácio do seu livro *Entre o passado e o futuro*, Arendt refere-se ao poeta René Char, que em plena luta da Resistência na Europa, pressentindo o que poderia lhe acontecer depois de finda a luta, escreveu: “se sobreviver, sei que terei que romper com o aroma desses anos essenciais, de rejeitar silenciosamente meu tesouro”. Esse “tesouro” que, segundo Arendt, consistia em um tipo de experiência de atuação no mundo, dada por um tipo de engajamento político particular, também foi compartilhado por aqueles que lutaram na resistência ao Golpe Militar de 1964 e que hoje, após 41 anos, são, em grande parte, idosos. Tendo em vista esse passado de ação, este trabalho teve como objetivo investigar a repercussão dessa experiência de resistência na identidade política atual de grupo de ex-presos políticos, na perspectiva arendtiana. Adotamos como método a pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico e como técnica de coleta de dados a história de vida. Os resultados revelaram que, para este grupo de ex-militantes investigados, o “tesouro” não foi “rejeitado silenciosamente” como previra Char mas na sua essência, permanece sob outras formas de engajamento que se caracterizam como a condição humana da ação.

**PALAVRAS CHAVES:** ex-presos políticos, tesouro, identidade política, Hannah Arendt.

## ABSTRACT

In the preface of her book *Between the past and the future*, Arendt refers to the poet René Char, who in the middle of the fight of the Resistance in Europe, predicting what could happen once the battle was over, wrote: "if I survive, I know that it will be necessary to break with the scents of these essential years, to silently reject my treasure". This "treasure" that, according Arendt, consisted of a type of acting experience in the world, given by a particular kind of political engagement, also shared by those who fought in the Resistance to the Military Coup of 1964 and who are today, having passed 41 years, in great part, elderly. Having in mind this history of action, this work has as an objective to investigate the repercussion of the experience of Resistance on the present political identity of a group of former political prisoners, in the Arendtian perspective. The method adopted was the qualitative research of the phenomenological kind and the life history adopted as the data collection technique. The results revealed that, for the group of ex-militants who were investigated, the "treasure" was not "silently rejected" as predicted by Char but, in its essence, remains in other forms of engagement which are represented as the human condition of action.

**KEYWORDS:** former political prisoners, treasure, political identity, Hannah Arendt.

## INTRODUÇÃO

Uma visão panorâmica das tendências gerais da pesquisa sobre a velhice no Brasil revela que alguns temas que começaram a ser estudados na década de 1970 continuam interessando os pesquisadores, como: o idoso institucionalizado, aposentados e aposentadoria, mulheres e identidade feminina, o idoso hospitalizado, memórias e reminiscências, corpo e imagem corporal, atitudes em relação à velhice, morte, luto e viuvez, relacionamentos familiares e sociais. A partir da década de 1990 foram incorporados novos temas, destacando-se: relação cuidado e cuidador, demências em geral e mal de Alzheimer, cognição e memória, estresse, opções de lazer, desejos e preferências de consumidores idosos, metas e sentido de vida, entre outros.

A ampliação dos temas de estudos gerontológicos parece indicar uma crescente conscientização em relação ao entendimento da velhice como uma experiência heterogênea, com singularidades próprias dos sujeitos.

Analisando os temas de dissertações na área de gerontologia, constatamos que a maioria delas estava voltada para problemas associados à condição do idoso. Pensamos em buscar um tema que fugisse um pouco a essa associação. A busca pelo pouco explorado significava trabalhar com fatos brutos, aqueles que, embora determinados e divulgados, não se constituíram, ainda, em objeto de um determinado olhar ou reflexão da gerontologia.

Uma frase de Hannah Arendt (1994), no livro *Sobre a violência*, nos forneceu uma indicação sobre o sujeito de estudo a ser pesquisado. Referindo-se à juventude militante de esquerda da década de 1960, a filósofa alemã afirma: “[...] essa geração parece caracterizar-se, em qualquer lugar, pela pura coragem, por uma surpreendente disposição para a ação e por uma confiança não menos surpreendente na possibilidade da mudança” (ARENDR, 1994, p. 21).

Essa caracterização parece adequar-se ao perfil de muitos dos militantes políticos de esquerda do período da ditadura militar. Eram, altruístas, corajosos, confiantes e dispostos a correr riscos extremos para o êxito de um projeto político e hoje, após 42 anos do início do regime militar, são em grande parte, idosos e portadores de histórias de vida singulares, tanto do ponto de vista pessoal, quanto coletivo.

A escolha do foco da investigação também foi delineado a partir da leitura de um outro livro de Arendt (2000), em que, no prefácio, a autora discorre sobre o que significou a “Resistência da Europa”, citando o poeta e militante René Char, que, pressentindo o que poderia lhe acontecer terminada a luta, antecipara: “se sobreviver, sei que terei que romper com o aroma desses anos essenciais, de rejeitar silenciosamente meu tesouro”. Esse “tesouro”, segundo Arendt, consistia “na experiência compartilhada de um engajamento que lhes rendera uma vivência de liberdade e de iniciativa” (ARENDR, 2000).

Assim, ao propormos neste estudo buscar uma conexão entre o passado de resistência de um grupo de ex-presos políticos do Golpe Militar de 1964 e suas identidades políticas no presente, algumas questões emergiram como pontos a serem desvendados. Qual teria sido a repercussão produzida pela experiência de militância política na trajetória de vida desses sujeitos? Qual é o balanço que fazem acerca dessas experiências? Terão perdido a disposição para a ação e a confiança na possibilidade de mudança? Será que romperam com “o aroma desses anos essenciais” e “rejeitaram silenciosamente esse tesouro”, conforme predizia o poeta René Char? Foram essas questões de investigação que nortearam este trabalho.

A hipótese com a qual trabalhamos é a de que, a despeito do tempo e da idade, o “tesouro” ou “o aroma daqueles anos essenciais”, na sua essência permaneceu para aqueles que, efetivamente, foram “visitados pela visão de liberdade”, revelando-se em outras formas de ação, no sentido arendtiano.

Os elementos que nos conduziram a essa hipótese não foram baseados em algum conhecimento prévio acerca do presente dos sujeitos da investigação, mas na nossa compreensão de que a velhice, como disse Norberto Bobbio (1997): “não é uma cisão em relação à vida precedente, mas é, na verdade, uma continuação da adolescência, da juventude e da maturidade”.

Nesta mesma linha, Edgar Morin (1999) sustenta que o ser humano modifica-se somaticamente do nascimento até a morte, porém continua o mesmo. Referindo-se a si mesmo, ainda diz Morin:

É agora, quando se misturam envelhecimento e rejuvenescimento, que sinto em mim todas as idades da vida. Sou permanentemente a sede dialógica entre infância/adolescência/maturidade/velhice. Evoluí, variei, sempre segundo essa dialógica. Em mim, unem-se, mas também se opõem, os segredos da maturidade e os da adolescência (MORIN, 2000, p.256).

Essa tensão entre a aparência externa do corpo e face x capacidades funcionais e o sentido interno ou subjetivo da experiência da identidade pessoal também pode ser observada na resposta dada pelo escritor inglês J.B. Priesley, quando solicitado, aos 79 anos, a descrever como era sentir-se velho:

É como se, andando pela Avenida Shaftesbury como um homem razoavelmente jovem, fosse raptado, levado a um teatro e obrigado a transvestir-me de cabelos grisalhos, rugas e outros atributos da idade, e então, levado ao palco. Por trás da aparência idosa sou a mesma pessoa, com as mesmas idéias de quando eu era mais jovem (PUNER, 1974, p. 7; tradução nossa).

**OBJETIVOS:****⇒ Objetivo geral:**

- Investigar as motivações que levaram um grupo de ex-presos políticos a resistência ao golpe militar de 1964 e suas identidades política no presente, na perspectiva arendtiana.

**⇒ Objetivos específicos:**

- Identificar a trajetória de militância política desse grupo pessoas;
- Identificar as motivações que os conduziram a um engajamento político-revolucionário;
- Identificar a persistência ou não de alguma forma de ação política, na perspectiva arendtiana.

## CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS

### 1.1. O Enfoque

No prefácio do livro *Entre o passado e futuro* Hannah Arendt (2000) comenta a seguinte afirmação do poeta René Char: “Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento”. Para a autora, com essa frase, Char condensava a essência do que quatro anos de Resistência vieram a significar para toda uma geração de escritores e intelectuais europeus que se viram atraídos para a política, com o vazio que a Segunda Guerra Mundial havia deixado, de um dia para outro, no cenário político da França.

Arendt diz que, terminada a guerra e libertada a França, aqueles que haviam lutado na Resistência foram separados do “mundo da realização” e voltaram para a “opacidade triste” de uma vida particular centrada apenas em si mesma. “Após a derrota do inimigo comum que os havia unido – a despeito das inúmeras divergências – a vida pública os dividia de novo, aprisionando-os nos ‘velhos enfrentamentos vazios de ideologias antagônicas’ ”. Aquilo que Char previra lucidamente enquanto a luta real ainda prosseguia – “Se sobreviver, sei que terei que romper com o aroma desses anos essenciais, de rejeitar silenciosamente (não reprimir) meu tesouro” – aconteceu, os ex-combatentes haviam perdido seu tesouro (ARENDR, 2000, p.29)

Essa separação do “mundo da realização” e a volta à “opacidade triste” da vida comum, centrada em si mesmo, também parecem ter um sido um dilema vivenciado por muitos dos que lutaram na resistência contra o Golpe Militar de 1964, conforme revelam os seguintes relatos:

[...] a experiência de prisão foi muito mais enriquecedora do que a do exílio. Pode parecer um absurdo o que vou dizer, mas eu me sentia muito mais viva do que me sinto aqui. Porque na prisão, mal ou bem, me sentia agindo. No exílio, a maior parte do tempo me sinto sobrevivendo mesmo, e só (COSTA, 1980, p.331).

[...] eu me apegava ao passado, às “glórias” vividas, quase exigindo respeito reverencioso pelo herói que deveria representar, recusando-me à mediocridade do presente, reelaborando uma realidade que só quem vivia era eu e os meus fantasmas, nos delírios a que eu era arrastado todas as madrugadas. Ali, no banco da praça, durante o silêncio da noite, eu recuperava a minha identidade [...] (GUARANY, 2005, p.50).

Assim, o “tesouro” de que fala Hannah Arendt, com base nas palavras de René Char, refere-se a uma experiência de vida e de atuação no mundo, dada por um tipo de engajamento político particular, motivado por conjunturas e circunstâncias especiais. Este é, na verdade, o tesouro perdido das revoluções e dos projetos revolucionários compartilhados por aqueles que viveram épocas de ondas revolucionárias e tempos de tirania e que lutaram em nome de ideais coletivos. Caso dos homens e mulheres que, no Brasil, fizeram parte do que se chamou a resistência contra o Golpe Militar que se instalou em 1964.

Consciente da universalidade desse fenômeno, Hannah Arendt diz que os homens da Resistência europeia não foram nem os primeiros nem os últimos a perder seu tesouro. Teriam perdido também aqueles que participaram do verão de 1789, em Paris, e do outono de 1956 em Budapeste. Arendt diz ainda que a história das revoluções poderia ser contada na forma de uma parábola, como a lenda de um tesouro que, sob diferentes circunstâncias, surge abruptamente e de forma inesperada, para de novo desaparecer, tal como uma miragem que permanece sem nome. Seria esta ausência de nome para o tesouro perdido que teria levado Char a dizer: “nossa herança foi deixada sem nenhum testamento” (ARENDR, 2000).

Para Arendt, essa ruptura com o passado, especialmente no campo da política, se deveria a um lapso da memória, por parte tanto daqueles que deveriam herdá-la, quanto dos atores e testemunhas das ações passadas. Isso ocorreria porque a memória, enquanto um modo

do pensamento, torna-se ineficaz sem um quadro de referências que lhe permita reter o conhecimento. Essas referências são, assim, como uma espécie de “acabamento” que todo acontecimento vivido deve ter, com suas reflexões, questionamentos e lembranças. Para que o presente possa usufruir dessa herança do passado, é preciso que a memória seja articulada e retomada, com o fito de construir uma história e, dessa forma, fazer renascer o “tesouro perdido”. Sem testamento, não há continuidade consciente no tempo e, portanto, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem (Ibid.).

O perigo do esquecimento, como diz Hannah Arendt (Ibid.), é que ele impede que o pensamento se aproprie dos atos (da experiência vivida) e possa avaliá-los criticamente. Assim, investigar as repercussões produzidas pela experiência de militância política de um grupo de ex-presos políticos da ditadura militar, hoje idosos, significa resgatar experiências passadas, mas a partir de uma perspectiva que incorpora o conteúdo do tempo vivido entre o presente e aquele passado. O intervalo entre duas épocas não significa um corte entre o que é passado e o que é contemporâneo; ao contrário, é um campo de constante elaboração do contato entre esses dois planos. Dessa maneira, esses ex-presos políticos podem avaliar sua ação com o conhecimento que o distanciamento produz, ressignificando aquele passado por meio da compreensão de seus desdobramentos. Por outro lado, por um movimento inverso, podem redimensionar o presente a partir dos efeitos desta ação conjunta e, quem sabe, descobrir-se portador do “aroma daqueles anos essenciais” ou do “tesouro”, de que fala Chart, foco desta proposta de investigação.

## 1.2. A opção pelo pensamento de Hannah Arendt

Hannah Arendt nasceu em 1906, em Hanôver. Fez os seus estudos universitários de teologia e filosofia em Königsberg (a cidade natal de Kant, hoje Kaliningrado). Estudou filosofia com Martin Heidegger na Universidade de Marburgo. Posteriormente, foi estudar em Heidelberg, onde fez sua tese de doutoramento sobre a experiência do amor na obra de Santo Agostinho, sob a orientação do filósofo existencialista Karl Jaspers. A tese foi publicada em 1929. Em 1933 (ano da tomada do poder por Hitler), Arendt foi proibida de escrever uma segunda dissertação que lhe daria o acesso ao ensino nas universidades alemãs, por causa da sua condição de judia. Fugiu da Alemanha para Paris, onde trabalhou com crianças judias expatriadas e onde conheceu e tornou-se amiga do crítico literário marxista Walter Benjamin. Na França foi presa com o marido, o operário e "marxista crítico" Heinrich Blücher, e em 1941, conseguiu refúgio nos Estados Unidos, onde trabalhou em diversas editoras e organizações judaicas, tendo escrito para o "Weekly Aufbau", obtendo a sua primeira ocupação acadêmica em 1963, na Universidade de Chicago. Em 1967 mudou-se para a *New School for Social Research*, instituição onde se manteria até à sua morte, em 1975. Dentre suas obras destacam-se: *The Origins of Totalitarianism* (1951); *The Human Condition* (1958); - *Between Past and Future* (1961); *On Revolution* (1963); - *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil* (1963); *Men in Dark Times* (1968) e *The Life of the Mind* (1978) (SCHMITZ, 2006).

A singularidade das experiências vividas pelos sujeitos da nossa investigação e a linha adotada para o desenvolvimento deste trabalho apontavam para a necessidade de um referencial teórico com elas compatível, qual seja, um referencial político de abordagem existencial. Nesta busca, o pensamento de Hannah Arendt se impôs, uma vez mais, como uma

possibilidade de se analisar as histórias de vida dos nossos sujeitos de investigação pelo seu lado intrinsecamente humano.

Como ponto de partida para uma incursão na filosofia política de Hannah Arendt, é importante levar em consideração a singularidade de seu pensamento, calcado no antideterminismo e na valorização do extraordinário. Na introdução do seu livro *A vida do espírito*, Arendt (2000) confessa ter-se afastado do “âmbito seguro da ciência e da teoria política para aventurar-se em temas espantosos”. Desta forma, aprender a deixar de lado o pensamento político tradicional para compreender o pensamento arendtiano é quase um empreendimento de reeducação do pensamento, pois o pensamento arendtiano é, acima de tudo, um pensamento livre. Quando se tem o pensamento orientado por modelos ou sistemas fechados em si mesmos, essa característica oferece um desafio considerável.

### 1.3. A política segundo Arendt

A pergunta sobre o sentido da política exige uma resposta tão simples e tão conclusiva em si que poderia dizer que outras respostas estariam dispensadas por completo. A resposta é: “O sentido da política é a liberdade” (ARENDR, 2002, p. 201).

Para Hannah Arendt (1988), a política está baseada na pluralidade dos homens; portanto, diz respeito à convivência entre diferentes. Assim, se a pluralidade implica na coexistência de diferenças, a igualdade a ser alcançada através deste exercício de interesses é a liberdade. A pluralidade, por sua vez, é a condição básica da ação e do discurso, pois proporciona o duplo exercício da igualdade e da diferença. O que iguala o agente da ação aos demais é a sua condição de diferente de todos e de cada um diante do mundo.

Ainda, segundo Arendt (2000), a idéia de liberdade vincula-se à idéia de ação: "Os homens são livres enquanto agem, nem antes, nem depois; pois, ser livre e agir são uma mesma coisa". Neste sentido, liberdade e política significam a mesma coisa:

É este o âmbito em que a liberdade constitui uma realidade concreta, tangível em palavras que podemos escutar, em feitos que podem ser vistos e em eventos que são comentados, lembrados e transformados em histórias, antes de incorporarem por fim ao grande livro da história humana (Ibid., p.192).

É, portanto, a partir da premissa segundo a qual o sentido da política é a liberdade que Hannah Arendt sugere que comecemos a recuperar o seu sentido original, pois a história do século 20 é a história, senão de sua supressão, pelo menos de sua obstrução. A frequência de guerras e revoluções nesse século “têm em comum entre si o fato de serem símbolos da força“, tornando o convívio com a liberdade mais uma utopia do que uma conquista real e construtiva (ARENDR, 2002). De fato, em nosso tempo, a liberdade é definida em termos de direitos e deveres individuais como o livre ir e vir. A participação do indivíduo nas decisões sobre o coletivo ou sua participação na política, acontece de forma indireta, através do voto,

onde o conjunto de indivíduos de uma sociedade delega a sua responsabilidade a um terceiro que será o gestor e responsável por todos os acertos e erros.

Essa recuperação do sentido original da política para a qual Hannah Arendt quer abrir nossos olhos, segundo Kurt Sontheimer, está “vinculada às idéias da liberdade e da espontaneidade humana, está muito acima da compreensão usual mais burocrática da coisa política, e que realça apenas a organização e a segurança da vida dos homens” (Ibid., p.9).

Nesta mesma linha, Conovan (1992) chama atenção para o fato de alguns confundirem a ênfase de Arendt na *práxis* e no mundo comum com a nostalgia da *polis* helênica quando, na realidade, o que ela tem em mente é a recuperação do político que, na atualidade, tem sido amplamente subordinado aos interesses econômicos. Ao colocar a temática da responsabilidade na pergunta: “O que estamos fazendo com o mundo?” Arendt mostra sua preocupação com a destinação última da existência humana enquanto sujeito singular que se confronta inexoravelmente com sua própria morte.

#### 1.4. A condição humana

No livro *A condição humana*, a filósofa alemã Hannah Arendt (1988) procura resgatar os significados originais do público, privado, político e social, de forma a poder analisar a verdadeira natureza da política. É em passado livre da tradição que Arendt buscou “as experiências brutas” enquanto manifestações da condição humana, ou seja, uma herança autêntica, e não aquela deixada pela tradição e reverenciada durante séculos. Assim, é na pólis pré-filosófica, vista como tradição-fonte, que ela resgata os três componentes da *vita activa*: o *labor*, o *trabalho* e a *ação*, buscando aí os valores que antecederam a tradição do pensamento ocidental.

O termo *vita activa*, utilizado por Arendt, não é o mesmo da tradição do pensamento filosófico e religioso que estabelece uma distinção entre a *vita contemplativa* e a *vita activa*. O tratamento diferenciado, dado por Arendt ao termo *vita activa*, não expressa quaisquer relações de superioridade ou inferioridade em face da *vita contemplativa*, como fez a tradição, mostrando, uma vez mais, a sua busca pelo inusitado, pelo singular. Sua incursão pela pólis pré-filosófica não foi no sentido de recuperar o passado em si mesmo, mas sim, as condições humanas que ali se manifestaram e, por esta razão, representam para Arendt um potencial, um tesouro a ser explorado (WAGNER, 2000).

### 1.5. Componentes da *vita activa*: labor, trabalho e ação

De acordo com Hannah Arendt, existem três experiências humanas básicas: *labor*, *trabalho* e *ação*. Embora existam muitas discussões acerca do significado etimológico dos termos labor e trabalho, Arendt, inspirada em Locke, analisa essas duas atividades com base na distinção entre o corpo que “labora” e as mãos que “trabalham” (WAGNER, 2000).

Desta forma, Arendt (1988) distingue trabalho e labor como atividades singulares que, juntamente com a ação, vão compor o seu estudo da *vita activa*, três atividades que são “as manifestações mais elementares da condição humana, aquelas atividades que tradicionalmente estão ao alcance de todo ser humano”. Cada uma dessas atividades refere-se a uma das condições humanas a partir das quais “a vida foi dada ao homem”. Com base nessa distinção fundamental, Arendt diferencia labor, trabalho e ação pela maneira como essas atividades são realizadas, pelo espaço que ocupam na natureza ou no mundo, na esfera privada ou pública, pelo resultado final obtido através da sua realização e pela maneira como os homens se expressam a partir de cada uma delas.

#### 1.5.1. A condição humana do labor

A atividade do *labor* corresponde ao ciclo vital da natureza, é uma atividade que, voltada para a sobrevivência da espécie, não tem começo nem fim: é um movimento que se realiza e persiste geração após geração. Do ponto de vista do *labor*, a vida de cada pessoa encontra-se associada ao movimento cíclico natural. Levando-se em conta o processo vital de cada corpo isolado, o labor é, também, uma atividade que se realiza através de um movimento circular, que alterna a obtenção dos meios de subsistência e o próprio consumo desses meios, um movimento que só termina com o fim da própria vida. A esses processos circulares, vinculados às necessidades vitais, encontra-se submetido o *animal laborans* (ARENDR, 1988).

Do ponto de vista de sua localização, algumas das funções associadas às atividades do *labor* possuem caráter exclusivamente privado, como é o caso da reprodução e do consumo. Já o *labor*, enquanto esforço voltado para extrair da natureza os meios necessários à subsistência, por se configurar como atividade e não apenas função, é menos privado que as atividades de reprodução e consumo.

O *labor* não pode construir o mundo como morada do homem, pois nada deixa de si. Porque são destinados ao consumo ou porque, caso não consumidos, tendem a degradar-se rapidamente, os seus produtos não têm durabilidade suficiente para constituir a objetividade do mundo. Do ponto de vista da natureza, o labor realiza-se em harmonia com esta, pois os meios de subsistência, arrancados da natureza, a ela retornam, quer se destinem ao consumo, quer sejam abandonados à degradação. Os produtos do labor são, assim, os mais necessários e os menos duráveis entre as coisas tangíveis e, por isso mesmo, os mais naturais e os menos mundanos dos produtos (Ibid.).

### **1.5.2. A condição humana do trabalho**

Enquanto o labor é uma atividade sem fim e repetitiva que corresponde ao próprio processo biológico do corpo humano, o trabalho tem um começo e um final determinados e termina com um resultado tangível, durável: o objeto de uso. Este objeto, fabricado, é resultado da intervenção do homem na natureza, o qual, agindo com violência sobre esta, produz “artificialmente” um artefato (ARENDETT, 1988).

Ao fabricar objetos de uso dotados de certa durabilidade, construindo um mundo humano, o homem inaugura sua identidade humana. Ao mesmo tempo em que assume sua identidade como homem, estabelece nesta reificação a alteridade, reconhecendo o outro em si mesmo. O trabalho confere permanência e estabilidade ao mundo. É pelo trabalho que o homem adquire sua identidade como criador de civilização. O processo de fabricação é

orientado por um modelo que o antecede e que não desaparece, uma vez realizado o trabalho e fabricado o objeto. O modelo confere à atividade de fabricar e trabalhar a possibilidade de uma multiplicação potencial, que difere da pura repetição característica da atividade de labor. Além disso, há na atividade de fabricação a possibilidade de se reverter o processo, ou seja, um objeto fabricado pode ser destruído. A durabilidade de cada objeto tem seu limite (Ibid.).

Do ponto de vista de sua localização, o trabalho é uma atividade que o *homo faber* realiza no isolamento para a produção dos objetos que, excetuando-se as obras de arte, estão destinados à privacidade do uso. O *homo faber* tem, no entanto, uma esfera pública própria – o mercado de trocas – que não coincide com a esfera pública política, no sentido de que o *homo faber* “só consegue relacionar-se devidamente com outras pessoas, trocando produtos com elas” (Ibid.).

### 1.5.3. A condição humana da ação

A ação é “a única atividade que se exerce diretamente entre homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens e não o Homem vivem na Terra e habitam o mundo”. Com essa afirmação, Arendt (1988) sublinha a especificidade da pluralidade humana: entre os homens, “a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares”. Diferentemente da atividade do *labor*, realizado pelo *animal laborans*, enquanto membro da espécie (um membro como outro qualquer), e da atividade do trabalho, que é executado pelo *homo faber* no isolamento, a *ação* está fundada na convivência entre os homens, que vêm ao mundo, cada qual, como um ser único e, nesse sentido, desconhecido dos demais, trazendo consigo a marca do imprevisível. É nesse sentido que a *ação* está associada à condição humana do nascimento. Agir, nota Arendt, “no sentido mais geral do termo, significa tomar iniciativa, iniciar, imprimir movimento a alguma coisa” (ARENDDT, 1988).

Outro ponto importante é que, diferentemente do *labor* (processo circular sem início ou fim) e do *trabalho* (processo que tem começo e término determinados), a *ação*, enquanto atividade mesma, existe apenas em sua realização, e nesse sentido ela é iniciativa. Lançada na teia das relações humanas, a *ação* é o início de um processo com desdobramentos imprevisíveis. Do ponto de vista da vida humana, “em seu sentido não biológico”, é a própria manifestação da vida e, neste caso, ela é o nascimento. Enquanto ato em si, a *ação* revela a singularidade de seu ator, sendo esse o motivo pelo qual a *ação* não existe sem a palavra. Na *ação*, o indivíduo, através do discurso, conta “quem ele é”, revelando assim a sua identidade (Ibid.).

Do ponto de vista do processo que põe em movimento, a *ação* passa a fazer parte de uma teia de relações humanas preexistente, “com suas inúmeras vontades e intenções conflitantes”, de tal forma que, se geralmente não atinge os objetivos esperados por seus atores, ela produz histórias “com a mesma naturalidade com que a fabricação produz coisas tangíveis”. Enquanto manifestação da vida, a *ação* também produz histórias: a história de vida de cada pessoa. A História é, assim, fruto da *ação* – um conjunto de várias histórias – dela só é possível saber quem são os agentes e quais foram seus atos. A História tem muitos autores e narradores, mas nunca autores “tangíveis”. Esse é o motivo pelo qual uma pessoa jamais é o autor da sua própria vida (Ibid.).

Além de dar início a um processo imprevisível em seus resultados, a *ação* tem conseqüências irreversíveis. Como forma de minimizar a imprevisibilidade da *ação*, as promessas estabelecem, segundo Arendt (1988), como que “ilhas de segurança no futuro” (a utopia de uma sociedade sem classes, por exemplo) sem as quais as relações entre os homens não alcançariam continuidade, nem durabilidade.

Enquanto espaço de proximidade entre os homens, o espaço público nem sempre coincide com o lugar formalmente considerado como público. Só há poder, no sentido em que

Arendt (1988, p. 212) o resgata, enquanto não houver isolamento entre homens e “enquanto a palavra e o ato não se divorciam, quando as palavras não são empregadas para velar intenções, mas revelar realidades, e os atos não são usados para violar e destruir, mas para criar relações e novas realidades”. É que a proximidade entre os homens é a convivência entre diferentes, e esta depende “do acordo frágil e temporário de muitas vontades e intenções”.

Por ser o início do imprevisível, um ímpeto na direção do novo, não condicionada, portanto, por quaisquer acontecimentos anteriores ou por quaisquer necessidades ou motivos utilitaristas, a *ação* é a própria liberdade e esse é o sentido da política, para Arendt. A pluralidade é a condição da *ação*, a única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas. E esta pluralidade é a condição de toda a vida propriamente política (ARENDR, 2000).

Na análise que faz da sociedade moderna, Hannah Arendt (1998) destaca como essa dimensão da *ação* vem perdendo terreno para a tendência conformista e homogeneizadora da sociedade de massas que, em todos os níveis, busca excluir a sua possibilidade. Ao invés de *ação*, a sociedade espera de cada um de seus membros um certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a “normalizar” os indivíduos, a fazê-los comportar-se, a abolir a ação espontânea ou a reação inusitada. Desta forma, o comportamento substituiu a *ação* – o Agir – como principal forma de relação humana. O espaço da política, da diversidade e da democracia tende a perder sua concretude na experiência moderna do convívio humano.

Arendt (1988) argumenta, ainda, que a revolução industrial, ao trazer a ampliação sem precedentes do âmbito das necessidades naturais e do trabalho, trouxe consigo a transformação do *homo faber* – protótipo do homem moderno concebido como um fabricante artesanal de obras duráveis – no *animal laborans*, o homem contemporâneo concebido como

um trabalhador constantemente empenhado na manutenção do seu ciclo vital e da sociedade em que vive.

Portanto, é a partir da perspectiva do pensamento arendtiano que procuraremos, na medida do possível, analisar o passado e o presente de um grupo de ex-militantes do período da ditadura militar, particularmente sob a ótica da tipologia axiológica da *vita activa*, cujos três componentes (*labor, trabalho e ação*) são, segundo Arendt (Ibid.), “as manifestações mais elementares da condição humana, aquelas atividades que tradicionalmente estão ao alcance de todo ser humano”.

Se, no passado, estes ex-militantes foram visitados por uma visão de liberdade, o que terá ocorrido após o retorno à vida legal? Terão se convertido, por força das circunstâncias, em *animal laborans*, empenhados apenas na manutenção do seu ciclo vital – voltado para a “opacidade triste” da vida comum, centrada em si mesmo? Ou, a despeito da tendência conformista e homogeneizadora da sociedade de massas, ainda persistem no esforço de fazer com que “palavras e atos não se divorciem”, preservando, assim, o “tesouro”, de que fala Chart?

## 1.6. Abordagens sobre a memória: Arendt e Halbwachs

*Chego aos campos e vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie...Ali repousa tudo o que a ela foi entregue, que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou... Aí estão presentes o céu, a terra e o mar, com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recordo das ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem (Santo Agostinho).*

### 1.6.1. O papel da memória segundo Arendt

*Ao tratar da ruptura entre passado e futuro causada pelo impacto do totalitarismo, Hannah Arendt chama atenção para o empobrecimento da experiência e a fragilidade da memória em uma sociedade herdeira de regimes de exceção: Estamos ameaçados de esquecimento, e um tal olvido – pondo inteiramente de parte os conteúdos que se poderiam perder – significaria que, humanamente falando, nos teríamos privado de uma dimensão, a dimensão de profundidade na existência humana. Pois memória e profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação (ARENDR, 1993).*

Para não perder de vista os significados do passado na reconstrução de democracias nascentes, Arendt propõe o desvelamento das experiências vividas, pois o sofrimento pelo qual passamos em nossa existência somente pode ser absorvido e transformado em experiência se pudermos conceder-lhe publicidade. Nesta perspectiva, as narrativas de nossos entrevistados se constituem num desvelamento de experiências vividas,

como vítimas e testemunhas de um período ainda não suficientemente compreendido para ser absorvido, pois a compreensão é uma "atividade interminável, a maneira especificamente humana de estar vivo" (ARENDDT,1993).

Arendt (2000) nos diz que o que importa na retomada do passado é a possibilidade de narrar experiências do político que possam ser apreendidas, que revelem o sentido dos acontecimentos políticos do presente, encontrando assim correspondências entre o passado e o presente. A história busca o passado fragmentado e não transmitido pela tradição, composto pelas memórias esquecidas, as que somente podem ser contadas pelos que pertenciam às causas políticas derrotadas ou minoritárias. O presente não esquece, nem domestica o passado. Assim, recuperar o passado seria uma primeira garantia de um sentido para o presente. Ao recorrermos à memória dos relatos e testemunhos das épocas passadas estamos, de certa forma, transformando essas narrativas em história, fazendo com que um amontoado de fatos ganhe sentido.

A ruptura com o passado, segundo Arendt (Ibid.), especialmente no campo da política, se deve a um lapso da memória, tanto por parte daqueles que deveriam herdá-la, quanto dos atores e testemunhas das ações passadas. Isso se deve ao fato de que a memória, enquanto um modo do pensamento, torna-se ineficaz sem um quadro de referências que lhe permita reter o conhecimento. Essas referências são o acabamento que todo acontecimento vivido deve ter, suas reflexões, questionamentos e lembranças. Para que o presente possa usufruir dessa herança do passado é preciso que a memória seja articulada e retomada, com o fito de construirmos uma história e, dessa forma, fazer uso do “tesouro perdido”.

### 1.6.2. Os quadros sociais e a memória coletiva de Halbwachs

*Se as imagens do presente fundem-se estreitamente com as lembranças do passado, e se as imagens parecem emprestar às lembranças sua substância, é porque nossa memória não é como uma tábua rasa (Maurice Halbwachs).*

A afirmação central de Halbwachs (1990) sobre a memória é a de que, quaisquer que sejam as lembranças do passado que possamos ter, por mais que pareçam resultado de sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais, elas só podem existir a partir dos quadros sociais da memória.

Para Halbwachs, a memória é um fenômeno social, uma vez que o indivíduo que lembra é uma pessoa inserida e habitado por grupos de referência, a memória é sempre constituída pelo grupo, mas é ao mesmo tempo um trabalho do sujeito. A lembrança é um processo coletivo e está sempre inserido num contexto social dado. Segundo Halbwachs (Ibid.) não há uma memória puramente individual, uma vez que as lembranças das pessoas são construídas sempre a partir da sua relação de pertença a um dado grupo social. Assim, a memória individual pode ser dita como aquela que resulta da convergência de várias influências sociais e como uma forma particular de convergência delas. Reforça ainda, não só a seletividade da memória, mas o processo de negociação para conciliar a memória coletiva e a memória individual.

Em concordância com o conceito de representação coletiva de Durkheim, Halbwachs não entende quadros sociais como um somatório de representações individuais. Apesar da concretude ou objetividade que muitas vezes se atribui aos quadros sociais da memória, para Halbwachs, ela não é e não pode ser considerada o ponto de partida, porque nunca parte do vazio; a memória é adquirida à medida que o indivíduo toma como suas as lembranças do grupo com o qual se relaciona: há um processo de apropriação de representações coletivas por parte do indivíduo em interação com outros indivíduos

O indivíduo constitui-se a si próprio por meio do confronto, tanto com sua imagem especular, quanto com o "outro", em um processo contínuo de interação e transformação. Aqueles que lembram são os indivíduos, que revisam lembranças fragmentadas e desconexas, de acordo com narrativas consolidadas coletivamente (HALBWACHS, 1990). Se a memória de um indivíduo é diferente da memória do outro, isto ocorre porque cada indivíduo confronta-se, na sua trajetória de vida, com uma complexidade única de situações. Indivíduos apresentam, desta forma, diferentes comportamentos em razão das experiências diversas por que passaram (no sentido de construir e incorporar) ao longo de suas vidas e não porque tenham "personalidades" ou "naturezas" próprias, independentes do contexto social.

Halbwachs (Ibid.) entende, ainda, que a memória como ato de reconstrução, nunca é idêntica a qualquer imagem do passado, mas que há lugares da memória que podem ser estudados como formas de acesso ao passado. Qualquer sociedade, na medida em que existe, subsiste e toma conhecimento de si mesma, terá os traços que deixou de si mesma reconstruídos. É dele a afirmativa de que as sociedades têm a necessidade do espaço-temporal provido pelos quadros sociais da memória.

## **CAPÍTULO 2 – OS SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO**

Quem foram e quem são, hoje, aquelas pessoas, homens e mulheres, que lutaram contra a direita civil e militar que governou o Brasil a partir do Golpe de 1964?

Conhecer o contexto em que os sujeitos desta investigação que, a exemplo daqueles que lutaram na Resistência da Europa, vivenciaram e passaram pela experiência única de vida e de atuação no mundo dada por um tipo de engajamento político particular, é fundamental para a compreensão deste estudo, que busca preencher a brecha entre o passado e o presente de um grupo que foi protagonista de um período significativo de nossa história política.

Assim, como ponto de partida, entendemos que é necessário situar nossos entrevistados no tempo e no espaço. Ao tentar desenhar, em alguns parágrafos, esse contexto, esperamos dar uma visão panorâmica do que foi o espírito da época, para poder aproximarmos do significado do engajamento desses personagens em um projeto coletivo de tal dimensão e acompanhar e entender, por meio dos depoimentos, suas trajetórias de vidas.

Tentemos aqui elaborar um quadro desse grupo que, instigado pelos ideais de liberdade, de autonomia política, de independência nacional e de compromisso com o novo, mobilizou suas energias, em plena alvorada de sua vida adulta e da maturidade, e escolheu um caminho singular de risco permanente, apostando um projeto coletivo, voltado para transformações no país.

Mais concretamente, pretendemos mostrar as motivações que levaram jovens a abandonarem as expectativas de uma carreira profissional por uma opção política que os levaria não só à ruptura com a vida familiar e das relações de amizade, entre outras, como a uma vida que envolvia grandes riscos. Muitos estudavam em colégios e universidades de boa qualidade de ensino, o que, na época, representava uma oportunidade bastante concreta de ascensão profissional.

A geração dos chamados “anos de chumbo” formou-se a partir de um acontecimento fundador: o Golpe Militar de 1964 e seus desdobramentos, como o Ato Institucional nº 5. A tomada do poder pelos militares, em 1964, significou para muitos jovens dessa geração um corte, um bloqueio no caminho da participação política no país. Até o final da década de 1960, a militância política não era uma opção definitiva. Não havia predisposição para transformar a atividade política do colégio ou da universidade em militância de tempo integral. Entretanto, a repressão, a falta de espaço para a manifestação de idéias e a falta de liberdade para atuar politicamente em oposição às forças dominantes foram empurrando essa geração para formas de participação que não envolviam a negociação política, mas sim ações que se configuram como situações limite. Tal situação se caracteriza pelo rompimento do pacto que assegura a continuidade das regras que regem a vida em sociedade, dando lugar a uma prática de violência desregrada e destrutiva de todos os acordos (ARAÚJO, 1999).

Originários de diversos segmentos sociais (apesar da considerável uniformidade nas trajetórias dos militantes oriundos dos meios estudantis) e com experiências subjetivas distintas, os militantes formam um contingente que se caracteriza fundamentalmente pela heterogeneidade. O que tinham em comum era o inconformismo com a ditadura militar e a coragem de lutar e se arriscar por seus ideais e convicções, expressando-os abertamente e combatendo a inércia e a passividade adotadas pela maior parte da sociedade.

Outro ponto importante, além da identificação com os princípios éticos e ideológicos, era a idéia de devoção e sacrifício e até mesmo uma atitude de renúncia. Mesmo diante da evidência de que era politicamente inviável continuar na resistência, muitos perseveraram na luta, entrando para a clandestinidade. Alguns historiadores sustentam que o projeto de esquerda era um projeto “salvacionista globalizante”, com características que exigiam uma grande dose de renúncia da parte de seus integrantes. A Ação Popular, por

exemplo, propunha aos seus militantes a integração na vida, no trabalho e na luta do operário e do camponês. A proposta de identificação com os oprimidos requeria uma transformação radical: abandonar os bens, a casa, a roupa e morar e viver como operário ou como camponês. A luta revolucionária só se tornaria possível quando esta identificação fosse assumida pelos militantes e dirigentes da organização (ARANTES, 1999).

Frei Beto, em seu livro *Alfabeto*, assim define o clima dessa época:

Repleta de novidades que efervesciam: Cinema Novo, Bossa Nova, Teatro Opinião, Centro Popular da Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Respirava-se arte e política, indissociáveis em todos os movimentos de vanguarda que levavam os jovens a acreditar em uma salvação nacional (2002, p. 186).

Alzira Alves de Abreu (1992), em *Intelectuais e guerreiros*, retrata essa questão, sobretudo no que diz respeito à conjunção da formação intelectual à política que, segundo ela, transformava muitos dos jovens intelectuais em “aprendizes de guerreiro”.

Essa idéia de devoção, sacrifício, renúncia e de integração pode ser identificada neste trecho do relato de Maria Luísa de Barros Carvalho sobre a clandestinidade:

Passar para a clandestinidade mesmo foi uma imposição da ditadura. Ser clandestino dentro do país foi uma opção minha, pois tive mais de uma oportunidade de sair para o exterior. Não conseguia nem me imaginar saindo do Brasil apenas para garantir minha vida pessoal. No começo dos anos 70, aceitei assumir tarefas partidárias em outro Estado, em substituição a companheiros já identificados pelos órgãos de repressão ou na iminência de sê-lo. Em pouco mais de um ano, tive de interromper as relações familiares, passando 5 anos sem que pudéssemos entrar em contato diretamente. (Apud ARANTES, 1994, p.30).

Apesar das particularidades dos grupos políticos de esquerda do Brasil, isso não significa que não recebessem influxos e inspirações, nem que determinados processos internacionais deixassem de marcar com seu magnetismo a imaginação, os programas e as formas de luta aqui adotados, mesmo porque 1968 foi um ano de paixões desencadeadas em todo o mundo.

Karl Mannheim (1982) diz que, ao descrever uma sociedade ou época histórica, o pesquisador não deve satisfazer-se em aceitar seu objeto de estudos como uma totalidade mística e singular, cabendo-lhe, ao contrário, analisar os vários fatores, situações e inter-relações que moldam a ampla e variada trama dessa configuração determinada. Situações sociais favorecem a emergência e o desenvolvimento de personalidades diferenciadas que marcam uma determinada época, tal como na década de 1960, no Brasil e no mundo.

Inventariar as influências internacionais é quase impossível, em vista das dimensões dos acontecimentos que eclodiram no mundo. Mas é possível ressaltar certas linhas de força que aglutinaram em torno delas mitos e utopias. Uma delas foi a guerra do Vietnã. A intervenção norte-americana, que alcançou seu ponto máximo em 1968, polarizou as atenções do mundo todo em torno de um aguerrido povo que enfrentou a maior potência mundial, mostrando que o ser humano era mais importante que a técnica. Um guerrilheiro com um fuzil podia mais que uma superfortaleza voadora dos norte-americanos. Nesse contexto, para os jovens da época, uma guerra justa parecia fadada à vitória (REIS, 1998).

Entretanto, as maiores influências na esquerda brasileira podem ser creditadas à China e a Cuba, nas figuras de Fidel Castro, Guevara e Mao Tsetung. Da África chegavam notícias de movimentos armados em Zimbábue, Namíbia, Angola e Moçambique. Os relatos davam conta de que os avanços, embora mínimos, eram sólidos; a vitória viria com o tempo. As mensagens eram tão fortes que os reveses da guerrilha latino-americana eram simplesmente recusados. Antes de 1968 já estavam praticamente liquidadas as experiências

guerrilheiras da Argentina, Paraguai, Peru, Venezuela, sem falar na perda maior: a morte de Guevara, nas selvas da Bolívia (Ibid.).

Na Europa também havia um forte movimento de contestação aos paradigmas estabelecidos. A expressão “Nova Esquerda” (New Left) foi cunhada, na década de 1960, por um grupo de historiadores ingleses oriundos do Partido Comunista Britânico, que pretendia escrever a História “de baixo para cima”. A contribuição desse grupo, no qual figuravam nomes como Eric Hobsbawm, E. P. Thompson, Perry Anderson, Christopher Hill, é de reconhecida importância para a escrita da História e o debate no interior do marxismo. Em seus estudos, esses historiadores valorizaram grupos, movimentos, associações, organizações e partidos, e revelaram a riqueza de seus debates e contradições internas, formações teóricas originais e a crítica das experiências concretas. Dessa maneira, colocaram em evidência a importância que tem, para o conhecimento da sociedade, o estudo da produção social das idéias, das imagens, dos símbolos, das visões de mundo e das concepções políticas de uma determinada época (ARAÚJO, 1998).

No Brasil, de acordo com o Relatório *Brasil Nunca Mais* (1988), foram identificadas 42 siglas de organizações de esquerda. A esse número podem ser acrescidos outros três grupos que não foram objeto de processo judicial, mas que constam do acervo do *Projeto Brasil Nunca Mais*. A grande maioria dessas organizações tinha orientação marxista e quase todas resultaram de divisões ou subdivisões ocorridas a partir de um mesmo tronco, o PCB. Fundado em março de 1922, o Partido Comunista do Brasil foi uma organização política que abrigou, até o final da década de 1950, praticamente todos os marxistas brasileiros.

Como se pode ver, o clima político da época era de engajamento, a reação de uma parte de estudantes – que pela própria experiência e passagem da adolescência à idade adulta estavam em busca de novos valores – não traduzia uma decisão incoerente com as

possibilidades que seu campo de inserção oferecia. A necessidade de auto-afirmação que acompanha essa fase de transição encontrava de modo irrecusável para muitos deles uma resposta no compromisso com as causas sociais. Essa adesão, entretanto, não pode ser atribuída unicamente aos ímpetus próprios dessa fase de transição, pois havia entre esses jovens um outro componente motivador que era a compreensão política do problema, com variados graus de embasamento teórico que davam sustentação racional às suas escolhas. Portanto, o envolvimento com a ação política era alimentado por essas duas fontes, ambas igualmente dinâmicas e geradoras de uma intensa motivação (ARAÚJO, 1998).

Cabe aqui ressaltar que, para a caracterização do cenário acima, foram selecionadas informações a partir do interesse em formar um determinado quadro. Certamente, outros dados relevantes, que permitiriam compreender de forma mais abrangente o contexto onde se forjaram os grupos de resistência ao regime militar, foram deixados de lado. Não foram agregados, por exemplo, dados sobre o contexto econômico que o marcou, aspecto importante para compreender a manutenção, por longo período, do regime de exceção. Reconhece-se também a existência de outras versões, oficiais e de estudiosos, sobre esse período. Embora ambas tenham pertinência histórica, optamos por abordar esse período a partir da ótica dos ex-presos políticos, respondendo assim à pergunta sugerida por Becker (1977) ao se iniciar uma pesquisa: “De que lado estamos?”.

Este posicionamento, longe de desqualificar a neutralidade exigida para o pesquisador, é fruto do entendimento de que o pesquisador é um ser humano forjado por um determinado contexto social e, portanto, também um fenômeno social.

Se para construir o perfil dos sujeitos desta proposta de investigação foram selecionadas informações a partir do interesse em formar um determinado quadro, isto também é verdade para os referenciais teóricos que irão orientar este trabalho. A escolha de um determinado referencial teórico em detrimento de outros não é neutra, pois é feita de

acordo com o ângulo e a visão de mundo do pesquisador. Neste sentido, pode-se dizer que a teoria tem uma função legitimadora da visão de mundo do investigador.

## **CAPÍTULO 3 – A METODOLOGIA**

### **3.1. A escolha da trajetória metodológica**

Este trabalho define-se, do ponto de vista metodológico, como uma pesquisa qualitativa de vertente fenomenológica. Ao buscarmos desvelar o significado do passado de militância política na identidade de um grupo de ex-militantes políticos do golpe militar de 1964, inscrevemo-nos no campo do estudo da fenomenologia que envolve o estudo de fenômenos humanos, tais como foram vividos e experienciados.

### **3.2. A fenomenologia como vertente metodológica**

Através das idéias de Husserl, o método fenomenológico propõe a apreensão da realidade através de uma “volta às coisas mesmas”. O interesse da fenomenologia não é o mundo que existe, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa. Para alcançar a essência dessa realidade ou fenômeno, é preciso um distanciamento de tudo que existe a priori, alcançado através da redução fenomenológica.

Forghieri (1993) interpreta a redução fenomenológica, defendida por Husserl, como uma espécie de retorno ao mundo vivido. Seria algo como colocar em suspenso os conhecimentos, idéias, teorias e preconceitos, a fim de concentrar-se exclusivamente na experiência do sujeito em foco e, assim, alcançar a essência do conhecimento. Merleau-Ponty (1994), por sua vez, avalia que, embora a redução fenomenológica seja algo a ser perseguido, jamais será alcançada na sua plenitude. Para ele, a redução fenomenológica possível, consiste no exercício de reflexão profunda, que nos revele os preconceitos em nós estabelecidos e nos leve a transformar nossa atitude em relação a esses condicionamentos sem, entretanto, jamais negar sua existência.

Após essas considerações, é importante esclarecer que, ao falarmos em pesquisa de inspiração fenomenológica, não significa adotar, entre outros aspectos, a perspectiva husserliana de redução fenomenológica. Podemos definir o método utilizado neste estudo como de inspiração fenomenológica, mas que não contempla a redução fenomenológica. Ao contrário, esta pesquisa parece caminhar em outra direção. Ou seja, justamente por concordar com Merleau-Ponty (1994) sobre a impossibilidade de uma redução completa, trabalharemos na perspectiva de que na pesquisa há sempre a influência dos valores, ideologia, interesses e preconceitos do pesquisador, o que implica em dizer, seguindo Thiollent (1980) e Becker (1977), que no campo de pesquisa das ciências sociais a neutralidade não existe e a objetividade é relativa.

### **3.3. Método qualitativo de coleta de dados: história de vida**

Entendemos que a nossa escolha do método de história de vida vai de encontro aos pressupostos da pesquisa qualitativa de inspiração fenomenológica, uma vez que compreende a experiência vivida pelos nossos entrevistados. A tentativa de imersão na experiência humana representa uma tarefa de extrema complexidade, uma vez que o homem constitui-se numa subjetividade que pensa, sente e tem na linguagem a expressão da sua existência, sendo esta fluida, processual, semelhante e, ao mesmo tempo, distinta de todos os outros. A história de vida, portanto, ao considerar essa dimensão do mundo vivido, abre a possibilidade de nos aproximarmos do outro, sem que se perca a principal característica que o distingue no mundo, que é a singularidade da sua existência. Assim, cada um dos nossos entrevistados, ao narrar a sua história de vida, coloca-nos como participantes de sua experiência, fazendo com que sejamos sujeitos dessa experiência. Conforme Schmidt (1990, p.70): “cabe ao pesquisador colocar-se, então, mais como um recolhedor da experiência, inspirado pela vontade de compreender, do que como um investigador em busca de explicações”.

Segundo Benjamin (1994, p. 37), a arte de contar uma história é um acontecimento infinito, “pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”. Assim, a narrativa, se reconstrói na medida em que uma experiência é narrada, portanto, não é uma lembrança acabada desta mesma experiência. Toda narrativa envolve a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. A narrativa tem a capacidade de suscitar nos seus ouvintes os mais diversos conteúdos e estados emocionais, uma vez que, diferentemente da informação, ela não nos fornece respostas. Pelo contrário, a experiência vivida e transmitida pelo narrador nos sensibiliza, alcança-nos nos significados que atribuímos à experiência, assimilando-a de acordo com a nossa.

A consonância com tal modo de pensar a experiência e a narrativa como a sua expressão, levaram-nos a eleger a história de vida como uma técnica metodológica apropriada aos estudos que se fundamentam nas idéias fenomenológicas e existenciais, presentes nas experiências de situações limite que marcaram a trajetória de vida de nossos entrevistados.

Embora existam discussões acerca das diferenças do termo “história de vida” e “estória de vida” e o campo de estudo a que se referem, optamos pela posição de Atkinson (1998), que diz: “são termos diferentes para o mesmo objeto”.

### **3.4. As entrevistas**

Segundo Haguete (1992) a entrevista pode ser definida como uma interação social entre duas pessoas na qual, uma delas, o entrevistador, tem por objetivo colher informações do outro, o entrevistado. Na pesquisa qualitativa, a relação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado permite um diálogo amplo e aberto, favorecendo não apenas o acesso às opiniões e às percepções dos entrevistados a respeito de um tema, como também a

compreensão das motivações e dos valores que dão suporte à visão particular da pessoa em relação às questões propostas.

Os sujeitos da nossa investigação foram constituídos por ex-militantes políticos, todos do sexo masculino, faixa etária entre 61 a 81 anos, que participaram da resistência ao Golpe Militar de 1964 e passaram pela experiência de clandestinidade, prisão e tortura. Esses aspectos formaram o perfil dos nossos entrevistados que, por meio das narrativas de suas histórias de vidas, trouxeram à tona fatos, circunstâncias e motivações pessoais que moldaram suas identidades políticas no passado como também no presente.

Tendo em vista o tempo necessário para a construção de uma história de vida, uma vez que é o entrevistado que determina a forma, o conteúdo e o significado de determinados eventos da sua história de vida — segundo Atkinson (1998), a história de vida é a história que a pessoa escolhe para contar aos outros sobre as experiências que viveu, ou seja, é ela quem define quem e quais acontecimentos devem dela participar — optamos, inicialmente, por realizar três entrevistas, que seriam selecionadas a partir de uma lista de oito nomes indicados como potenciais depoentes, mas que ainda não haviam sido contatados, portanto, uma situação hipotética.

Ao iniciar os trabalhos, a indeterminação que marca a construção de um campo de investigação que, com bastante frequência, altera o planejamento inicial de coleta de dados, também se fez presente nesta investigação. Os contatos, sem uma intermediação direta mostraram-se infrutíferos, até que, por meio da interferência de uma pessoa amiga, conseguimos nosso primeiro entrevistado. Estabelecido o “rapport”, iniciamos a entrevista, solicitando ao nosso entrevistado que contasse sua história de vida, da infância a juventude, da entrada na militância a prisão e da volta à vida legal até os dias de hoje, de acordo com o roteiro que havíamos idealizado. Logo percebemos que essa técnica não atendia às nossas expectativas, pois o colocava numa espécie de “camisa de força”, deixando pouca margem

para um depoimento espontâneo. Assim, decidimos não mais enquadrar a narrativa de acordo com o desenho previamente elaborado.

Ao deixarmos que o entrevistado conduzisse a sua história de vida, as narrativas ganharam densidade e vida própria. As lembranças começaram a brotar, remetendo a outras lembranças, tal como as madalenas de Proust. Não seria essa a memória involuntária? Aquela que, segundo Proust, não está em evidência, mas oculta em objetos privilegiados com o poder de despertar “o tempo morto”, e se o acaso permite que se encontre tal objeto, o passado é trazido do esquecimento e deixa de ser tempo perdido? (PROUST, 1981).

Outra alteração em relação ao nosso planejamento inicial diz respeito ao número de entrevistados que de três passaram a ser cinco. Essa foi uma mudança resultante da natureza da pesquisa qualitativa que é de um campo aberto para a construção de novas relações. Relações estas que vão muito além de um contato ocasional entre pesquisador e pesquisado. Os contatos consecutivos foram criando uma forma de “parceria” espontânea. Assim, o primeiro entrevistado, solidário com nosso trabalho, se prontificou a realizar contato com uma pessoa de suas relações que, como ele, havia participado da resistência ao Golpe Militar de 1964. Sabendo da importância de uma intermediação no processo de convencimento para esse tipo de entrevista — que requer tempo e disposição para revelar experiências, na maioria das vezes, extremamente dolorosas de serem lembradas — aceitamos essa ajuda como uma dádiva. Com o segundo entrevistado ocorreu o mesmo. Na terceira entrevista, quando esperávamos concluir a coleta de dados, outras pessoas foram indicadas e contatadas espontaneamente por esse último entrevistado. Embora isso representasse um tempo adicional ao nosso cronograma de entrevistas, incorporamos com satisfação esses novos participantes que, sem dúvida, enriqueceram nosso trabalho.

As narrativas foram gravadas, transcritas e editadas. Posteriormente, os textos foram submetidos à avaliação dos entrevistados, para que eles pudessem conferir a sua

fidelidade à narrativa feita, com liberdade de corrigir, suprimir ou modificar palavras e trechos. Este procedimento se traduziu em muitos outros encontros, onde pontos das narrativas eram esclarecidos, um verdadeiro trabalho de “lapidação”, conduzido pelo entrevistado na busca pela coerência dos fatos narrados.

Essa preocupação com a fidelidade do texto em relação à história de vida narrada, presente em todos os nossos entrevistados, segundo Pollack (1992), é parte do processo de construção da auto-imagem, pois ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. Desta forma, a construção da identidade seria um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Nesse sentido, pode-se dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas.

### **3.5. A leitura das entrevistas**

A leitura de um conjunto de histórias de vida não é uma tarefa simples como parece à primeira vista, principalmente quando se tem como premissa que cada narrativa representa uma totalidade, portanto única, singular. Atkinson (1998) nos lembra que compreender partes de uma história é importante para identificar padrões e temas que conectam as partes em totalidade, mas não perder de vista que o sentido e o significado de uma história de vida é dado pela sua totalidade e não pela suas partes e que a chave da interpretação de uma história de vida é encontrar o ponto de vista de quem viveu a história.

Pode-se dizer que o exercício de encontrar o ponto de vista de quem viveu a história é, de certa forma, um exercício de colocar em prática a redução fenomenológica, tal como entendida por Merleau-Ponty (1994), que consiste, basicamente, no exercício de reflexão que nos revele os preconceitos em nós estabelecidos e, a partir daí, nos leve a

transformar nossa atitude em relação aos outros. Antônio Candido, em sua carta a Celso Lafer sobre a leitura do pensamento de Hannah Arendt, revela: [...] como inveterada ‘raposa’, eu procuro me colocar no ponto de vista do autor. Posto nesta posição, vejo sobretudo a coerência do seu pensamento, não a correspondência ao meu [...] (MORAES; BIGNOTTO, 2001). Esta atitude é semelhante àquela que Atkinson (1998) diz ser fundamental na análise de histórias de vida que é a de não julgar, mas buscar conexões.

Com a riqueza das narrativas, principalmente no que se refere à memória coletiva, a elaboração de um quadro de análise coerente com a nossa proposta inicial torna-se uma tarefa árdua, mesmo porque o conteúdo de uma história de vida extrapola os limites de qualquer conjunto de categorias previamente estabelecidas. Os fatos históricos, enriquecidos com detalhes e nuances pelo olhar e a experiência singular de cada entrevistado, parecem ganhar vida própria, dando-nos a sensação de que as delimitações exigidas pelo foco do estudo retiram o sentido de totalidade que toda história de vida contém.

Neste sentido, Polkinghorne (1995) nos chama a atenção para algumas histórias de vida que, de tão poderosas, dispensam interpretações adicionais para mergulhar no universo de significados dessas pessoas, cabendo nesses casos a elaboração de comentários sobre as partes que dizem respeito mais diretamente às questões da pesquisa. Atkinson (1998), por sua vez, consciente do caráter altamente individual e subjetivo das interpretações, sugere que tenhamos em mente que dentre as múltiplas interpretações possíveis a respeito de uma história de vida, nenhuma detém o monopólio da verdade, pois cada história é, ao mesmo tempo, uma e múltipla e que o ato de contar história de vida em si é um trabalho de construção de significados, fruto do pensamento reflexivo, portanto, uma obra completa.

As considerações de Polkinghorne (1995) e Atkinson (1998) nos ofereceram respostas aos dilemas que se apresentaram após a leitura das narrativas que, de uma forma muito clara, respondia às nossas questões de investigação e que, em nossa avaliação,

dispensava interpretações adicionais. Se, inicialmente, no projeto de pesquisa, o uso da técnica da análise de conteúdo de Bardin (1977) – que parte do pressuposto de que, por trás do discurso aparente, simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido a ser desvelado – nos parecia mais apropriada ao tipo de investigação que estávamos nos propondo realizar, no momento da análise das narrativas, acabou se revelando destoante com a perspectiva adotada por nós, ou seja, de interpretar cada história de vida do ponto de vista de quem viveu a história, o que significa dizer que o reconhecemos como expertos e as autoridades de suas próprias vidas (ATKINSON, 1998), portanto, autores do desvelamento a que se propõe a análise de conteúdo.

Sem perder de vista esses ensinamentos, no modelo de análise que nos propusemos realizar, buscamos inicialmente identificar nas narrativas referências comuns como: origem familiar, iniciação política, engajamento na luta política e o momento presente. Muito embora as narrativas não apresentem desdobramentos de uma dada cronologia, pudemos identificar uma espécie de eixo que ordena a rememoração dessas trajetórias do ponto de vista do presente, que se definem por três momentos básicos: o percurso do engajamento no projeto de esquerda (da infância à adolescência); a militância (seus desdobramentos e conseqüências) e o momento presente (avaliação das experiências de militância e identidade política atual).

Coerente com o nosso reconhecimento de que os entrevistados são expertos e autoridades de suas próprias vidas, optamos por incluir no corpo desta dissertação um capítulo dedicado às histórias de vidas, com intuito de permitir que o leitor possa conhecer os significados atribuídos por cada um dos nossos entrevistados às suas histórias de vida e, a partir daí, avaliar e assimilar as experiências narradas de acordo com a sua própria visão de mundo, com sua história de vida. Temos a consciência de que, ao dar destaque a essas narrativas, corremos o risco de expor nossas limitações teórico-metodológicas que, com

certeza, não abarcam, nem de perto, o universo das experiências narradas e, tampouco, é esta a nossa pretensão.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que em sendo nossos entrevistados personagens da história recente do país, a vida privada tende a ocupar pouco espaço nas suas narrativas, fazendo com que uma boa parte de nossos comentários, principalmente na parte da militância, girem em torno de feitos e fatos coletivos conhecidos, que nos induzem, em alguns momentos, à sensação de estamos dando um tratamento histórico a pesquisa, o que não condiz absolutamente com a nossa proposta de investigação. Assim, se recorremos muitas vezes a uma espécie de “enquadramento” histórico de fatos narrados por nossos entrevistados, nossa intenção é tão somente localizar ou contextualizar os acontecimentos, de forma a nos permitir uma compreensão mais aprofundada dos fatores históricos – sociais que contribuíram para forjar a identidade política nossos sujeitos de investigação.

É importante esclarecer que todos os entrevistados autorizaram, por escrito, a publicação das suas narrativas, bem como a divulgação de seus nomes verdadeiros.

## CAPÍTULO 4 – HISTÓRIAS DE VIDA: HISTÓRIAS DE “AMOR AO MUNDO”

*“O centro da política é a preocupação com o mundo e a essência da vocação política é o amor ao mundo” (Hannah Arendt).*

### 4.1. Perly

*O sentido da vida foi aquele que nos levou à prisão. Imagine eu preso, condenado a noventa e tantos anos, chegar à conclusão que nada do que fiz valeu a pena. Se isso acontecesse eu me acabava, até fisicamente [...]*

Nasci em 10 de agosto de 1943, dia de São Lourenço, santo protetor dos queimados. Eu já tive o corpo queimado em 30% e sobrevivi. Acredito que o santo me protegeu.

Nasci em Aimorés, Minas Gerais, com um ano e meio fui para o Espírito Santo. Saí de uma região contestada, fui para uma região do Espírito Santo, Barra do São Francisco, uma região também contestada. De Minas para o Espírito Santo, de família pobre, rurais, ali cresci como outra criança qualquer.

Comecei a estudar com oito anos. Meus pais diziam que era melhor começar um pouco mais tarde, senão podia cansar e desistir. Portanto, estudei em escola pública, Grupo Escolar Gutenberg.

Não tinha nenhuma vontade de ir para escola, nem gostava de ficar na escola, não era um aluno muito esforçado. Sofria muito, achava que a escola me prendia, porque eu vivia solto, solto pelo mundo. E nessa escola, pela primeira vez, apanhei, fiquei de castigo, bolos e palmatória. Meus pais nunca me bateram, minha mãe só me deu três chineladas por erros meus (...) talvez as únicas merecidas. Uma vez a professora praticamente queria me chutar. Eu nunca contava nada em casa, pois meus pais sempre diziam: “Não me traga coisas da rua”. A única coisa que eu tive coragem de contar para o meu pai foi que a professora quis me chutar. Ele era um tropeiro, semi-analfabeto, mas nunca tinha dado-me um cocorote. Ele foi lá

na escola, brigou com a professora, brigou com todo mundo e falou que se quisesse que o filho dele aprendesse a dar coice, ele deixava no pasto, com os burros, com os cavalos. Foi uma grosseria dele, mas só hoje entendo que aquela grosseria era alguma coisa até filosófica. Ele não queria que o filho dele apanhasse.

Eu estudei no grupo escolar, depois fui para o Ginásio Independência. Fiz o curso ginásial, que na época durava uns quatro anos. A gente fazia os quatro anos primários e depois ia para um curso de admissão, por dois meses, e só depois fazia o chamado curso ginásial que era de quatro anos. Eu sou da segunda turma desse colégio. Como não tinha mais jeito de continuar os estudos em Aymorés fui para Vitória estudar.

Já tinha as primeiras noções, muito distante, ainda, de política. Meu irmão era um militante comunista. Passava lá em casa de vez em quando e eu o escutava falando sobre política. Meu pai foi do PSD e falava muito que o Brasil precisava de uma guerra civil para acabar com os ladrões. Eu não entendia por que era isso, o que que tinha uma coisa a ver com a outra. O meu irmão, às vezes, lá em casa, sentado jogando cartas com a família, com as pessoas, com os amigos dele, falava do socialismo. Para mim, aquelas conversas não faziam muito sentido. De qualquer forma, foram as primeiras noções de política que meus ouvidos captaram.

A primeira manifestação de consciência política que me lembro, foi uma participação em um protesto lá no Ginásio Independência. Uma área da escola, que ficava bem ao lado do ginásio, era pouco iluminada e os jovens, alguns poucos, mais corajosos, mais aventureiros, às vezes se encostavam por ali e eventualmente se beijavam, o que era coisa rara. Naquele período, até beijar era uma coisa meio de audácia, um ato de coragem. Uma pessoa — não me lembro se era oficial de menor ou juiz de paz — foi ao diretor reclamar que os jovens estavam namorando naquele local. Eu senti indignação. Por conta disso, o diretor resolveu botar mais lâmpadas no local. Ficamos indignados com o diretor e protestamos.

A outra vez que eu senti indignação, imagino que já era um pequeno princípio de consciência, foi com relação a um fato que ocorreu ainda no Ginásio Independência com o professor Célio Magalhães, professor de matemática, muito rígido, e eu tinha uma dificuldade imensa de aprender matemática. Tinha não, continuo tendo. Eu chegava a ter pesadelo quando pensava no Célio, porque ele era disciplinado, rígido. Bom professor de matemática, naquela época, era aquele que fosse mais durão, que ameaçava reprovar a metade da classe. Mas ele era, de fato, um bom professor, eu é que não era um bom aluno. Ele resolveu ser candidato a vereador, pela UDN ou PSD, e o dono do colégio, que era do PTB, o afastou do colégio. Houve uma certa indignação entres os alunos, que protestaram. Participei do protesto, embora tivesse medo do Célio, porque achava que ele era um professor muito rígido. Achava que a atitude do diretor estava errada, mesmo não querendo o Célio como professor. Era uma contradição que já vivia naquela época.

Depois, já no final do curso ginásial, vi passar na minha casa muitas pessoas. Passavam alguns comunistas e eles dormiam lá. Eram viagens longas, ninguém tinha carro próprio. Chegavam de ônibus e alguns a cavalo. E eles dirigiam-se para cidade vizinha de Ecoporanga, onde havia uma grande luta dos posseiros. Inclusive há livros sobre essa região.

A história dessa região começa com a vinda de um beato chamado Udelino, da Bahia. Esse beato lidera um movimento de criação, em torno de Ecoporanga, de um novo Estado brasileiro – o Estado de União de Jeová. Depois a polícia reprime, massacra muita gente. Apesar de existir vários livros sobre a região, esse fato ainda é pouco conhecido. Acho que isso aconteceu em Cotaxé, Distrito de Ecoporanga, região onde viviam esses posseiros que tiveram confrontos com a polícia e que resultou na morte de muita gente.

Posteriormente, já em uma outra etapa, com o avanço da luta, o partido comunista começou a enviar pessoas para lá. Muitas pessoas lá viveram e ajudaram a organizar a

resistência. Essas pessoas, para ir a Ecoporanga, passavam pela minha casa e eu acabava ouvindo muitas histórias, alguns falavam sobre a União Soviética, socialismo.

Meu pai era do PSD, mas achava que os comunistas estavam certos. Já em 1959, eu ouvi meu pai dizendo várias vezes: “Precisamos de um Fidel Castro para consertar esse país!”. A visão um pouco simples, mas na cabeça dele, tinha que ter uma revolução civil, uma guerra civil, para consertar o país da ladroagem. Na concepção dele, a ladroagem era o pior dos crimes. Os rurais quase sempre são muito radicais quanto ao roubo. Roubo é roubo de gado, de cavalo. Na cabeça deles roubar era até mais grave que matar. Matar poderia ser por uma briga de família, por desafeto, por vingança. Na minha casa vi passarem muitas pessoas que eram pistoleiros, que diziam: “Eu tive uma briga lá e matei dois em tal lugar”. Para mim, ele havia se vingado do cara que bateu nos pais dele. Eu não estranhava, achava plenamente normal, não achava errado.

Então, eu fui pra Vitória em 1960, mas já tinha alguns contatos. Tinha pouca leitura, pois, no interior não tinha jornal, só se ouvia o noticiário pelo rádio, o que me impressionava muito.

Eu vi quando chegou o primeiro rádio na minha casa. Era imenso, com uma bateria quase do tamanho do rádio, gigantesca. Veio até gente de fora para ver o rádio ser instalado. Tinha-se pouca informação do mundo que ouvíamos pelo rádio. Isso já no final de 1950. Não tinha televisão e o jornal era praticamente inexistente nessa região.

Quando fui para Vitória, em 1960, passo a ter um contato maior com os comunistas. Lá tinha um jornal chamado de “Folha Capixaba” e passei a frequentar esse jornal que existia legalmente há muitos anos, dirigido por pessoas ligadas ao Partido Comunista Brasileiro, mas não era um jornal do Partido.

Tinha contato com pessoas que haviam passado na minha casa para ir para regiões de conflito. Na minha cidade, Barra de São Francisco, conhecia um vereador comunista,

Nelson Fraga, que era farmacêutico e morava no Distrito de Cachoeirinha. Percebia que os comunistas eram pessoas um pouco diferentes dos outros, isso suscitava em mim uma certa curiosidade. Ao mesmo tempo em que tinha essa curiosidade, tinha também um certo pavor. Se hoje as pessoas falam mal dos comunistas, imagine naquele período. O pavor vinha da propaganda disseminada na sociedade de que os comunistas matavam, estupravam, matavam padres e freiras, comiam criancinhas e até faziam igrejas virarem armazéns. Mas, de qualquer maneira, talvez tenha sido esse espírito de contestação dos comunistas que me seduziu, mas sem ter pretensão de querer transformar igreja em armazém...

Apesar de toda essa propaganda contra o comunismo, isso era insuficiente para arrefecer a minha vontade de fazer alguma coisa, embora sem muita consciência. Então, em Vitória, comecei a ter contato, eu ia ao jornal, encontrava algumas dessas pessoas que eu conhecia e passei a ler mais. Lembro-me até hoje do Severino Bezerra, um estudante comunista, de uma família de comunistas e que lia muito, era um grande intelectual. Quando eu o conheci ele já lia muito, para mim era uma das pessoas que mais lia, sobre todas as coisas, ele sabia tudo. Eu ficava muito impressionado com a sua inteligência. Quando ele me chamou para entrar no partido, eu não aceitei.

Em Vitória, estudei no Colégio Americano Batista, no Colégio Estadual e depois fui para o Colégio Salesiano, quando já participava do movimento estudantil. Ajudei a fundar uma entidade – a União Espírito Santense de Estudantes Secundaristas. Existia uma entidade estadual – a União Capixaba dos Estudantes – e nós, por divergência, criamos uma outra entidade. Eu tinha pouco papel nessa entidade, era apenas um bom trabalhador e fazia parte da diretoria. Reconheço que era uma pessoa disposta, ia a todas as reuniões, mas a liderança maior desta entidade era o Leônidas de Souza.

Nesse período, eu já tinha uma noção da luta pelas Reformas de Base, isto é, tinha noção de um outro movimento que não era apenas estudantil. Na minha cabeça, parecia que

essas Reformas tinham uma dimensão muito grande. As Reformas de Bases abrangiam a reforma agrária, bancária, urbana, estudantil, etc. Enfim, todas as reformas que ainda hoje são faladas, já naquela época eram discutidas. Tudo me parecia justo e eu sabia exatamente definir bem entre uma reforma e outra.

No Espírito Santo, ajudamos na criação dos sindicatos rurais. Na época, era o Guilherme Ataulpa de Motezuma Breder que estava na Superintendência de Reforma Agrária e foi a principal figura na organização do campesinato capixaba. Então, nós íamos ao interior ajudar a criar os sindicatos rurais. Era difícil explicar para o trabalhador rural qual era o papel do sindicato. Na cidade é mais fácil convencer os trabalhadores a entrarem para um sindicato. Pode-se falar em lutar por aumento de salário, aposentadoria, diminuição de jornada de trabalho, etc. No meio rural não tem nada disso. No Espírito Santo são muitos os pequenos proprietários e meeiros. Por exemplo, falar sobre a greve para esses trabalhadores não tinha sentido. É muito difícil para um meeiro entender o que é uma greve. A metade do café que colhe é dele. Como é que ele vai parar para fazer greve? Só se fizer contra ele mesmo. Depois, com a presença dos trabalhadores rurais e as lutas camponesas, a briga já começava a aparecer no cenário nacional. Começamos então a criação dos sindicatos.

Acompanhei boa parte da criação dos primeiros sindicatos rurais. Tinha uma pessoa, hoje já morto, que se chamava Enéas Pinheiro. Ele era comunista e tinha estado na União Soviética. Ficávamos encantados com ele por isso. Afinal, ir à União Soviética era quase um sonho irrealizável. Eu o acompanhei a vários lugares para criação dos sindicatos dos trabalhadores rurais. Nas reuniões, quando compareciam vinte pessoas a gente ficava numa alegria imensa. Vinte pessoas era muita gente, afinal aquelas pessoas tinham ido ali a despeito do que o padre tinha falado na Igreja Católica, que era muito conservadora. Na criação dos primeiros sindicatos no Espírito Santo, havia mais espíritas e evangélicos que católicos. Os padres eram muito conservadores. Muitos vinham da Espanha, de Portugal e da Itália e faziam

uma propaganda intensa contra o comunismo. Os padres recebiam a revista conservadora do Ibade, o Reader's Digest que era americana, além de outras de orientação anticomunista produzidas por umas agências americanas.

O Enéas Pinheiro, falava para os trabalhadores baseando-se na Bíblia. Como, no passado, ele tinha sido pregador evangélico, além de estar habituado a falar em público, conhecia bem a Bíblia. Então, ele explicava aos trabalhadores um pouco do que era o sindicato e o socialismo, tudo isso através da Bíblia. Eu assistia aquilo, mas não achava aquilo que ele estava achando na Bíblia. De qualquer maneira, era interessante a linguagem usada por ele, porque conseguia, usando passagens da Bíblia, fazer com que os trabalhadores entendessem o que era o socialismo e o sindicato.

Fazer com que os trabalhadores entendessem o papel do sindicato era difícil. Afinal, para criar um sindicato é preciso ter uma sede e para se filiar é preciso pagar. Como justificar uma sede se não havia nenhum grau de organização entre os trabalhadores? Tanto é que, as primeiras sedes eram quase sempre instaladas em uma saletinha pequenininha, cedida por alguém ao sindicato. Mas o que que o trabalhador ia fazer lá? Não tinha carteira assinada de trabalho, portanto, não tinha aposentadoria, não tinha férias e não tinha luta por salário. Meeiro, assim como o proprietário, não tem salário e não tem crédito bancário, o que torna difícil explicar os benefícios da criação de um sindicato.

Muita da atuação do sindicato foi centrada na orientação de como receber do governo benefícios para as famílias, instituído nos anos sessenta. Se uma família tivesse cinco filhos, com menos de doze ou treze anos, podia juntar as certidões de nascimento e dar entrada no cartório para receber uma pequena ajuda. Apesar de ser uma ajuda bem pequena, era muito importante para os trabalhadores uma vez que estes viviam no limite da sobrevivência. Lembro-me que ajudei muitos trabalhadores a dar entrada no pedido de

benefícios. Alguns não receberam, havia a suspeita de que o cartório pegava um pouco daquele dinheiro quando chegava. Nunca soube a verdade, não houve uma investigação.

Com a criação dos sindicatos, antes de 1964, começa-se a vislumbrar certo grau de mobilização, incentivado pela Frente de Mobilização. Havia, também, a influência do Grupo dos 11 do Brizola. As pessoas mais esclarecidas, em alguns municípios, estavam ligadas ao Grupo dos 11. Era uma coisa ainda incipiente, mas já se percebia essa outra discussão.

O Partido Comunista também tinha presença no cenário nacional. Atuei no movimento estudantil para entrar no Partido Comunista. Marcamos uma reunião no jornal Folha Capixaba com um dirigente do Partidão. Fui eu, meus primos e uma outra pessoa, mas o dirigente não compareceu à reunião. Fomos lá para sermos “recrutados”, que era a expressão que se usava na época, e o dirigente não estava lá. Lembro-me, até hoje, meus primos dizendo: “Nunca mais quero ver esse pessoal. A gente vem aqui e o cara nem aparece”. Com isso meus primos desistiram, à exceção de um deles. Eu acabei ficando do mesmo jeito, junto com um dos primos e acabamos criando a chamada Base Secundarista. Literalmente, recrutei-me. Achava que era importante e entrei para o partido. Sem muita noção, sem muita compreensão, mas lendo muito. Fiz o cursinho oferecido pelo partido e líamos o material que nos forneciam. O Manifesto Comunista me impressionou muito pela linguagem, pelo texto. Parecia radical e, ao mesmo tempo, romântico. Era isso que me impressionava e atraía. Lia também os romances do povo. O partido tinha uma coleção de livros de muitos intelectuais de esquerda. Li *Judeu sem Dinheiro*, do Jacques Roumain, do Haiti, *Senhor Deus dos Desgraçados*, do Gondim da Fonseca, que falava do petróleo. Até hoje me lembro que, muitas vezes, quando eu queria atrair alguém para o partido não começava com um livro marxista. Pegava o livro do Gondim da Fonseca, que falava numa linguagem muito interessante sobre petróleo, riqueza e, sobretudo falava mal dos americanos, principalmente contra o Mr. Link, um americano que fez uma pesquisa no Brasil e que dizia

que o Brasil não tinha petróleo. Eu cresci e militei falando mal desse Mr. Link. Falava também do imperialismo e das lutas que se travavam na África, uma coisa importantíssima, a ponto de a União Soviética criar a Universidade Patrício Lumumba.

Nesse período, o que é que ocorre? A nossa cabeça estava ocupada pelas reformas, que era uma coisa ampla, a presença dos trabalhadores rurais, que era uma coisa nova e também pela descoberta desse outro mundo, chamado mundo socialista. Cuba exercia uma influência imensa. A Revolução Cubana havia alfabetizado toda a população, aquilo era uma coisa fantástica para nossa cabeça.

Quando veio o Golpe em 1964, tínhamos montado um grupo para alfabetização de adultos. Nossa idéia era de, voluntariamente, ir para os bairros alfabetizar.

Antes, já tinha exercido, ilegalmente, a profissão de professor. Dei aula na Ilha do Príncipe, em Vitória, na época uma ilha bem pobre. Foi montado um cursinho, uma espécie de cursinho de admissão, onde eu dava aulas, junto com alguns amigos meus. A gente tinha que caminhar muito, ir a pé, voltar. E os alunos eram muito pobres, algumas traziam caixote para assistir às aulas. Acho que eu desisti da condição de professor porque os alunos, por serem pobres, não podiam comprar o caderno. Eu, que já não tinha dinheiro, de vez em quando tinha que comprar um caderno para um aluno. A situação era difícil. A gente deu aula lá por um período, mas eu sonhava com a alfabetização, tal como ocorrera em Cuba.

Cuba tinha uma influência grande. Uma ilha que havia feito uma revolução, isso é uma coisa muito romântica. Nós já tínhamos uma noção desse outro mundo. Havia modelos como Guevara, Fidel Castro, mas também Mao Tse Tung. A China sempre foi um encanto para todo o mundo, independente do que pensem. A gente também acompanhava os acontecimentos na União Soviética, líamos tudo o que aparecia. Era como se fossem dois mundos divididos e a gente se posicionava em um desses mundos. Nesse período as pessoas procuravam se situar de um lado ou de outro. É como se o mundo tivesse dois pólos. Não digo

que todo mundo pensasse assim, mas no caminho que a gente estava seguindo esses pólos existiam. O fato de ter dois pólos facilitava na comparação. Então, a gente falava: “Na Polônia estão produzindo tantos tratores”. “Não sei aonde acabou o analfabetismo”. “Em tal lugar foram produzidas tantas toneladas de trigo”. “Os Estados Unidos ajudou nos golpes militares na América do Sul”. Enfim, você ia fazendo uma contraposição entre um pólo e o outro.

Nesse período, até 1964, havia uma grande mobilização no Brasil, a gente sentia isso. As pessoas falavam mal do Lacerda. Eu lembro que em 1963, quando estudava em um colégio estadual, um grande amigo meu, que era líder da juventude, estava chamando as pessoas para recepcionar o Lacerda. Para mim, comunista, Lacerda era o contraponto do que havia de pior. Era direitista e seu apelido era “o corvo”. Fizemos uma agitação em nossa sala, a confusão foi tanta que acabamos com a mobilização do Lacerda. Acabou porque nós fizemos muita pressão, também promovemos muita discussão. E nesse mesmo período, surgiram notícias que o Lacerda havia matado uns mendigos, que foram jogados no Rio Guandu. Lacerda tinha tomado essas medidas para acabar com as favelas e “limpar a cidade” para os turistas.

Então já havia uma certa efervescência e nos localizávamos no mundo, devido a um certo conhecimento adquirido por meio de leitura e de discussões. A gente se localizava no Espírito Santo, se localizava no contexto do Brasil e se localizava no contexto do mundo. Tínhamos descoberto que o mundo era maior e que fazíamos parte de um projeto.

A nossa percepção, alimentada pelas leituras, era de que o socialismo seria uma coisa inevitável. Diziam que era inexorável. Eu ficava desesperado para entender o sentido dessa palavra. É quase como se você, querendo ou não querendo o socialismo, ele virá. Muito embora tivéssemos a consciência de que precisávamos fazer alguma coisa para que isso acontecesse. Nesse período, a gente sentia que a sociedade civil não era muito forte. A luta

das mulheres, dos negros, dos índios, na nossa cabeça, seria mais bem equacionada quando o socialismo chegasse.

Quando veio o Golpe, foi um baque muito grande. Muitos, nem tomaram conhecimento da existência do Golpe, continuaram suas vidas do jeito de sempre. Às vezes, tem-se a impressão que todas as pessoas foram afetadas pelo Golpe, o que não corresponde à realidade. Para uma boa parte da população a vida continuou, dentro da mesma rotina.

A Igreja Católica teve um papel importante na mobilização e na complementação ideológica do Golpe Militar, inclusive junto à classe média promovendo as famosas Marchas da Família.

Naquele momento de grande ruptura, o ser humano continuou vivendo, mas em outras condições. Houve uma mudança profunda. Pessoas que você imaginava que se tornariam grandes diante dessa situação, às vezes desapareciam, reduziam de tamanho e praticamente passavam a justificar o contrário do que defendiam. Outras, que a gente via como apagadas — era a expressão que a gente usava — se tornavam um leão lá na frente. Isso me marcou muito.

Procurava, na minha cabeça, localizar as pessoas que conhecia e tentava pensar o que estaria se passando com elas. Algumas, eu percebia, continuavam no mesmo ritmo. Outros tinham avançado mais, agora estavam com mais fé, com mais fervor, com mais vontade de fazer alguma coisa. Vi gente que falava em dissidência no PCdoB, porque queriam ser mais alto que o PCdoB, isso em 1962. Eu era do Partido Comunista, mas tinha uma boa convivência com o pessoal do PCdoB. Muitos desses que queriam ser mais radicais do que o PCdoB da época, depois foram para a Arena, se beneficiando do governo e justificando essa mudança. Eu vi isso no parlamento, na área sindical e em outras áreas também. Muitas pessoas, que você achava que tinham um ideal, revelaram que esse ideal era, por assim dizer, fluido. Um ideal que no primeiro enfrentamento de fato, mudou. Não sei se poderia chamar

isso exatamente de ideal. Outros que não estavam envolvidos na luta descobriram que era preciso resistir.

Com o Golpe, você começa a viver essa nova realidade. Muita gente desanimada e muita gente ressurgindo. Como encontrar um fio para conduzir isso? Para mim não foi muito complicado, porque eu era do Partido Comunista e não saí. Continuei acreditando que era preciso prosseguir, mas houve dissidência no próprio Partido Comunista. Essa dissidência aconteceu porque o Prestes, quinze dias ou um mês antes do Golpe, disse que se os gorilas — que era a expressão que se usava para os golpistas militares — tentassem o Golpe seriam enjaulados. Imagine o Prestes ter afirmado isso, ele era uma figura quase santa para nós.

Estive com ele em uma reunião em 1963, no Rio de Janeiro, representando os estudantes secundaristas capixabas. O mito era e é uma coisa muito forte no Brasil. Numa reunião, ou ativo comunista, como chamavam, que aconteceu em um prédio bem ao lado do famoso Hotel Serrador, que havia pegado fogo, o Prestes apareceu para conversar com a juventude. Nunca fui de pedir autógrafo, acho que foi o primeiro autógrafo que eu pedi na minha vida, até cometendo uma ilegalidade. No local da reunião havia uma bibliotecazinha, pegamos um livro e entregamos ao Prestes para que nos desse seu autógrafo. Portanto, a biblioteca da pessoa que havia emprestado o local foi desfalcada. Já cometemos algum deslize...

Antes do Golpe de 1964, fui participar daquele comício da Central do Brasil. Havia viajado de ônibus do Espírito Santo para o Rio. Os discursos nos deixavam entusiasmados e quando aplaudíamos o discurso de uma pessoa do Partido Comunista, chegam os petroleiros com faixas e tochas acesas. No instante seguinte, vimos tochas incendiando as faixas que caíam na multidão. Eram mais de cem mil pessoas, ou duzentas, não sei ao certo. Houve uma correria tremenda, as pessoas sendo arrastadas, foi um verdadeiro pavor. Foi a primeira vez que senti, no meio da multidão, um pavor assim. Fui

arrastado, lembro-me que houve momentos que não sentia meus pés pisando no chão, parecia que eu estava sendo carregado, empurrado. Fiquei impressionado quando vi um carrinho de pipoca todo amassado no chão. É algo assombroso viver um momento como esse. O coração da gente dispara, são momentos que parecem séculos. Então, aquelas pessoas importantes gritavam lá do palanque “calma, calma” até que o tumulto cessou. Quando tudo parou, meu coração batia muito, foi uma sensação terrível. Ser carregado pela multidão é uma coisa assustadora. Eu respirava assim, meio desesperado, mas decidi ficar até o fim do Comício. Localizei uma árvore e pensei: “Eu vou assistir o comício junto a essa árvore. Se houver outro tumulto, vou me abraçar à árvore e ninguém vai me levar nessa onda de pavor”. Quer dizer, eu tinha elaborado toda uma estratégia para me proteger. Quando olho na minha frente, um novo choque. Vi uma senhora, já idosa, cabeça bem branquinha, de costas. Nas costas dessa mulher, tinha várias marcas de sapato. Possivelmente ela deve ter caído e foi pisada durante o tumulto. A despeito de tudo, ela gritava: “Manda brasa, Brizola!”. Ela era uma brizolista. Eu me senti um pouco humilhado. Jovem, eu só estava preocupado com a minha segurança e aquela senhora, embora tenha passado aquele aperto todo, lá estava com todo o seu entusiasmo. Então, a gente vai vendo, sentindo um pouco a dimensão humana. Eu estava com fé, mas estava preocupado em proteger-me, enquanto ela, possivelmente nem se lembrou disso.

No dia do Golpe, eu estava com a cabeça raspada, pois tinha entrado na faculdade de odontologia.

Fizemos a primeira marcha contra o Golpe. Saímos da União Estadual dos Estudantes, a reunião havia sido lá: descemos, percorremos um trecho em direção ao Palácio do Governador, cantamos o Hino Nacional — no meio do caminho esquecemos alguns trechos do hino — carregando uma bandeira e um quadro negro com palavras contra o Golpe. Sempre sonhei em um dia saber quem é que teve essa idéia e de onde apareceu esse quadro.

O Governador Francisco Lacerda Aguiar, conhecido como “Chiquinho”, era uma figura que não se definia, tanto é que as pessoas contavam uma piada em que os militares perguntavam a ele: “De que lado o senhor está, governador?” e ele respondia: “Eu estou do lado da Escola Maria Ortiz.”. Essa escola ficava bem do lado do Palácio... Ficamos em frente à porta do palácio, escolhemos uma comissão, com pessoas de maior representação, para conversar com o governador e eu e outros companheiros permanecemos no portão. Tenho na lembrança uma cena que me assustou muito e que, de vez em quando, vem à minha mente. Os soldados ganhavam muito mal e nós gritávamos: “Soldado é filho do povo, filho de soldado não pode entrar para a universidade”. Falávamos isso porque nós tínhamos tido a oportunidade de entrar na universidade, outros estavam próximos de entrar. Havia um soldado, desses mais antigos, vestindo uma calça cáqui, possivelmente já meio puída até, que respondeu: “Vocês têm razão, mas se mandar atirar, eu atiro”. Ele sabia que nós tínhamos razão, ele tinha consciência que soldado era filho do povo, mas se mandassem atirar ele atiraria. Nós estudantes estávamos vivendo um drama, mas esse soldado também vivia seu drama. Estou falando do drama humano, essa dimensão que é difícil de a gente localizar. Depois, saímos dessa atividade segurando um quadro negro onde estava escrito algo assim: “O governador está ao lado do povo e contra o golpe”. Mas, já na saída, a polícia nos cercou dizendo: “Deixem esse quadro”, largamos nosso quadro para trás. Eu nunca soube como surgiu esse quadro, tinha vontade de um dia localizar esse quadro que deve ter virado pó...

O governador deu uma declaração de que estava ao lado do povo. Nunca vi alguém se declarar contra o povo. A ditadura dizia que estava com o povo e a favor da legalidade. O Brizola também era pela legalidade, todos estavam pela legalidade. Com a democracia é a mesma coisa. Nunca vi ninguém ser contra a democracia, nem a ditadura. Os militares sempre falavam: “Estamos mantendo o Congresso aberto, nós acreditamos que isso é o valor maior”. Então, o discurso do governador, de que estava ao lado do povo, serviu para o

outro dia, quando já tinha praticamente acontecido o Golpe, e apareceu no jornal praticamente dizendo as mesmas palavras.

Então, fiquei na universidade, respondi ao Inquérito Policial Militar (IPM) ainda com a cabeça raspada, muitos professores me questionaram. Esse inquérito era organizado e conduzido por uma comissão de professores. Conversando com alunos de outras faculdades, percebi que em todas as faculdades, sem exceção, havia professores, funcionários e alunos que apoiavam o Golpe. Não só apoiavam, mas se prestavam a delatar. Lembro-me que a gente tinha um ódio muito grande daqueles delatores e suspeitávamos de colegas nossos, de alguns professores e de alguns funcionários.

O curso de odontologia, naquele tempo, tinha uma característica interessante de ser um curso procurado pelos pobres e durava quatro anos. Por coincidência, naquele período fizeram uma lei, que ainda hoje acho que está em vigor, que permitia a quem terminasse o curso de odontologia ingressar no Exército, Marinha, Aeronáutica e no Corpo de Bombeiros, com a patente de tenente. Assim, soldados, cabos e sargentos buscavam os cursos de odontologia para serem promovidos. Nossa faculdade tinha um número imenso de militares. As aulas eram dadas em período mais curto, não era o dia inteiro, o que dava possibilidade para a pessoa estudar e exercer a atividade militar.

Logo depois do Golpe, passados mais ou menos quinze dias, resolvemos fazer uma pichação. Procurei alguém da direção do partido e eles falaram “Não, vocês não devem fazer isso, porque vai chamar a atenção sobre nós”. Acabamos desobedecendo à orientação do partido e fizemos a pichação pouco tempo depois. Você começa a sentir uma certa decepção. Muitos daqueles dirigentes que você conhecia sumiram, evaporaram. Conversei com uma pessoa da direção do partido, do Comitê Central, mas que atuava no Espírito Santo. Era uma figura que havia participado do movimento de 1935, em Natal. Conversei com ele e ele me assegurou: “Esse Golpe não dura seis meses”. Saí de lá animado, afinal ele era uma pessoa da

direção e, como tal, deveria ter informações privilegiadas. Só que a ditadura durou muito mais que os seis meses. Sendo uma pessoa digna, decente, imagino que deve ter ouvido esse comentário de alguém e, como eu, acreditou.

Depois do Golpe, começa no partido uma discussão meio sem pé nem cabeça. As antigas orientações deixaram de ter sentido. Nesse clima, começamos a ler material do Marighella, que passou a exercer uma grande influência sobre nós. A sua trajetória pessoal de luta, sua resistência à prisão, certamente nos seduziu. Lembro-me bem que já estavam preparando um congresso e começaram a chegar as teses. As de Marighella, Jacob Gorender e Mário Alves eram as que tinham, mais ou menos, uma formulação mais próxima do nosso grupo. Na época, eles apresentaram um documento chamado de *Defesa das teses*. Eles só queriam levar aquele único documento para discutir com os comunistas. Só que nós estávamos travando uma luta interna dentro do partido. Chegamos a organizar uma chapa para o sindicato dos metalúrgicos, que era um sindicato importante. Tinha uma chapa mais oficial do Partido Comunista, a nossa — constituída por dissidentes do Partido Comunista — e a do PC do B que era apoiada por um coronel interventor.

No movimento estudantil havia mais comunistas. Eu fazia parte do PCB, mas tinha gente do PC do B, da Ação Popular e da Juventude Universitária Católica. Estive no segundo congresso clandestino da UNE, que não foi aquele de Ibiúna, mas o de Valinhos, se não me engano. Eu fui a esse congresso clandestino, onde devia ter umas mil pessoas. Imagine clandestinidade com mil pessoas... Quando retornamos, eu já havia respondido a um Inquérito Policial Militar na escola, acabei sendo preso. Levaram-me para o Terceiro Batalhão de Caçadores. Fiquei lá três dias, sendo interrogado e com medo que pudesse ocorrer alguma coisa pior.

Nessa ocasião, vi uma coisa que me impressionou muito. Éramos três estudantes de odontologia presos. Na cela ao lado, uma pessoa chorava e eu o chamei: “Companheiro!”.

Pensamos que devia ser alguém nosso que estava na cela ao lado. Então, a pessoa deu logo a entender que não era nem comunista, nem subversivo, nem nada. Disse que dera um cheque de valor bem baixinho e, como estava sem fundo, o haviam prendido. Depois, soubemos até que essa pessoa foi maltratada, até torturada. Na realidade, essa pessoa era um empresário que fazia obras para o Governador Chiquinho. Como os militares queriam cassar o Chiquinho, pressionavam o empresário para que confessasse alguma corrupção que comprometesse o governador. Percebi que tinha outro tipo de gente na prisão que não era da luta política.

Dentre nossas atividades, utilizávamos muito os trotes dos calouros para fazer luta política. O refrão da Odontologia era: “Abaixo a dentadura”. Os movimentos sociais e sindicais haviam sofrido um recuo muito grande com a repressão. O Parlamento se dobrou mais facilmente do que se imaginava. Depois participei de uma atividade de estudantes em Niterói e acabei sendo preso novamente. Levaram-me para o DOPS em Niterói. Não sei bem se era DOPS ou uma delegacia. Fiquei preso umas quatro ou cinco horas, fiquei até de madrugada. Apareceu um advogado que me defendeu. Eu nem sei quem é ele, mas devia ser uma figura muito boa. Eu tenho uma imensa gratidão por essa pessoa, não tenho nem como pagar. Comigo estava uma pessoa menos experiente e eu explicava a ele que não tinha que falar nada. Na cela ao lado, apareceu uma pessoa de um país da América Latina, de língua espanhola, que nos dizia: “Sou cubano, estou aqui porque trouxe umas armas, me prenderam e torturaram muito”, mostrando várias marcas pelo corpo. É bem provável que nem fosse cubano e foi preso por algum tipo de ilegalidade. Apesar de ter sido espancado, porque tinha marcas pelo corpo, ele se prestava àquele papel. Possivelmente, essa pessoa não tinha nenhuma identidade política. Comentei com meu colega que aquilo parecia muito estranho. Deveria ser mais um dos ardis da repressão para que falássemos.

Continuamos no Partido Comunista, mas já na luta interna, fazíamos reuniões separadas. Havia pouca atividade no movimento estudantil e o movimento sindical já estava

muito fraco, acompanhávamos os acontecimentos, em nível nacional, através de jornais. Eu lembro das matérias do Cony no “Jornal da Manhã”. O jornal “Última Hora” era um dos poucos jornais onde se lia alguma crítica ao governo militar. A mídia, grosso modo, aderiu e ajudou na preparação do Golpe, no sentido preciso. Com a visão de hoje, percebe-se que muitas coisas que eram ditas e faladas não eram nem pedidos a donos dos jornais; eles se prestavam a isso voluntariamente. Então, quando se fala que a mídia sofreu censura, é preciso dizer que isso aconteceu em termos. Boa parte da mídia apoiou franca e abertamente o Golpe Militar. A perseguição era individual. Um ou outro jornalista sofreu perseguição. E muitas pessoas hoje no Brasil ainda confundem muito o que é que é a luta de um jornalista e o que é que é da empresa. É preciso deixar claro que a perseguição não era contra o jornal, era contra a pessoa.

Eu tenho muito medo quando as pessoas criam, isso eu já percebia na época, blocos sagrados. A imprensa e as universidades, como um todo, não foram vítimas da repressão. Alguns membros da universidade e da imprensa é que foram vítimas da repressão. Alguns, inclusive, perderam suas vidas na luta contra a repressão. Não se pode dizer que os reitores, que aplicavam decreto Lei 477, o AI-5 das universidades, foram perseguidos pelo regime militar. Esse resgate da verdade ainda não aconteceu. Devolver a cada um o mérito devido é importante para a memória brasileira.

É importante o registro das histórias individuais, não da instituição, mas dos indivíduos na instituição. Eu conheci uma pessoa no Espírito Santo que era funcionário da universidade: logo depois do Golpe Militar ele já tinha articulado um esquema de informação lá dentro, depois ele virou professor da universidade. Era temido por todos, porque ele delatava, denunciava. Por esta razão, acho que é importante resgatar a história da instituição, mas também das pessoas. Por conta desse funcionário que virou professor, muitos funcionários foram perseguidos. Se não tiver cuidado, esse funcionário, daqui a algum tempo,

irá dizer: “Eu também estive contra a ditadura”. Como disse, havia não só funcionários delatores, mas também professores e reitores. Quando fui torturado em Pernambuco, fui torturado por um professor de odontologia que era também coronel e que depois virou reitor.

Por outro lado, quando falamos que apenas um grupo de pessoas foi à luta, isso não quer dizer que alguns estiveram mais à frente e que os outros não estivessem. Até certo ponto, havia muitos que davam uma certa cobertura, mas não se pode dizer que cem por cento das pessoas foram às ruas para protestar. Se em uma manifestação estudantil havia cem pessoas, na universidade havia cinco mil alunos ou muito mais. Pode ser que entre os estudantes que não participavam, havia mais uns mil que gostariam de estar ali, mas a sua própria história pessoal não os levou até lá. Havia pouco conhecimento, havia pouca informação ou a família não permitia que se envolvesse em manifestações. Quer dizer, temos que trabalhar com esse dado, porque, senão a gente cria um padrão, faz o McDonald da esquerda e o McDonald da direita. Não é assim. Eu vi gente que foi de direita e que foi da esquerda, que mudaram de posição. Teotônio Vilela visitou a gente no presídio e falou: “Eu apoiei o Golpe Militar, por convicção, por ideologia e por opção de classe. Hoje sou contra, por convicção, purgando meus pecados”.

Depois desse período da ditadura, quando já tinha sido preso por duas vezes, fui para a União Soviética, onde fiquei por um período de um ano e pouco. Pretendia retornar para entrar na guerrilha, junto com a ALN. Tentei contato com Cuba, com os cubanos, mas nesse período havia uma dificuldade de convivência com a União Soviética. Na Checoslováquia e em outros países do bloco soviético havia grupos de pessoas que estavam indo para a guerrilha, seguindo o exemplo de Cuba. Então, não consegui o que buscava. Fiquei lá, estudei direito internacional por um período. Vi a experiência dos sindicatos socialistas, que eram mais atrelados do que os nossos aqui, porque o sindicato era o instrumento do Estado e do partido. Então, o sindicato falava o que partido queria e não o que

os trabalhadores pensavam. Depois, havia uma Federação de mulheres, que estava mais voltada para a defesa do partido e do governo que para a temática da mulher. Assuntos, como a exploração, a dor, a alegria e a sexualidade eram pouco discutidas. As mulheres eram tratadas assim, era como se fossem um exército do “nosso partido glorioso ou o nosso exército fantástico”. O exército era outra instituição sagrada, que exercia um papel muito importante para o fortalecimento do patriotismo na população. Você percebia uma burocracia muito grande, muito forte, muito difícil.

A gente fica um pouco decepcionado, porque as coisas na cabeça da gente eram muito idealizadas. Em 1963 ou 1964, caminhava com um amigo meu, hoje já morto, e que tinha um problema cardíaco. Disse-me um dia: “Estive na União Soviética”. Você tinha o Satanás, que era representado pelos Estados Unidos e você tinha o “Deus”, que era a União Soviética. Parecia que na cabeça da gente havia só dois mundos e nós aqui vivíamos numa espécie de “limbo”. Esse amigo contou-me que havia visitado o Clube de Oficiais em Moscow, a descrição que ele fez desse clube me deixou maravilhado.

Quando eu fui para a União Soviética, a primeira coisa que aconteceu comigo na chegada foi ser preso. Viajei com um passaporte que me levaria à França e de lá para a União Soviética. Na França me deram um visto solto, para não carimbar o passaporte de forma a evitar problemas futuros. Acabei perdendo esse visto, creio que isso aconteceu na entrada do aeroporto, onde embarcaria para Moscow. Matuto como era, não prestei atenção se na alfândega haviam devolvido meu visto. Coloquei o passaporte no bolso e fui embora. Quando chego ao aeroporto de Moscow, cadê meu visto? “Visa, visa”, diziam e eu não entendia nada, pois não falava o russo. Chegou um cara falando em alemão, que eu também não entendia. Então, eles me levaram para uma casa próxima ao aeroporto. Passei três dias numa casa cinzenta e pensei que eu estava preso, praticamente isolado. Via pessoas chegando. Havia uma mulher bem gordona, vestindo roupas pesadas e limpando o assoalho com panos. Essa

mulher lavava e falava no corredor e eu sozinho naquele casarão imenso. Depois, localizei nessa casa uma pequena biblioteca. Lá havia livros em espanhol. O mundo é engraçado, você não sabe o que vai encontrar pela frente! Folheando o livro em espanhol — não lembro qual era o assunto, se era poesia, ou história — vi algo escrito em espanhol e fui ver o que é que era. Algum latino que, como eu, fora preso escreveu: “Estive aqui durante vários dias”. Pensei: “Quantos outros não passaram pela mesma situação que eu estou passando?”. Depois de três dias fui solto, imagino que eles devem ter feito contatos e constataram que, de fato, eu estava indo estudar pelo partido, embora a essa altura fizesse parte da dissidência.

A princípio, eu deveria ir para Universidade Patrício Lumumba, mas cheguei atrasado. Fiquei em Moscou um período junto com um grupo de cubanos que bebiam muito e conversavam lorotas. Um dia, um dos cubanos falou comigo: “Vamos lá ao Clube dos Oficiais?”. Então, pensei: “Não é possível, um mortal como eu conhecer o Clube dos Oficiais!” Era aquele mesmo clube que meu amigo havia descrito com tanta grandiosidade. Lá fui com os cubanos conhecer o Clube dos Oficiais. Era um clube grande, com duas ou três pistas de dança, mas não era uma “Brastemp”, como se diz. Concluí que a pessoa que havia me contado sobre o clube não devia ter conhecido nenhum outro clube. Por esta razão, na cabeça dele, esse clube parecia uma coisa gigantesca, que na minha cabeça, ficou maior ainda. Eu também não conhecia muitos clubes, morando em Vitória, mas de qualquer maneira, eu tinha uma idéia através leitura, tinha noção do mundo. São coisas que você vai percebendo no dia-a-dia.

Em Moscou, vi uns quatro jovens cabeludos, carregando algo nas costas, que poderia ser um violão. Na minha cabeça imaginava que não encontraria figuras assim. Os cubanos disseram: “Não, isso aqui é assim mesmo”. “Aqui ficam bêbados e viram hippies”. Os cubanos falavam mal dos russos e da União Soviética. Um deles me disse: “Olha, aqui se

você tiver um disco dos Beatles, você fica quase rico”. Os russos queriam um Beatle de qualquer maneira. A proibição de ouvir músicas desse tipo gerava curiosidade nos jovens.

Outro fato que me impressionou, tenho isso na minha cabeça até hoje, foi quando o cubano me convidou para ver o museu do Lênin. Não era ver o museu, mas era ver o Lênin, que era uma espécie de santo para nós. A Igreja Católica tem hierarquias de santos, tem santos mais importantes que outros. Então, o Lênin era aquele santo maior, e eu quase não acreditei que iria vê-lo. Fomos para o museu, havia uma fila enorme, mas como éramos estrangeiros, podíamos passar na frente dos russos, que aceitavam sem reclamar. Lênin era considerado, literalmente, um santo. Lembro-me que, quando vi seu corpo, meu coração bateu forte, foi uma imensa emoção.

Como não tinha havia na Universidade Patrício Lumumba, fui para Kiev, capital da Ucrânia, onde eu fiquei um ano e pouco nessa cidade muito especial. Acho que o ucraniano é o povo, que eu conheço, que mais tem noção de amor à pátria, à terra. Na época, era um país muito camponês, não sei hoje. Mas, quando eles falavam das suas coisas, eu percebia que era mais forte que todos os povos que eu já vi. Tinha também os cubanos que diziam: “é nosso país”, “é nossa pátria”, “é nossa ilha”, “nossa revolução”, “é nosso ideal”. Mas, quando o ucraniano fala da terra, parece que fala da terra no sentido de terra roxa. É algo que eu não vi em lugar nenhum. Você percebia logo que o ucraniano se sentia meio excluído da União Soviética. Chamados de “pequeno russo”, se sentiam ofendidos, pois, isto soava como uma ofensa para eles.

Eu estudava em russo na Ucrânia. Visitei um dia um intelectual lá muito importante. Eu já tinha uma visão crítica, percebia como era a burocracia. Para falar com o professor, você tinha quase que pedir uma audiência. Quem é que trataria o professor de “tu”? Jamais. Era “vós, vós, vós”. Falar com o reitor era impossível. Então, fomos visitar esse intelectual, uma figura nacionalista, possivelmente, com muito prestígio e não sei por que nos

levaram lá. Essa pessoa tinha pinturas, tinha tapetes, aquelas coisas belíssimas da Ucrânia. A Ucrânia é muito rica. E quando o intérprete saiu, que era o León, veio uma outra pessoa para conduzir a gente. Percebi que ele, além de nos conduzir, ele também nos acompanhava. Essa figura perguntou: “Vocês acham bonito o meu país?” “Claro, belíssimo! A Ucrânia é belíssima, estamos apaixonados” respondemos. Aí, ele perguntou: “Vocês estudam em que língua?” “Em russo” dissemos. Senti que nossa resposta tinha causado uma certa tristeza a essa pessoa, que devia ser nacionalista. Provavelmente pensou: “Por que não estudam em ucraniano”? Dava para perceber a força do nacionalismo e que o problema maior era das nacionalidades.

Stálin era um ucraniano, mas sufocava qualquer manifestação nacionalista e outros governos que o sucederam também faziam o mesmo. Percebi também que havia poucas instituições da sociedade civil. Uma vez, conversando com uma pessoa, perguntei: “Aqui, por acaso aqui tem homossexuais?”. Tinha uma certa curiosidade, porque havia aprendido, por meio de leituras, que aquilo era uma degeneração burguesa, capitalista. Ele me respondeu: “Aqui não tem, nenhum”. Eu disse: “Nenhum? O país tem 250 milhões de habitantes e não tem uma lésbica, um gay?”. A resposta dele era que não tinha mesmo. Então, você vê a força de uma ideologia que impede a pessoa até de pensar por conta própria. Não é que a ideologia não possa ser positiva, mas precisa ter uma visão crítica. A mesma coisa aconteceu na Albânia, que declarou o fim da religião. Quando caíram aquelas pessoas que declararam o fim da religião, e os americanos chegaram, quase metade da Albânia saudou os americanos e a religião voltou a fazer parte da vida deles.

Uma vez estava em companhia do Carlos, daqui do Brasil, que falava bem russo e ucraniano, mas era enrolador, cascadeiro e namorador como ninguém. Conversávamos com um russo, que nos disse: “Nossa língua não tem palavrão”. Achei aquilo encantador, o único país do mundo que não tinha palavrões. “Os palavrões que existem vêm do tártaro”,

completou o russo. Você imagina, naquele país de 250 milhões, os tártaros que deviam ser uns cem mil, duzentos mil se muito, foram responsáveis pelos palavrões.

Um outro fato que me chamou muito a atenção foi com relação ao Vietnã. Um dia a gente foi fazer um trabalho voluntário, que era mais uma convocatória, pois eles chegavam à universidade e comunicavam: “No dia tal nós vamos trabalhar, arrancar beterraba”. Eram beterrabas enormes, uma coisa gigantesca. Tinha beterraba de mais de dez quilos, usadas para fazer açúcar. Fomos ao campo colher beterrabas para ajudar o Vietnã. Percebi que muitos dos estudantes russos e ucranianos ficavam com uma raiva desgraçada. Alguns diziam: “Por causa desses vietnamitas é que não temos bons sapatos, porque nós temos que ficar ajudando a eles”. Eles estavam em guerra contra os americanos. A gente fazia aquele sacrifício por algumas horas, mas eram eles é que estavam morrendo, portanto, fazendo um sacrifício muito maior. Então, você percebia que havia um certo egoísmo. Isso desmonta, também, um pouco da visão idílica que a gente tinha dessa gente. Então, isso foi uma experiência que permitiu que conhecêssemos um pouco mais os russos. Entretanto, o russo, de um modo geral, é uma figura muito boa. O ucraniano é uma figura impressionante. Você encontra uma pessoa, três minutos depois de conversa, ele já convida para ir à casa dele para comer e beber wodka. Eu não tenho coragem de convidar alguém, que acabei de encontrar na rua, para minha casa, conhecer minha família. Embora o brasileiro seja uma pessoa muito afetiva, também é muito desconfiado.

No período das férias, fui até a Checoslováquia e Alemanha e vi coisas que me impressionaram muito. Na Checoslováquia, conversei com muitos brasileiros que trabalhavam numa rádio, tinham um programa lá. Eles falavam do processo de democratização que estava havendo na Checoslováquia. Havia muita discussão, debates, muita criação artístico-cultural e contestação. Conversei também com alguns checos. Dois deles me impressionaram pelos argumentos que apresentavam. Um deles falou assim: “Nós

temos desenvolvimento aqui na Checoslováquia, não é por causa do socialismo, porque antes disso já éramos desenvolvidos”. De fato, a Checoslováquia já tinha um certo grau de desenvolvimento industrial quando os russos chegaram com seus tanques. Ele dizia: “Boa parte do que nós temos aqui devemos ao que já éramos antes e ao nosso trabalho”. “Falam que nós somos trabalhadores, que nós estamos no poder. Aqui estamos no poder, mas preciso de 5 ou 6 anos para comprar um carro. Na Alemanha Ocidental (que era a grande referência para eles), que é capitalista, os trabalhadores não estão no poder, mas com menos de um mês de trabalho compram um carro. Qual é a vantagem do socialismo?”. Eram questionamentos de um operário que fazia suas comparações. Você pode fazer outras, utilizando outros parâmetros, mas o operário fazia a dele, de acordo com seus interesses e necessidades. Talvez isso tenha contribuído bastante para o desmonte do muro de Berlim.

Fomos à Alemanha Oriental, visitamos o muro de Berlim. Estava no coração da Alemanha Oriental. Todo mundo pensava, imaginava que o muro ficasse numa espécie de fronteira, mas localizava-se bem no coração da Alemanha Oriental. Entretanto, acordo de guerra é acordo de guerra, e a Alemanha Ocidental era uma espécie de uma vitrine do capitalismo. Mas não era apenas isso, na Alemanha Oriental a falta de liberdade era sentida por muitos. Dava para sentir o peso do partido, um certo temor do partido, um certo temor da máquina, um certo temor de falar. Isso, também, dava para perceber na União Soviética. Um mês depois, voltei da Alemanha, Checoslováquia e Polônia. Os soviéticos haviam entrado com seus tanques na Checoslováquia. Para justificar essa invasão, jornais soviéticos diziam: “Noventa e tantos comunistas pediram essa intervenção”. Como é possível que noventa e oito pessoas pedem para intervir em nome de toda a população? Que socialismo era aquele? Não havia nenhuma sustentação política ou ideológica que justificasse a invasão. Era apenas para manter o poder. Quer dizer, em nossa cabeça era um pouco assim: “Se o objetivo é implantar

o socialismo no mundo, não vai haver guerra, todos os países serão irmãos. A guerra era capitalista, para vender, comprar, criar mercados e escravizar o outro”.

No período em que estava lá, houve choque nas fronteiras da União Soviética com a China. Soube que morreu muita gente, não sei se ocorreu próximo da Mongólia, mas era um lugar desses. Os jornais soviéticos, eu imagino que os chineses também, exaltavam o ódio contra os chineses. Era comum ouvir os russos dizendo: “Porcos chineses”. Perceber isso, meio que desmontava a gente que se perguntava: “Como um país pode atacar o outro?” Só não houve uma guerra de fato porque devem ter avaliado o estrago que causaria ao mundo socialista. Isto tudo faz com que a gente perceba que, independente da ditadura, do socialismo e do capitalismo, todo ser humano busca uma vida melhor.

Nessa época, eu já estava tentando voltar para o Brasil. Minha idéia inicial era passar por treinamento em Cuba e voltar para o Brasil, para formar o nosso exército popular. Mas como não consegui, decidi retornar por conta própria.

Porém, foi a maior dificuldade para retornar. Tive que ameaçar dizendo que não ia mais assistir às aulas, nem nada. Quando cheguei ao aeroporto, declarei que tinha quinze ou vinte dólares, uma coisa assim. Quase que os caras do aeroporto tomam meus dólares. Disseram-me que não podia voltar com dinheiro. Expliquei a eles que, quando cheguei, tinha cento e cinquenta dólares e esses vinte dólares era o que tinha restado. Eles queriam que eu gastasse, mas falei que se eu gastasse, não teria como chegar ao Brasil e comprar uma passagem para minha casa, já que não tinha mais nada. Então, o burocrata acabou aceitando. Passei pela Argélia, pelo Senegal e voltava com a idéia de que iria encontrar com o pessoal do Marighella e entrar para ALN. Na minha cabeça, tudo estava esquematizado: voltaria, encontraria-me-ia com esse pessoal, faria treinamento e iria para a guerrilha.

Não tinha contato com o Marighella, mas com pessoas ligadas a ele aqui no Brasil. Em Moscou localizei uma pessoa, não me lembro seu nome agora, que tinha alguma ligação

com a ALN. Li no jornal cubano do Partido Comunista “O Grama” um manifesto do Marighella, que não me lembro bem se era “A guerrilha é um foco” ou “Documento do Agrupamento Comunista”. Nesse manifesto, Marighella falava da coluna guerrilheira. Aquilo tudo ajudava um pouco. Nós já tínhamos lido o livro do Debret, que não nos seduziu muito. A maneira como falava, a linguagem era muito bonita, mas aquilo era pouco. Já Marighella tinha uma coluna guerrilheira, era uma coisa diferente e ainda dizia que em breve estaríamos marchando nesse país e tantas outras coisas... Ele era uma figura que tinha toda uma história de luta, quando deputado havia resistido à prisão, era uma espécie de herói. Então, eu voltei ao Brasil com a idéia de entrar para ALN.

Quando cheguei ao Rio de Janeiro, aconteceu uma coisa que me impressionou muito. Um dia, em Kiev, na Ucrânia, apareceu o cantor Jorge Goulart e a cantora Nora Ney. Devíamos fazer homenagem permanente a essas duas figuras. Como sou um cara meio cansativo, já tentei inúmeras vezes fazer essa homenagem a eles. Procurei várias revistas, mas ainda não consegui. Jorge Goulart e Nora Ney tiveram um papel importantíssimo na cultura brasileira, eles eram do partido comunista e os países socialistas os convidavam para cantar. Eram fantásticos, divulgavam nosso carnaval, nossa cultura, para muitos países. Bem, teve uma festa onde ele e sua trupe estaria se apresentando e lá fomos nós para assisti-los. Cantaram, foi muito bonito. Ele havia levado mulatas e negros para participarem das apresentações. Presenciei uma discriminação “braba”. Um negro, da trupe do Goulart, não me lembro o nome da pessoa, veio se queixar comigo. Ele tinha arrumado uma namorada russa e ela foi impedida de entrar no hotel para encontrar-se com ele, mesmo sendo parte do grupo do Jorge Goulart, que era comunista. Quer dizer, essa pessoa ficou marcada porque queria encontrar-se com um estrangeiro e negro.

Voltando à minha chegada ao Rio de Janeiro, fui à casa de um amigo que morava pertinho de um lugar que tinha o Angu do Gomes, em Copacabana. Minha desorganização era

tal que eu não tinha a quem procurar no Rio. Conhecia duas pessoas e localizei uma delas. Ele morava em uma quitinete. Toquei a campainha, quando a porta se abriu, achei que estava sonhando. Na minha frente está a “Rolinha”, que havia visto em Moscou em uma circunstância bastante inusitada. Estávamos em um ônibus, lá em Moscou, quando uma daquelas mulatas bonitas do Goulart entrou no ônibus e o pessoal foi logo gritando: “Rolinha!”. Ela, muito descarada, fazia gestos obscenos e dizia: “Rolinha tá aqui!”, algo assim. Todo mundo ria e os russos horrorizados. Para eles, aquilo era o fim do mundo. Então, essa figura ficou marcada na minha cabeça por esse gesto, nada político. Encontrar essa pessoa na casa desse meu amigo foi incrível, parecia uma miragem. Ela só pode ter inventado um namoro com esse amigo meu, pois não morava na quitinete com ele. Levei um susto e pensei o quanto o mundo era imprevisível, uma coisa muito doida.

Daí, eu volto para o Espírito Santo, escondido, já com a idéia de localizar o pessoal da ALN para ir para a guerrilha. Não passei por Vitória, porque queriam prender-me. Fui por Valadares, estive na casa dos meus pais. Meu pai já numa cama, não se levantava mais. De lá fui para uma cidade do interior, depois para o Rio de Janeiro. Lá encontrei o Apolônio de Carvalho, que, na época, estava no PCBR e era o comandante político-militar do PCBR, depois foi substituído por outra pessoa. Eu queria ir para a ALN, mas as pessoas que estavam no Espírito Santo eram ligadas ao PCBR e não tinham contato com a ALN. Fui para o Rio tentar esse contato. Foi quando encontrei o Apolônio conversamos e o pessoal do PCBR queria que eu fizesse um curso de motorista, enquanto tentava o contato com a ALN. Como havia muitas ações, o motorista era uma peça muito importante. Numa operação de assalto a banco, são duas figuras importantes: o motorista e o cara que usa a metralhadora. Antigamente, metralhadora era coisa rara, hoje você compra na esquina.

Eu queria mesmo era ir para a guerrilha rural, era o que eu sonhava. Recusei a aprender a dirigir, porque senti que, se aprendesse, permaneceria na cidade. Deve ser por isso

que até hoje eu não sei dirigir. Depois, consegui o contato com a ALN e acabei indo para o Nordeste, uma história mais complicada. Fiz levantamentos em regiões do Nordeste, com a idéia de implantar a guerrilha.

Qual a idéia que se tinha de guerrilha no Brasil? A guerrilha rural deveria se dar num lugar montanhoso, de difícil acesso para a repressão. A serra maior era aquela de Ibiapina, e eu, por meio de mapas, tentava localizar serras que pudessem abrigar guerrilhas. Andei pelo Maranhão, Piauí, por lugares difíceis de se imaginar. Fiz um pequeno relatório sobre as dificuldades de encontrar um local que preenchesse os requisitos para a instalação de guerrilhas. Cheguei a sugerir que pensássemos numa guerrilha com outras características. Percebi que minha sugestão não foi muito bem aceita. Tinha que encontrar um local de acordo com os padrões estabelecidos. Fizemos muito isso, mas a realidade era outra.

No Maranhão, conviver com o nosso povo foi um aprendizado importante. Eu passava nessa região e apresentava-me como sendo filho de fazendeiro. Meu nome era Pedro Ramos, vinha de Valadares, queria comprar terra e fazer criação de gado. Então, tinha que ter um discurso bem de acordo, mas como eu era do campo isso foi fácil. Visitei uma pessoa em Codó, que era bisneta de um grande fazendeiro da região. Codó é considerada a capital da macumba no Brasil. Creio que, proporcionalmente, Codó deve ter mais negros do que Salvador, uma coisa impressionante. A fazenda dessa pessoa era grande, tinha umas casas quase caindo. Diziam que antigamente era a sede da fazenda, onde também ficavam os escravos. Visitei a plantação de babaçu, para ver como funcionava. O valor da propriedade era pelo número de pessoas que trabalhavam na propriedade, não era pelo tamanho da terra. Porque, se eu tenho vinte pessoas morando na minha propriedade, eu recebo, de todo o babaçu, a metade. Então, a minha propriedade vale mais. E aquela outra metade fica com as famílias que são obrigadas a vender para o dono da terra. Então, a bisneta do fazendeiro tinha muitas pessoas em sua propriedade. Vi as pessoas quebrando babaçu, muita mulher, mulher é

que sofre mais. Chamou-me a atenção a presença de um grande número de negros. Então, eu falei, disse para ela: “Se eu comprar essa terra, o que é que eu faço com essas pessoas? Preciso desocupar isso aqui!”. Filho de fazendeiro tem que falar assim, não pode ter bondade com ninguém. Ela disse: “Isso é fácil”. Em seguida, chamou um negro, acho que ele devia ter uns sessenta, setenta anos, forte, cabeça branca. Negro quando fica com a cabeça branca já está com quase cem anos. Eu também sou descendente de negros. Ele vem e ela pergunta: “Estou vendendo esta propriedade para o senhor Pedro Ramos, se ele comprar você sai logo?”. Ele respondeu: “Saio sim senhora”. Ele tinha nascido na propriedade, nasceu na propriedade colhendo coco e sairia prontamente se eu tivesse comprado à propriedade. Num primeiro momento, pensei que aquilo era muita aceitação. Mas, depois, soube que esses mesmos negros costumavam pegar uma briga de facão, amarrando a ponta da camisa um no outro, às vezes os dois morriam. Uma coragem que nenhum de nós tem. Se acontecesse isso comigo, cortaria a camisa e correria. Então, essa é uma contradição do ser humano. Se, por um lado, ele aceita coisas que para nós são inaceitáveis, por outro, tem uma coragem que não temos.

Depois de Codó, fui para outros lugares do Maranhão. Passei por uma cidade chamada Barra do Corda, que tem uma história muito interessante, singular. Se eu tivesse chance de fazer um filme, faria sobre essa cidade. Quando cheguei a Barra do Corda, ainda passando por fazendeiro, vi uma coisa que me impressionou muito. Na fachada da igreja havia figuras de padres e freiras, considerados “Mártires de Barra do Corda”. Contaram-me que, lá no comecinho do século passado, os fazendeiros queriam afastar os índios guajos, guajajaras e os canelas para expandir a criação de gado. Como não conseguiam expulsar os índios, principalmente os canelas, que eram mais guerreiros e resistiam. Então, os fazendeiros fizeram um acordo com os padres e freiras para que as crianças indígenas fossem levadas e mantidas num convento que havia na região. Sabendo que o índio tem um apego à criança,

maior que o nosso, concluíram que os índios deixariam suas terras para ficar perto dos filhos. Contam que os índios e suas mulheres ficavam em volta do convento rezando, chorando, dançando e clamando pelos filhos. Lá pelas tantas, houve uma dissidência. Um índio caboré se rebelou, alguns se juntaram a ele e atacaram o convento, mataram os padres e as freiras e soltaram as crianças. Policiais de Teresina e do Maranhão chegaram e fizeram um massacre contra esses índios. Sonho muito em um dia encontrar um material, que dizem ter sido escrito por alguém, em uma linguagem simples. O importante é que existe um registro.

Algum tempo depois, encontro uma pessoa que apontou para uma pessoa dizendo: “Aquele lá é um deles”. Era um índio, um guajajara. Ele estava de bicicleta e era professor de música. Fui conversar com ele, apresentando-me como um fazendeiro interessado em conhecer a história do lugar. Ele me conta que ele era neto desse tal Caboré e conta-me a história toda. Disse-me que tinha implicância com os católicos. Ele me levou à aldeia dos Guajos que viviam numa pobreza absoluta. A FUNAI os explorava alugando suas terras e, inclusive, estavam fazendo uma usina nessas terras, um negócio terrível.

Outra experiência interessante foi na região de Gilboés, no alto sertão do Piauí, quase no fim do mundo. Quando cheguei à cidade, vi pichado em um muro: “Viva Rev. Popular”. Meu coração bateu forte. Tanto o PCdoB como a AP e outras organizações falavam em revolução popular. Eu disse para mim mesmo: “Meu Deus do céu, onde é que eu me meti? Aqui já deve ter passado alguém do PCdoB, da AP, fazendo agitação. Passando por fazendeiro, tenho que tomar muito cuidado, posso correr risco de vida”. Havia uns quatro lugares pichados com a frase “Viva Rev. Popular”. Em cidade do interior ninguém picha e, menos ainda, no sertão do Piauí. Meu coração batia muito aflito, mas filho de fazendeiro tem que manter uma certa postura. Cheguei para o dono da pensão e perguntei: “Quem é que fez essa sujeira aí?”. Ele então respondeu: “Não, é porque expulsaram o padre da cidade e nós gostamos muito dele”. Para meu alívio, a frase dizia: “Viva o Reverendo Popular”, e eu pensando

que era “Viva Revolução Popular”. Só para ver, quando você está tomado por uma idéia, vê o que não está escrito e faz uma outra leitura.

Nesse mesmo lugar, ouvi uma pessoa dizendo com orgulho: “Aqui é o primeiro aeroporto do Brasil dirigido por uma mulher”. De fato quem dirigia o aeroporto era uma mulher. Quando a região tinha muito diamante, havia muitos aviões que pousavam nesse aeroporto. Agora tudo estava na maior decadência, existia por existir.

Convivendo com esse povo, você vai aprendendo que a realidade é diferente daquela que você imaginava. Mas, em todo caso, você descobre a força do povo, sua maneira de se organizar, o orgulho que demonstra por suas coisas. Muitos contavam que próximo dali passou o Lampião, mais acima o Luís Carlos Prestes, e assim por diante. Então, eles têm memória e também sonhos. O que acontece é que a realidade que está na cabeça deles nem sempre é a mesma que está em nossa cabeça.

Depois dessas andanças, voltei para o Pernambuco e acabamos trazendo um grupo do PCBR para a ALN. Participamos de algumas ações, mas eu fui preso. Fui preso por acaso. Eu estava em Olinda, junto com uma pessoa que veio do Ceará, queria saber como estava a ALN. Tínhamos acabado de comer num boteco e eu fui preso e torturado.

Passei dez anos na cadeia e escrevi um livro onde falo sobre a vida na cadeia. Cadeia é cadeia. Na cadeia passei dez anos. Vi gente chegar preso, vi gente sair e gente voltar. Na cadeia a gente brigava por questões de comida, jornal, por tudo. No livro, vou contando as várias fases, na cadeia a gente passa por diferentes fases. São pequenas histórias, histórias simples. A ditadura também tem suas fases. Tem aquela fase de plena exceção e depois a fase mais frouxa, onde se pode ver a sociedade civil mais atuante, cobrando mais. Depois já tem gente como o Lula, Itamar Franco, Teotônio Vilela nos visitando.

Então, eu passo dez anos preso. É claro que para uma pessoa condenada a noventa e quatro anos a prisão é uma coisa terrível, desmonta muitas coisas que você imaginava.

Mesmo quando se é movido por um ideal, a gente faz uma revisão do que aconteceu; “era assim, não era, devia ser”. Mas em momento nenhum perdi esse sonho, mesmo quando condenado a noventa e tantos anos.

Na cadeia, o tempo tem uma dimensão própria. Passar um ano, dois anos, cada ano na cadeia, cada dia é mais que uma semana, cada semana é mais que um mês, cada mês é mais que um ano. Apesar de todas as adversidades, a gente não deixava de cultivar a esperança, se apegava a alguma coisa distante, como por exemplo, a idéia de que as ditaduras passarão, assim como o fascismo passou. Esse tipo de exercício alimentava, nos dava esperança. Quando as pessoas deixavam de intervir nessa realidade dura, perdiam o sentido da vida. Porque o sentido da vida foi aquele que nos levou à prisão. Imagine, eu preso, condenado a noventa e tantos anos, chegar à conclusão que nada do que fiz valeu a pena. Se isso acontecesse, eu me acabava, até fisicamente. Vi gente acabar fisicamente. Então, eu alimentava o sonho, acompanhava a guerra do Vietnã, que era uma coisa importante para nós. Cada batalha ganha era como se fosse uma vitória nossa. Ouvir falar que houve uma manifestação pequenininha num lugar qualquer, já era importantíssimo. No jornal, um bispo qualquer daqueles, ou um intelectual, falando uma frasezinha suave que hoje em dia o pessoal ia até rir dela, para nós soava como uma coisa importantíssima. Fazíamos denúncia da situação carcerária, mandávamos mensagens que, às vezes, eram lidas na escola. Mas, não no primeiro momento, logo no começo isso não seria possível. Passei a década de setenta toda na prisão. Em 1975, 1976, ouvia falar de protesto, não sei de onde, luta pela anistia, a gente mandava carta para todo o mundo. No livro *Fome de Liberdade* faço esse relato.

Com as visitas, a gente recebia mais informações sobre o que estava ocorrendo lá fora e localizava os fatos importantes, principalmente para a área de esquerda.

Outra coisa é a família. Li um livro do Engels, super interessante, que fala da família, como se ela fosse se dissolver do dia para noite. A família é uma estrutura que vem

sofrendo profunda alteração. Famílias de vinte ou trinta anos atrás não são iguais à de hoje. Alterou-se tudo. Hoje você encontra os mais variados tipos de família: marido casou com outra, mulher casou com outro, os filhos com pais diferentes, só se tem dois filhos, assim por diante. Então, é um outro tipo de família, um outro mundo. Mas, na cadeia, acontece o quê? Primeira coisa de que você se dá conta é que a família é a coisa mais importante que o sujeito tem. A mãe, o pai, que não têm ideologia, não têm consciência de classe, que era tratado como atrasado e reacionário, é quem vai atrás do filho. Vai ao quartel, sofre humilhação, às vezes numa hora difícil cria coragem para brigar. Briga, protesta, procura o filho, exige o corpo da filha, quer saber se o filho está vivo ou morto, quer visitar o filho. Quer dizer, a família é um elemento que é muito fantástico. É quase que uma descoberta para todos que estávamos na prisão. Quer dizer, todo mundo tinha sua relação familiar. Os meus companheiros ficavam com medo de ir lá e serem presos. Quem é que, em nome de uma amizade, vai lá e afronta um coronel? A mãe vai. A avó “aquela velhinha, aquela beata”, que só fica rezando, vai visitar o netinho dela preso. Isso não é ideologia, tem outro substrato, que chamo de “substrato da solidariedade”. É ela que leva comida, vai atrás do advogado, leva uma carta escondida no salto do sapato, dentro de uma bolsa. Uma bolsa leva tanta coisa que você nem imagina. Leva uma carta, um papel, uma informação, uma notícia lá de fora. Quer dizer, você começa a descobrir nessa outra estrutura, que você estava deixando meio de lado, essa coisa fantástica. Essa família que, às vezes, falava “Não vai, não vai meu filho, você tá errado”, é que permanecia ao nosso lado, solidária.

Por pior que seja o pai ou a mãe, eles são capazes de fazer coisas, que você não acredita, pelo filho. E você vai dizendo “Esse cara não faz nada, é um safado, bandido, assaltante, ladrão, estuprador”. Mas, depois você descobre ele carinhosinho com aquele filhinho no colo, andando. O ser humano é isso. Nós tratamos o ser humano de uma maneira muito superficial, diria até que trabalhamos com um ser humano fictício. O ser humano é

capaz de grandes atos e de grandes canalhices. Contam que o Lénin não gostava muito de ouvir música clássica porque ele ficava muito sensível e com vontade de abraçar todo mundo. Como ele tinha que lembrar que podia levar uma mordida de alguém, evitava ouvir música para não amolecer.

A prisão também leva você a fazer muita reflexão. A prisão propicia momentos para reflexões profundas, dolorosas. É um pouco parecido com o hospital. No hospital, internado, o doente reflete muito, porque se vê diante da possibilidade concreta da morte. Eu me senti assim quando fiquei internado por um longo período. Um dia desses, viajei com uma pessoa que me disse que no convento, também, a gente reflete muito. Então, são três os lugares que levam a gente a refletir muito: a prisão, o hospital e o convento.

A cadeia é onde o ser humano se vê mais por inteiro, porque na cadeia você não tem como esconder muita coisa. Eu até brincava, dizendo que os presos tinham mais intimidade do que o marido com a mulher. Marido e mulher se encontram, vão para a cama, depois a mulher vai trabalhar em um lugar, ele em outro. Assim mesmo, brigam de vez em quando, ficam uma semana sem falar um com o outro. Mas, na prisão você está na mesma cela de manhã, de tarde e de noite. Se eu fizer um ruído qualquer, o cara já sabe, foi o Cipriano. Quer dizer, você sabe tudo sobre o outro, é uma intimidade terrível. O casal se suporta, porque de vez em quando vai um para um lado e o outro para o outro, porque se ficar o dia inteiro junto, não tem esse negócio de amor. Se ficarem os dois só no quarto, na primeira semana vai ser legal, as fantasias e tal... Na segunda, daqui a um mês os dois começam a se estranhar e acabam desejando sumir um do outro. Então, a cadeia tem essa intimidade que faz com que a pessoa pense muito. Eu vi pessoas que perderam o rumo da vida na cadeia. Ali é a pessoa e a grade. Tem quatro grades, fazer o quê? Só tem um raiozinho de sol passando e aquele raiozinho batendo bem na minha cara. Então, em cada lugar, a gente tem que ir tirando o que tem de melhor para ajudar a gente a preservar a integridade, a humanização. Todas as

vezes o ser humano deixa de se humanizar, vai se brutalizando e desiste de lutar mais rápido. Então na prisão você tem que pensar muito, vi muita gente que dizia: “Olha, eu não posso pensar porque senão o ditador escuta o que eu tô falando”. Na cadeia, tinha aqueles que se arrependeram e aqueles que continuavam com disposição para luta. Quando eu falo de arrependimento, não é que as pessoas não possam rever suas vidas. Tem gente que dizia: “Eu fiz pouco, estou aqui, não sei se vou sair, mas de qualquer maneira continuo na luta”. Já o outro achava que não deveria ter feito nada, pois, estaria melhor. Esse se espelhava no irmão que, ao invés de ir pra luta, foi para os Estados Unidos, ficou rico, casou, constituiu família, comprou carro e tem até iate. Ele fica arrasado, porque estava entre quatro paredes, não sabia nem o que iria acontecer quando ele fosse solto. A prisão obriga a isso, a pensar muito. O ser humano dialoga consigo mesmo, dá um mergulho dentro de si mesmo, alguns mais, outros menos. A verdade é que o ser humano é insondável. Ninguém conhece a capacidade de resistência do ser humano. Nos momentos de grande tensão, ruptura, você se revela. Covarde fica forte e forte fica covarde. Acho que muito do que foi escrito sobre a prisão é um pouco superficial. Criaram-se super-homens e super-mulheres. Essa história de que os presos políticos enfrentavam seus algozes dizendo: “Não digo uma palavra, cuspo na cara do torturador”, é, em parte, um mito. O ser humano preso vive uma situação de muita fragilidade. Ao ser preso, o seu algoz bota suas mão para trás, tira sua roupa, tortura. O ser humano tem reações diferentes, por diferentes motivações. Então, tem aquele cara que diz: “Não vou falar nada, porque a minha mulher está grávida e, se entrego, ela pode morrer”. Mas outro, como o cabo Anselmo, diz: “Eu denuncio esse povo todo e em função disso eu me saio bem”. Às vezes faz isso voluntariamente, sem passar pela tortura, porque tinha muita gente que se prestava a passar para o outro lado, sem levar um tapa sequer.

A tortura é um momento sempre duro, de grande tensão. Você se pergunta: “O que vou manter de segredo? Você não sabe o que o outro sabe. “Conta, conta, onde é que você

tem que encontrar alguém?”, pergunta o torturador. Às vezes você consegue sustentar uma história. Eu fiquei durante um período sustentando uma mentira. Inventei que vinha de outro estado. Interrogavam-me: “Você está morando aonde?”. Não podia falar a verdade, então eu respondia: “Eu estava na zona”. A pessoa não sustenta aquilo muito tempo. “Qual zona? Com qual mulher?” Você começa a ficar apertado, então você não se sustenta. Claro que você ganha tempo, pode ser que as pessoas que estavam no lugar que o torturador queria saber já tenham saído, mas isso nem sempre acontece.

Então, tem as chamadas circunstâncias. Às vezes a repressão pega uma pessoa que já está fragilizada e não tem nada para falar. Está no mesmo barco da tortura. Em Pernambuco, quando houve o golpe, prendiam todo mundo. Lá pelas tantas, prenderam umas pessoas. Nessas confusões, a polícia entra numa casa, encontra três pessoas juntas, mas pode ser que uma delas não saiba de nada, nem das atividades dos outros. Houve casos assim. Uma vez, pegaram um cara nessa situação e bateram nele. Bateram uma, duas vezes, e o cara não falava nada. Em um dado momento, o cara diz para o outro preso: “Fala, pelo amor de Deus, me fala qualquer coisa, porque senão eles me matam de bater e eu não sei de nada”. O cara não sabia de nada mesmo. Pode ser que um outro, que se segura durante três horas sob tortura, chega ao seu limite e acaba falando. Também pode acontecer que a pessoa já esteja muito fragilizada, desanimada da luta, pois, soube que sua mulher foi torturada até a morte. Sua única vontade é ir embora e, para isso, se dispõe a falar. Então, não se pode analisar essas pessoas, como é feito até hoje, como se houvesse um padrão de comportamento único. Alguns suportam torturas mais que outros, às vezes, até por raiva.

O que acontece? Quando se fala da resistência ao Golpe, dá a impressão que só estudante foi corajoso. Não é assim, porque se você for uma operária, como é que você vai justificar sua saída da fábrica, às duas horas da tarde, para entrar num quartel ou num banco? Se você é um estudante, deixar de ir à aula, não tem tanta implicação. E fora disso, se sou

solteiro, estou disposto a lutar, posso ir embora. Uma mãe tem dois filhos, um é solteiro e revolucionário e o outro é pai de dois filhos. Esse, não é mais nem menos corajoso que o outro, mas tem uma responsabilidade que o outro não tem. O solteiro pode atender à convocação repentina de alguém que diz: “Vamos entrar aqui agora, vai ter uma operação agora, nós vamos precisar de você, você é um cara que tem alguma experiência”. Mas, agora, se você tem mulher, dois filhos, todos dependentes seus, não pode simplesmente dizer: “Eu vou embora pelo mundo e vocês se virem. Vou para o Maranhão e fazer aquilo que o Perly fez”. Quem é que vai cuidar da sua mulher e filhos? Eu não tinha que pensar nisso, era sozinho. Davam-me dinheiro para eu comer e estava acabado. Imagina um professor, na hora de aula dele, some e vai participar de uma ação. Como é que ele explica? Um dia é capaz de justificar: “Resolvi passar ali, tomar uma cervejinha com uns amigos num boteco”. Um dia vai, mas na semana vindoura, menos de um mês, está descoberto. Então, a pergunta é: ele tinha mais ou menos coragem? A questão não é se tinha mais ou menos coragem, mas, qual era sua possibilidade de ir para a luta. Isso ninguém gosta de tratar. Ninguém virou Mao Tse Tung por acaso, houve toda uma circunstância, um fato histórico por trás disso. A mesma coisa acontece com uma pessoa que se torna um grande pintor, um grande músico, ou mesmo um Pelé.

Eu tenho alguns amigos, uns caras chatos que chegavam, começavam a analisar conjuntura, você não agüentava eles. Depois de algum tempo, encontrei um deles, que havia sumido, e ele me disse: “Ô, Cipriano, eu arranjei uma namorada, tô vivendo um amor, tô fora daquilo”, meio na defensiva comigo. Então, eu disse: “Você tá fazendo a melhor coisa da sua vida, você está bem consigo mesmo, está apaixonado e sua contribuição maior é essa”. Mas na forma defensiva com que me falou, dava para perceber que ele já estava impregnado com a idéia de que só é bom quem estava na atividade política.

Uma amiga minha, espero encontrá-la novamente, jovem, simpática, gostava muito dela, ela acompanhava, participava dos movimentos, ajudava-me muito, uma figura muito alegre. Um dia fui ao hospital, levar uma pessoa que estava doente, e quando eu estava esperando na fila, vejo uns dois jovens e um monte de pobres sentados. Os dois jovens estavam distribuindo pão. De madrugada, distribuindo pão e uma xicrinha de café. E quem eu vejo? Essa amiga minha. Ela me olhou assim, meio que tentando justificar o que estava fazendo. Dei um imenso abraço nela, e disse: “O que você está fazendo é um dos gestos mais revolucionários”. Ela foi capaz de um desprendimento pessoal. Quem é que tem disposição de sair de madrugada para alimentar os pobres? Mas, se eu não tiver cuidado, posso dizer que, o que ela fazia era puro assistencialismo.

Um dia eu estava numa marcha da Igreja Católica, chamada de “Romaria da terra”, conduzida por um padre, o Padre Maurício. Devia ter umas quatro ou cinco mil pessoas, homens, mulheres e crianças que rezavam, uma coisa fantástica. Eu não era da Igreja, mas eu estava no meio. Estava lá também um companheiro nosso, que foi para a Bahia e fez um cursinho do MST, de uma semana, que comentou: “Alienado! Povo, parecendo um carneiro!”. A cerimônia já tinha começado e eu disse para esse companheiro: “Companheiro, você leva quantas pessoas para lutar pela terra? Os padres estão levando cinco mil. Não interessa se ele está rezando, se está cantando, isso eu não quero saber. Essas pessoas se moveram de suas casas por uma causa fantástica. Se eu pudesse levar esse povo todo, meu amigo, eu tenho a impressão que eu já tinha até tomado o poder”.

Então, eu acho, sempre achei, e estou cada vez mais convencido de que a gente precisa trabalhar mais com o ser humano. Nós trabalhamos muito com o santo, o herói. Isso torna mais difícil para o homem e a mulher simples se engajarem em uma luta. Quem é que vai ser um Che Guevara? Vai sair da Argentina, passar lá no México, subir a Sierra Maestra, virar comandante, ministro, querido, amado, idolatrado em outro país, depois larga tudo e

morrer na Bolívia, como um soldado faminto? Não dá para fazer isso porque existem as circunstâncias. Mas, se eu me dedicar ao trabalho na universidade, na escola, na coluna de jornal, na associação de bairro, também não é importante?

Quanto a mim, tenho vários pecados. Nem sempre falo o que eu penso das pessoas, porque sei que posso “morder a língua”. Às vezes, com base em algum comentário feito por alguém, fazemos afirmações como: “Essa pessoa não vale nada, é um picareta”. Depois você descobre que essa pessoa é quase um santo. Então, a gente precisa trabalhar mais com esse dado. Quando se tem um pouco dessa visão crítica, a gente tem maiores possibilidades de continuar na luta. Você tem a história da instituição, do momento histórico e, por outro lado, tem as opções que o indivíduo faz e que são só dele.

A gente nem sempre leva em conta que as pessoas são também frutos das circunstâncias. Se eu não tivesse saído daquela cidadezinha do interior para Vitória, por uma montanha de razões, é bem provável que eu fosse hoje um pastor protestante. Digamos que eu não agüentasse muito a enxada, ser um pastor protestante talvez fosse uma opção. Quem disse que eu não podia ser um jagunço? Na minha região só havia jagunço. Na região onde eu nasci, jagunço ia visitar uma pessoa e chegava dizendo que matou um, matou dois, matou três, matou por causa de briga de família. Na época, parecia que eles eram heróis, quer dizer, um modelo a ser seguido.

Quanto à crise pela qual estamos passando, como eu já sou mais antigo, sempre digo que a crise e a purificação estão sempre juntas, eu acredito nisso. Todos nós já passamos por grandes momentos de crise familiar, pessoal. Depois de uma crise, você tem dois momentos: ou eu dou uma ajeitada e continuo a caminhada ou eu me afundo. Quando vem a crise familiar, a gente pensa que os conflitos não vão acabar. Com a crise pessoal ou financeira acontece a mesma coisa. Então, em relação à crise do partido, às vezes, a gente pensa: “Não devia ter acreditado tanto”. Eu sofri muito com tudo isso, sofri não, continuo

sofrendo, mas eu tenho uma visão muito dura para isso que está acontecendo, porque acho que nós dormimos com o “ovo da serpente”. A gente viu isso nos sindicatos. Dirigente sindical era candidato a vereador, então a máquina do sindicato ajudava. Qual a diferença entre isso e o Valério? Nenhuma!

Na última campanha, larguei as minhas férias, larguei tudo e fui embora para o Espírito Santo. Quando chego ao aeroporto, encontro um pessoal e a primeira coisa que me dizem é: “Precisamos arrumar um dinheirinho, porque temos chance de ganhar”. Nem queriam saber de onde poderia vir o dinheiro. Se eu dissesse que eu tinha um milhão do Marcos Valério, todos iam morrer de alegria. Ainda bem que eu não consegui...

Sonho é uma coisa que deve estar sempre sendo alimentado. Quando se tem um ideal, a gente olha para a frente. Acredito que o sonho é um pouco parecido com uma estrela. A pessoa está perdida em alto-mar, olha para uma estrela e vai remando, seguindo a estrela. Pode ser que ela o leve a aprofundar-se ainda mais no alto-mar, mas pode ser também que o conduza para um porto seguro...

#### 4.2. Gilney

*Fazendo um balanço da minha trajetória, nunca tive arrependimento pelas coisas que fiz. Nunca tive essas frescuras. Fiz o que achava que devia fazer, de acordo com as circunstâncias e do que pensava da época.*

Meus pais são baianos de Jacobina. Minha mãe ali pelos lados de Prado, Alcobaça, mas eles se conheceram em Minas. Casaram-se, viveram certo período na Bahia e certo período em Minas, sempre intermediando entre Bahia e Minas.

Eu nasci em Minas, dia 12 de agosto de 1945. Passei minha primeira infância em Minas e a segunda na Bahia. Depois na adolescência, voltei e fui para Minas. Então tenho um pouco da cultura mineira e baiana, mas sinto-me mais mineiro.

Dos 14 aos 21 anos passei em Minas, na cidade de Belo Horizonte. Foi um período que me marcou muito. Minha adolescência foi normal, freqüentava escola, bom aluno, aquela coisa toda. Quando fui fazer o ginásio, naquele tempo tinha o ginásio, sai de casa, estava na fase da adolescência.

Minha família era pobre, mas conservadora. Apoiavam a UDN e meu pai tinha uma farmácia no interior. Era muito bem conceituado, todo mundo gostava dele. Estudei em Caravelas. Quando mudei para Belo Horizonte, nos meus 14 anos, comecei a ter uma visão de mundo diferente. Em Caravela tinha um professor de esquerda, ele era interessante então fez um pouco a cabeça da gente, mas Caravelas era muito conservadora.

Em Belo Horizonte, fui morar em uma pensão onde se conversava de tudo um pouco durante as refeições. Tinha um comunista que morava na pensão que contribuiu muito, foi a primeira contribuição para minha concepção política. Embora a influência em casa fosse udenista, impressionou-me a campanha do Lott, em 1960.

Já naquele tempo sentia atração por um sentimento forte de igualdade, de repúdio à injustiça e de inconformismo diante do confronto entre a miséria e a riqueza.

Quando eu fui para o Colégio Estadual, um ano depois, fiz contato com a garotada que estava militando em favelas. Fui militar com eles. Subíamos os morros do Querosene e do Papagaio, dando apoio à luta dos favelados, mas não via muito apelo na agitação estudantil que, nessa época, crescia no Colégio Estadual.

Entre para o partido comunista por volta de 1961. Tinha 16 anos e comecei a militância, antes do golpe militar, em 1964. Militei em 1962 a favor de Cuba. Na eleição de 1962 apoiamos um candidato de esquerda em Belo Horizonte. Participei de muito movimento social na época, pouco do estudantil e mais de trabalhadores favelados.

Quando veio o Golpe, foi terrível para todos nós. Nossas ilusões foram quebradas. E agora? Houve uma correria diante da avalanche reacionária e nos demos conta das nossas fraquezas, nossas análises incorretas e nosso despreparo para ação revolucionária.

A prisão não foi um acaso. Fui preso em abril de 1964. Nesta época eu trabalhava no Banco de Desenvolvimento. Estava apreensivo porque vários companheiros haviam sido presos. No final de abril, o contínuo chegou à minha mesa e falou que tinha duas pessoas querendo falar comigo. Eram dois agentes a serviço da ID-4. Levaram-me dali para 12º RI, depois para a sede da ID-4 e depois para o DOPS.

Sofri os primeiros interrogatórios, espancamentos, e ameaças de morte: a primeira tortura. Do DOPS me levaram para a Colônia Penal Magalhães Pinto, em Neves, recém inaugurada, onde havia um grande número de presos políticos. Apesar de curta, fiquei 14 dias, a minha primeira prisão foi inesquecível porque era muito jovem, tinha só 18 anos.

Minha formação foi muito interessante. Comecei militando nos movimentos sociais dos favelados e, depois da prisão, passei para a militância clandestina, isso em 1964, 65, 66. Em 1967, quando começou toda uma luta social, eu já era bancário e atuei na luta dos bancários, na coordenação do movimento.

Antes, em 1966, entrei para faculdade de medicina e comecei a militância também no movimento estudantil, mas, também, militava nos movimentos dos bancários e dos servidores públicos. Antes, não era muito ligado à militância estudantil, achava que já tinha muita gente militando. Na faculdade o ambiente era muito agitado e sempre participava daquelas manifestações estudantis de 1967/1968. Nessa ocasião, fizemos uma discussão crítica sobre a atitude do partido comunista diante do Golpe. Já dava para sentir a influência da briga entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista Chinês. A novidade era que não estávamos alinhados nem com um nem com outro. Nós fomos mais à direção da linha cubana que defendia a luta armada como uma saída e o foco guerrilheiro como estratégia correta.

Passamos então a desenhar um outro caminho e houve um racha e o partido foi dividido em várias organizações. Em Minas, fundamos a Corrente Revolucionária de Minas Gerais, em 1967, ligado ao Marighela, mas com um comando próprio. De início, Marighela não queria fundar uma organização de imediato, precisava de tempo. Era também uma estratégia de não se expor à repressão.

Nesse período de 1967 e 1968 tínhamos um grupo do partido comunista. Era uma ligação pragmática e nós lideramos a greve dos bancários e dos metalúrgicos,. Éramos parte integrante do movimento estudantil e tínhamos alguma inserção nos movimentos dos servidores públicos. A gente tinha uma visão mais ampla do mundo que ia além do mundo estudantil.

Sou daquela geração de 62/64, que viveu o ascenso do movimento de massas, sobreviveu ao golpe, perdeu as ilusões reformistas e pacifistas, se engajou na luta interna, na reconstrução da Esquerda e abriu novas esperanças com o projeto da luta armada. Essa tentativa só foi possível com o afluxo da geração de 66/68, que emergiu politicamente no pós-golpe.

Como não éramos soldado, tentamos aprender alguma coisa caminhando pelos morros, cheirando o pó do minério e capim, fazendo exercícios de tiro, certos de que estávamos dando os primeiros passos de uma longa guerra. Ao mesmo tempo em que fazíamos isso, continuávamos nossa atividade política normal: nos diretórios estudantis, sindicatos, associações, panfletando, agitando, além de trabalhar, estudar e levar uma vida aparentemente normal. Líamos Guevara, Mao, Giap, e depois Debray, mas para nós o grande teórico da guerrilha foi Carlos Marighela.

Nosso grupo, embora autônomo, se submeteu à sua liderança. Marighela inspirava confiança, era um sujeito que inspirava muita confiança. Ele sabia o que queria e não omitia isso. Só que as coisas não aconteceram como ele queria. Faz parte de quem é audacioso que não quer ver a inércia da história.

Em Minas, nosso grupo realizou algumas ações armadas, nem sempre com bons resultados, refletindo nosso despreparo e um menosprezo infantil pela capacidade da repressão, que foram fatais para nosso projeto.

A militância armada é mais complicada do que simplesmente realizar ações. É todo um ritmo de vida, um clima de guerra. Quem estava na guerrilha estava numa guerra. Como soldado em guerra você fica sempre alerta, sempre vigiando, sempre tenso, evitando mais que enfrentando, procurando preservar sua vida, sua possibilidade de ação. A morte passa a ser uma constante.

Então, em 1968, eu já estudava medicina, nós estávamos na seguinte situação: trabalhávamos no movimento de massa, estávamos retornando a greve dos bancários, greve dos metalúrgicos e movimento estudantil, mas já éramos um grupo guerrilheiro, pois, já estávamos fazendo treinamento e, no final de 1968, começamos a fazer as ações. Então tínhamos uma vida dupla, não é? E, também, por força de trabalhar, estudar, militar e tudo, comecei há abandonar um pouco a escola. Freqüentei pouco a escola em 1968.

No início de 1969, em uma ação que eu tinha participado, dois companheiros foram presos e feridos. Mas, como não tinha sido aberto meu nome fiquei, assim, numa posição mais ou menos clandestina durante um tempo para ver no que dava. Não deu em nada e comecei a viver uma vida semi-clandestina e faltava ao trabalho. Resolvi então, pedir licença ao banco para ver no que dava. Nessa ocasião, já estava preparando-me para cair na clandestinidade, que era inevitável. Logo, logo, isso aconteceu.

Uma outra ação também que deu problema, uma pessoa me reconheceu e meu nome saiu estampado nos jornais. A repressão baixou na casa de meus pais e eu não entrei mais em contato com eles, caindo na clandestinidade.

Fugi para o Rio de Janeiro após o destroçamento da corrente, sendo um companheiro fuzilado na hora da prisão e dezenas de companheiros presos. Depois fui pra São Paulo, fiquei entre o Rio e São Paulo. Como havia acontecido muita prisão em Minas o Marighela me deu a tarefa de rearticular as coisas. Fiquei pouco na ação e mais na articulação política. Depois houve a morte do Marighela que trouxe muita confusão. Não sobrevivi por muito tempo nessa tarefa, logo fui preso.

Quando fui preso pela segunda vez, no Rio, em março de 1970, estava lendo os manuscritos de Lenine, quando o barraco foi invadido por agentes do Dóí Codi que entraram atirando. Entre as pancadarias, perguntas, pontas-pé e algemas, pensei em um milhão de coisas, preparando-me para o pior. A primeira noite e o dia seguinte foram terríveis: “ponto”, “aparelho”, mil vezes repetidos ao ouvido, ao mesmo tempo em que sofria toda sorte de espancamentos, choques elétricos, pau de arara, holofotes, e interrogatórios. Sobrevivi, sem saber falar dos tais “pontos” e “aparelhos”.

Durante os 38 dias que fiquei no Dóí Codi sofrendo sessões de torturas e interrogatórios, vi desfilar diante de mim, centenas de companheiros presos, torturados, feridos, arrebatados.

Fui transferido para o Dops - RJ e, de lá, para o sistema penitenciário do Rio, indo parar em Ilha Grande. Logo me mandaram para Juiz de Fora, onde meus processos estavam em fase de sumário de culpa e julgamento. Estive sete anos preso em Linhares, tempo de isolamento social e político e de muita sobrevivência física, principalmente de sobrevivência política e ideológica.

Fiquei em Linhares até agosto de 1977 quando fui transferido, a pedido, para o Presídio Político de Frei Caneca, onde fiquei até 1979. Foram quase 10 anos de prisão.

Entre na militância muito cedo, quando cheguei a cadeia fiz um plano para viver 20 anos na cadeia. Essa era minha perspectiva, Não pensava que era moleza não. Sempre penso no pior e preparo-me para o pior. Preparei-me psicologicamente para viver 20 anos na cadeia. Pensei que 20 anos dava para agüentar. Podia agüentar até mais, mas minha perspectiva era que a ditadura ia durar 20 anos. Nunca tive a ilusão que a ditadura ia cair logo. Então, eu tinha uma filosofia de vida de que tinha que viver, viver na cadeia. Construir a vida, novas relações com pessoas, com a família, com a política.

Escrevi um livro de memórias sobre essa época “Linhares: Memorial da Prisão Política”. Estudava, dava aula, fazia muito trabalho manual e militava, tinha organização na cadeia. Nunca tive tempo para o ócio na cadeia. Mesmo quando estava na trancadura, às vezes, deixavam-me ler. Acho que nos meus 10 anos de cadeia devo ter passado um ano e meio na trancadura. Lia muito a Bíblia que era o livro que deixavam ler. Li a Bíblia toda, acho que li umas duas vezes.

Fazia uma leitura mais refinada mais teológica. Foi interessante, nunca desgostei. Não fazia uma leitura religiosa, era mais uma coisa de espiritualidade. Nunca fui atrás da religião para explicar porque fiz isso, fiz aquilo (...) Nunca tive dessas frescuras, isso não é comigo não. Sempre fui mais eu. Sempre procurei formar minha própria idéia ou uma opinião coletiva. Sempre fui responsável pelos meus atos, defeitos e erros. Nunca procurei ancorar

isso em religião, em Deus, em nada disso. Nisso sou muito materialista. Eu faço, eu pago e pronto. Fui criado no cristianismo, mas parti para o materialismo, materialismo mais filosófico. Voltei-me mais para uma avaliação de espiritualidade, um pouco parecido com os orientais também. Eu lia sobre isso e via que era uma outra visão de mundo, de espiritualidade. Isso foi bom para mim, de certa forma ajudava muito. Não no sentido teísta, mais no padrão mais filosófico. Os textos clássicos eram mais refinados, gostei. A mim me faz bem, mas não como religião. Nunca me liguei em religião, exceto até os meus 14 anos. Estava ligado na utopia socialista, eu era comunista e até hoje me considero socialista. Não se pode confundir a utopia socialista como uma espécie de religião. A utopia é um tipo de filosofia, uma visão de futuro, de mundo. A utopia socialista a gente acredita que vai se realizar, mas não por obra de Deus, mas por obra dos homens. Por isso que a utopia se diferencia da religião. Na religião você elege alguém fora de si e se orienta em função dele.

Quando a gente está na cadeia, trancafiado na cela, é que se revela com maior profundidade a condição de prisioneiro. Como já disse, eu dedicava uma boa parte do meu tempo à atividade intelectual: estudos, leituras, meditações, reflexões a respeito das mais variadas questões, desde as mais gerais as mais íntimas. Acontece uma coisa muito interessante na cadeia. Com o passar do tempo, a gente vai estabelecendo uma relação cada vez mais aprofundada com a cela. A gente vai descobrindo todas as suas pequenas saliências, manchas nas paredes, ruído do trinco da porta, a descarga do vaso sanitário, etc. Você passa a manter relação com cada objeto que está ali dentro, a posição em que está disposto se torna familiar, a ponto de perceber até as mínimas alterações e sua ausência. Digamos que a cela representa, para o prisioneiro, um microcosmo onde se representa o universo de suas relações sociais e pessoais. Enfim, exceto numa condição patológica de solidão, o prisioneiro político jamais se sente só ou totalmente só.

Sai da prisão, pós-anistia. Não sai pela anistia, não fui anistiado. Fiquei sob liberdade condicional por mais cinco anos. Durante toda ditadura eu fui perseguido, processado, condenado, demitido e, ainda, fiquei condenado por mais cinco anos. Só sob sub-judice fiquei 15 anos.

Para não conceder a anistia eles criaram duas fantasias. Na verdade, a linha dura só tinha a gente como preso, sendo a única coisa que restava naquela fase de 1979. Eles chantageavam dizendo: “não liberta esses caras que eles têm sangue nas mãos, tem crime de sangue”. Quando esse argumento foi derrubado eles então diziam: “o processo já foi julgado, não vamos rever porque seria um desacato a Justiça Militar”. Por conta disso não fui anistiado.

Quando saí da cadeia, vários de nós fizemos uma revisão crítica sobre conceitos, sobre estratégia política e sobre a própria utopia socialista. Lá dentro a gente já estava procurando caminhos para reintegrar aqui fora ou de continuar lá dentro a militância, porque a gente nunca parou. Foi onde começou a discussão de construir um partido aberto que foi dar no PT. Eu participei dessa discussão. Participei também discutindo com um grupo lá de fora. Tinha várias fontes. Já havia um debate lá fora.

O papel da família no período de prisão foi muito importante, sempre foi. Isso é uma coisa muito importante. Para qualquer tipo de prisioneiro a família é importante. É um tipo de gente que a repressão política, por mais que cerceie, foge da lógica ideológica deles de romper laços familiares, porque é um valor muito arraigado na cultura. Rompe por um dois anos, mas, uma hora abre. Não é uma coisa que um soldado, um milico, um general, um regime, consegue abolir.

Mãe, mulher, filhos, essas coisas pesam muito. Então eu tinha minha companheira que foi presa comigo, saiu com dois anos meio, dois de cadeia e continuou visitando-me. Foi muito importante para mim. Minha mãe foi uma pessoa muito importante com todo esse

apoio psicológico. Os outros familiares também eram importantes, mas essas duas mulheres são mais importantes. Para mim foram muito boas.

No Rio de Janeiro nós já tínhamos uma solidariedade mais ampla. Tinha as visitas, ao final de 77 e em 78/79 já estava mais aberto. As famílias continuam sendo muito importantes, mas vai diminuindo em função do movimento da anistia, partidos políticos em formação, porém, tem coisas que não substituem a solidariedade familiar. Perceber a importância da família foi uma descoberta muito forte para muitos e comigo também aconteceu isso.

Dentro da cadeia nós montamos um Núcleo do PT, tinha uma turma de filiados que militava lá dentro. Isso era no período do PT em formação.

Nos anos de 1978 e 1979, principalmente em 79, havia muita discussão. Nós tínhamos muita análise. O Lula era a liderança de um novo sindicalismo, que enfrentou a ditadura, que quebrou aquelas amarras. Embora não comungasse com muitas das nossas posições, ele representava aquilo que nós gostaríamos que a classe operária tivesse uma liderança própria. Isso que nos atraiu nele, era parte da discussão. O Lula foi à cadeia umas duas vezes e discutamos isso com ele. Tinha discussão, só que, agora era uma discussão meio enviesada porque ele tinha uma lógica de luta que não era nossa. Como dirigente sindical ele trabalhava com resultados.

Todavia, deu um salto dizendo que precisava de um partido que ele conseguiu unificar. A importância histórica do Lula é essa, ele unificou a esquerda toda, diversas fontes, em torno de uma tese de um partido dos trabalhadores. Tese todo mundo tinha. Agora, juntar o povo, juntar lideranças operárias para fazer isso, foi o Lula. Não é tese que consegue fazer isso. Todos tinham tese e nós tentamos também fazer isso, o problema que ele tentou e conseguiu. O papel histórico dele é muito relevante. Sem a personalidade do Lula seria muito

difícil fundar o PT, mas ele sozinho não faria isso. Ele tinha muitas lideranças sindicais que formaram esse grupo sindical do PT. Sem isso não existiria PT.

Tinha aversão a esse negócio de governo, parlamento, por conta da minha trajetória mais radical. Então ajudei a fundar o PT. No Rio ajudei com aquelas discussões. Fui então para Belo Horizonte, fundei um Núcleo e elegi-m presidente do Núcleo. Depois larguei tudo e fui para Cuiabá. Já tinha intenção de mudar-m para Cuiabá, fui lá e ajudei fundar o PT. Em Cuiabá consolidamos o PT, mas nunca fui candidato. Só vim a ser candidato em 1992 em outras circunstâncias. No dia da convenção, o candidato desistiu e não tinha ninguém para colocar no lugar e o prazo estava vencendo, então fui indicado para ser o candidato. Tive um relativo sucesso, todo mundo pensava que ia ter um ou 2% de votos e tive 8%. Algo totalmente não programado.

Em 1994 eu estava fazendo doutorado. Eu não queria ser candidato e então eu disse: “Não quero ser candidato, mas o PT vai eleger um candidato a deputado federal”. Ninguém acreditou e ninguém quis se candidatar. Foi quando uns caras do quadro secundário do partido, começaram a articular. Era campanha do Lula e eu disse: “Esse negócio não vai dar certo”. Assumi e fui eleito deputado federal. Fui deputado federal, estadual, depois não fui eleito e hoje estou aqui no ministério. Nesse trajeto todo, também, fui dirigente estadual e dirigente nacional, foi muita luta. Depois eu realizei, discuti, propus. Fui um cara muito ativo. Nos últimos anos, com o negocio de mandato no governo, diminui minha participação na vida interna do PT.

Minha experiência como deputado foi muito interessante. Quando fui ser deputado já tinha uma outra visão de mundo. Agreguei conceitos ecológicos, ambientalistas a minha visão socialista. Isso desenhou um novo modo de atuação, um novo modo de ver a luta social. Sempre associado à luta ambiental. O Parlamento é uma representação das virtudes e mazelas

do país, tem de tudo. Eu me concentrei naquilo que achava importante. Concentrei-me na questão ambiental e de direitos humanos.

Quando resolvi sair de Belo Horizonte para Cuiabá foi exatamente para retomar minha vida política e social em um lugar onde ninguém conhecia meu passado. Fiz um corte voluntário com o passado. Pessoas dentro do PT diziam: você foi isso, foi aquilo e vai ser isso agora. Não queria mais isso. Fiz questão de disputar a direção de um núcleo no voto, com outras pessoas e ninguém conhecia meu passado. Queria me afastar para recomeçar politicamente, não ideologicamente. Era uma espécie de desafio.

Também, com isso, entra um problema familiar. Sempre vivi muito afastado da família. Desde meu 16 anos com militância, afastei-me da família. Tudo que construí depois foi fora da família. Os laços afetivos continuavam fortes, mas a convivência fraca. No meu caso tinha que procurar meu caminho por conta das diferenças ideológicas, porque na família não havia acordo. Minha identidade também foi construída contra a família, contra os valores da minha família. Isso acaba dando traços na nossa identidade. **Quando a gente é jovem é mais radical. Com a idade a gente vai relativizando fatos passados, conflitos.**

Apesar das diferenças sempre conservei laços com meu pai e minha mãe, nunca rompi. Politicamente não aceitava a posição do meu pai, mas nunca deixei de respeitá-lo. Com minha mãe esses laços eram muito mais fortes. Meu pai morreu e até hoje minha mãe é viva. Ela tem 90 anos e vou passar o Natal com ela. É interessante. Escrevi um livro e dei de presente a minha mãe e o livro é sobre ela. Chama-se “Glória mãe de presos políticos”, é como se fosse cem anos de história política do Brasil, contada por uma pessoa que não tinha nada a ver com a política, mas sempre se meteu na política.

A minha posição com relação aos acontecimentos, em relação ao governo, tem uma visão diferente. Meu problema não é se o sujeito fez corrupção e tal. Isso, obviamente é um problema, mas meu problema é anterior a esse e muito maior e que às vezes fica

subsumida por esse problema que considero menor. Toda nossa vida era de chegar ao poder, governo, fazer a transformação social. A discussão é: Um partido institucional pode fazer isso no Brasil? Partidos que têm uma corte operária, como PT, pode fazer isso na institucionalidade? A esquerda tem futuro? Consegue fazer transformação dentro da institucionalidade? Pode ser revolucionário na institucionalidade? Pode-se governar sem alianças?

A corrupção é grave, mas as questões que coloquei são anteriores a isso e só fez agravar. Acho imperdoável o que fizeram. Não por causa de mensalão e outras coisas, mas porque colocaram em risco uma experiência histórica, mesmo que limitada, em função de algo que não fazia parte de nossa trajetória. Faltou responsabilidade com o projeto e isso é imperdoável, é chocante. Mesmo não tendo uma expectativa de fazer uma coisa muito renovadora, tinha-se que respeitar os parâmetros das coisas e não reproduzir o que os outros fazem.

Também, a gente tem que ver essa coisa da imagem. O que FHC fez foi uma coisa tão brutal com essa nação, no caso das privatizações e ninguém questiona. O que ele fez foi mais ou menos o que o Boris Yeltsin fez na Rússia. Literalmente, fez a transferência do capital estatal para mãos de alguns e isso envolveu bilhões. Essa transferência brutal tem poucos paralelos na história. Para fazer isso teve muita corrupção e tudo foi feito de uma forma legal.

Fazendo um balanço da minha trajetória, nunca tive arrependimento pelas coisas que fiz. Nunca tive essas frescuras. Fiz o que achava que devia fazer, de acordo com as circunstâncias e do que pensava da época. Acho que contribui para a luta contra ditadura e para redemocratização do país.

### 4.3. Geraldo

*[...] fui cada vez ficando mais envolvido e o pessoal do partido me dando assistência, fui me entusiasmando com aquele negócio, porque era uma revelação para um mundo, um mundo quase religioso, para mim era um mundo inteiramente novo (Geraldo).*

Geraldo, brasileiro, viúvo, nascido em 1925, Aracaju, Estado de Sergipe.

Eu era filho de um tabelião e durante os dezessete anos que vivi em Aracaju fui estudante e fiz até o ginásial.

Quando meu pai adoeceu, em 1940, minha família passou a enfrentar dificuldades e na busca de soluções resolveu que eu deveria ir pra Marinha de Guerra.

Todos os anos, a Marinha recrutava levas de aprendizes de marinheiros e meu irmão mais velho, que estava estudando Direito na Bahia, descobriu que a Marinha de Guerra ia fazer uma prova para admitir novos marinheiros e que eu então deveria ir até lá. Aceitei. Fiz a prova e passei.

Em janeiro de 1943, em plena guerra — o Brasil havia declarado guerra ao Eixo em 22 de agosto de 1942 — eu estava entrando como voluntário na Marinha de Guerra. Claro que eu não tinha muita idéia do mundo na época. A guerra que se passava lá fora era uma realidade muito distante da vida de um jovem de 17 anos, que vivia jogando sinuca e não dava muita importância a estes fatos. Mas que, às vezes, participava das manifestações que ocorriam no Brasil inteiro.

Quando os navios mercantes brasileiros eram torpedeados pelos submarinos alemães e afundavam e os naufragos chegavam às costas brasileiras, a revolta popular crescia. Chegou a um ponto em que as casas, residenciais e comerciais, dos alemães, italianos e japoneses serem atacadas e quebradas. Eu, jovem, em Aracaju, participava das manifestações contra o ataque aos navios brasileiros.

O fato é, fui para Marinha, mas sem muita consciência de nada, a não ser que nós éramos o outro lado do Eixo. Era até onde eu chegava.

Na Marinha, fizemos um curso de nove meses. Em setembro de 1943, ainda com 17 anos, não tinha completado 18 anos, juramos à bandeira e passamos a marinheiros, deixando de sermos aprendizes. Embarquei no Minas Gerais, que era o encouraçado que estava na Bahia e que foi comprado da Inglaterra.

Em 1910, o Brasil comprou dois encouraçados da Inglaterra, de vinte mil toneladas cada um. Eram quase os maiores que havia na época e um foi chamado de Minas Gerais e o outro de São Paulo. O Minas Gerais depois foi reformado, porque era a carvão e passou a ser a óleo, era o capitânea da esquadra, o mais importante, mas já em 1943 era considerado um navio tecnologicamente velho para a época.

Fiquei no Minas Gerais por uns sete meses até que houve uma seleção, pois, quando o Brasil entrou na guerra, a nossa Marinha não estava em condições de participar de batalhas em alto-mar e fazer comboios. Os americanos, então, na base de uma lei de leasing, empréstimo de arrendamento, resolveram fornecer destroyers para o Brasil. Eram vários tipos de navios. Tinha maiores, médios e menores e eu fui trabalhar num deles. Antes disso, eles mandaram a gente para os Estados Unidos fazer um curso e eu fiquei lá durante dois meses. O curso era de radar, sonar e fazíamos exercícios com submarinos no Golfo do México. Ficamos na cidade de Miami em um hotel enquanto as turmas se revezavam. Havia pessoas de diferentes nacionalidades fazendo esse curso, como brasileiros, russos e outros.

Só para entender, os americanos entregaram os navios, como no meu caso, à tripulação que já tinha sido treinada. Assim, os americanos desciam do navio e nós, da guarnição nova, subíamos e tomávamos conta do navio.

Logo começamos as primeiras experiências de realizar patrulhas. Fizemos vários comboios entre Recife e Trinidad Tobago para proteger navios mercantes. Essa fase foi muito interessante para mim.

No curso que fizemos nos Estados Unidos não havia ainda essas campanhas anticomunistas. Naquela época os cursos eram puramente técnicos.

Em 1944 os americanos estavam muito interessados no apoio do Brasil, no Sul do Continente, como uma extensão. Esse apoio demorou, dizem até que Getúlio Vargas andou vacilando, mas depois propagou-se que Volta Redonda havia sido uma reivindicação de Getúlio e que, graças a ele, entramos para o grupo da siderurgia. Vieram os navios emprestados e isso permitiu que entrássemos na guerra.

Quando entramos na guerra, já nessa fase de 1944, grande parte da nossa Marinha mercante já tinha sido posta a pique nas costas do Brasil. Cheguei a ver uma baleeira chegar com seu o pessoal, que de tanto ficar exposto ao sol, estavam com a pele caindo. Isso indignava, revoltava todo mundo, mesmo os que estavam mais distantes.

Na época eu não tinha nenhum conhecimento sobre o socialismo. Jovem, com apenas 17 anos, tudo aquilo tinha muito sentido de aventura.

Viajando dias e dias em alto mar, de volta ao Brasil a bordo do Bracuí BE-3, um destroyer, eu não tinha conhecimento de que havia, na tripulação, alguns marinheiros que eram militantes de esquerda. Um dia, durante a viagem, um deles se aproximou de mim e começou a revelar um mundo que nunca suspeitei que existisse, o estudo da economia política. À noite, na escuridão, luzes apagadas por causa do blecaute, esse militante me falava sobre o comunismo primitivo, como é que havia surgido à sociedade, as primeiras diferenças. Explicava como se deu a passagem do Feudalismo para o Capitalismo, o desenvolvimento das forças produtivas e a exploração do homem sobre o homem, também sobre Marx e Engels.

Arranjou uns livros para eu ler. Havia um livro de um americano que não me lembro o nome e que naquela época era muito lido.

Assim, fui “recrutado” na Marinha, como se dizia na linguagem técnica usada pelo partido comunista. Fui recrutado a bordo do destróier e depois, já em terra, no Rio Grande do Sul, tive contato com o partido e fui ficando cada vez mais envolvido. O pessoal do partido me dava assistência e naturalmente, fui me entusiasmando com aquele negócio que era uma revelação para um mundo inteiramente novo para mim, um mundo quase religioso.

Permaneci na Marinha por uns sete anos ou sete anos e meio. Quando terminou a guerra, a esquadra desceu para o Rio de Janeiro e comecei uma nova fase de militância.

A militância do partido nas Forças Armadas era distante em relação ao resto da sociedade e também do próprio partido. Não tinha nenhum contato direto com os sindicatos e outros movimentos.

No Rio, fazíamos nosso trabalho de militância no clube dos marinheiros, uma espécie de gafieira onde os marujos dançavam aos sábados e domingos. A turma envolvida com a política achou que devíamos ir para o clube para estabelecer uma ligação maior com a massa dos marujos. Assim, fomos para lá, criamos um jornal e inúmeras outras atividades para convivermos com os marinheiros.

Em 1950, a Marinha informada das nossas atividades clandestinas, prendeu alguns marinheiros que, pressionados, foram denunciando os outros. Tipo de coisa que ocorre numa situação dessa. Desta forma, acabaram descobrindo que éramos uma organização política, ligada ao partido comunista. Tudo isso foi descoberto porque houve Inquérito Policial Militar arrolando todo mundo como testemunha.

A essa altura, já se percebia um forte sentimento anticomunista. No período de 1945 a 1950 já se propagava o famoso discurso de dois mundos. Dois mundos que até então eram unidos, aliados e que ganharam a Guerra. Entretanto, começa-se criar uma diferenciação

entre esses dois mundos. E o mundo político da época ganha uma polarização nítida que culminou na chamada “Guerra Fria”, que foi determinante para a separação entre o comunismo e o resto do mundo. Tanto é que fomos expulsos da Marinha na condição de comunistas.

Em 1950, uns 30 marinheiros foram expulsos. Apesar de ser um ex-combatente, de ter medalha de guerra, nada disso interessava a eles. Eles nos deram um documento como isentos de prestar serviço militar. Como é que eu podia ser isento depois de prestar serviço militar durante sete anos e meio?

Fui expulso da Marinha, mas continuei ligado ao partido porque já estava muito entranhado ali dentro. Fazia parte da direção que atuava no meio militar. Recebia assistência como regular. As pessoas que recebiam assistência tinham ligação com o órgão superior. Quer dizer, não só recebíamos instruções para executar determinadas tarefas, como também, colhíamos informações para o partido.

Em 1949, quando Mao Tse Tung fez a revolução na China, houve uma conferência clandestina do partido na Marinha para explicar o quê era a China. Ninguém tinha noção de nada. A importância da China ter conseguido fazer a revolução e de Mao Tse Tung ter botado para fora os imperialistas era falado nessa conferência.

Havia um livro de um economista que ensinava economia política por etapas, um autor conhecidíssimo, mas que agora não me lembro seu nome. O bom é que ele falava de economia por etapas e a gente trabalhava cada capítulo como se fossem aulas.

Para recrutar o pessoal, nos aproximávamos dos companheiros marinheiros e conversávamos sobre o que havíamos aprendido nas aulas. Começávamos a contar como era o comunismo primitivo, sempre com uma visão materialista, mas sem falar muito em materialismo. Só depois, a gente ia mostrando porque a igreja estava sempre numa posição

reacionária, automaticamente íamos fazendo um contraponto. Imagina, dar um curso andando, conversando, preparando os outros...

Quando nos pegavam, já havíamos feito muito trabalho de conscientização. Os oficiais militares, que já desconfiavam das nossas atividades, pois ali não havia nenhum otário, caíam em cima da gente com tudo. Porém, também, nós cometíamos algumas imprudências como pregar no anteparo, na parede do navio, faixas com a palavra “paz” e outras palavras de ordem da época, numa verdadeira provocação.

O que me faz lembrar de uma vez em que o meu navio foi reprimir uma greve dos portuários em Santos. Aquilo para nós era uma missão indigna, então arranjamos um companheiro para içar uma bandeira vermelha no meio das outras que o navio trazia — os navios comumente trazem muitas bandeiras. Imagine a ousadia de pegar uma bandeira vermelha e colocar no meio das outras, aquilo era um verdadeiro desaforo...

Expulso da Marinha, os dirigentes do partido me deram uma missão. Um companheiro, o Agliberto Azevedo, já falecido, que estava em Recife no setor militar foi preso. Ele era uma figura muito conhecida, pois, foi um dos revolucionários que participou daquele conhecido levante comunista de 1935. Para cobrir o Agliberto, pegaram um companheiro que estava em Minas e mandaram para Recife e eu fui mandado para Minas Gerais.

Em Minas uma pessoa me deu todas as informações sobre as atividades que exerceria e apresentou-me a um grupo do partido. Permaneci em Belo Horizonte por dois anos, de 1950 a 1952, dando assistência e organizando o pessoal da área Militar. E eu fazia, também, um jornalzinho mimeografado chamado “O Soldado de Prestes”, direcionado aos militares, onde se falava de salários, direitos, política, entre outras coisas. Mandava esse jornal pelo correio para os endereços que o partido havia passado-me. Era uma forma de

divulgação, como, também, uma provocação. Os militares diziam: “Continua circulando o jornal clandestino, defendendo o comunismo, Prestes e outros”...

Nessa época aconteceu um fato: um companheiro, cujo nome de guerra era Zico, que tinha sido militante lá em Belo Horizonte, foi transferido para o Rio como reconhecimento pela sua fidelidade ao partido. Lá prestava um serviço considerado muito importante que era de mandar correspondência para as residências dos oficiais. Ele foi preso. Houve um roubo de um anel na casa de uma patroa, a polícia apertou a empregada da casa e ela negou o roubo. Quando os policiais perguntaram-lhe se tinha namorado e ela respondeu que sim e que seu nome era Zico. Em seguida, ela foi levada para a casa do Zico e lá os policiais encontraram um mimeógrafo e um mundo de material do partido. Pegaram o Zico e começaram, a apertá-lo dizendo: “Você não existe, você não tem nome, não tem nada. Eu vou lhe matar, quero ver se você é capaz de suportar dor”. Ele passou para o outro lado e começou a denunciar, denunciou um mundo de gente.

Quando ele terminou de denunciar os militantes no Rio, foi para Belo Horizonte. No “Jornal da Tarde” apareceu uma reportagem com uma foto do Zico onde ele dizia que faria em Belo Horizonte o mesmo trabalho de denúncia que havia feito no Rio. Diante disso, o pessoal do partido me disse: “Você não pode permanecer aqui, vá pra Uberaba”. Naquele tempo o acesso a Uberaba era bem difícil.

Desde que entrei para a clandestinidade usava nome fictício, inclusive, queimei todos os documentos, deixei de existir civilmente.

Lembro-me, quando fui para Belo Horizonte, de uma cena que me parece hoje engraçada. Haviam orientado-me que deveria encontrar um sujeito em frente a um prédio — acho que era a Secretaria de Educação — na calçada. Essa pessoa estaria de gravata vermelha, levaria uma senha e eu deveria dizer umas palavras para me identificar. Essas coisas hoje

parecem engraçadas, mas naquele tempo era uma tática do partido que cumpríamos sem questionar.

Não fui preso porque o pessoal me mandou a tempo para Uberaba, onde começou a minha vida fora do setor militar, era março de 1952. Até então, havia atuado exclusivamente no meio militar. Fiquei seis meses em Uberaba, pichei rua, fiz o diabo lá.

O pessoal do partido gostava da minha participação, tanto que fiquei como encarregado, uma espécie de dirigente, substituindo um outro companheiro. A sede da direção regional era subterrânea, clandestina. Houve uma reunião e eles resolveram levar-me para Uberlândia. Era um cargo maior, uma espécie de promoção.

Esses seis meses que passei em Uberaba foram muito importantes para mim. Era como se tivesse saído da clandestinidade dentro do próprio partido. Pela primeira vez liguei-me com pessoas do partido que não eram do meio militar. Ninguém sabia de onde eu vinha e com esse contato é que fui conhecer como funcionava o partido.

De lá fui para Uberlândia, mas logo a direção nacional do partido ordenou que eu partisse, alegando que lá eu não estava seguro. Eles não me deram muitos detalhes, mas tinha a ver com a minha condenação. Por causa da prisão do Zico, prenderam muita gente. Por meio de um livro de fotos, a polícia descobriu que um marinheiro, Geraldo, estava dando assistência e usando o nome de guerra de Rui., Foi assim que eles me descobriram. O processo do Inquérito Policial Militar foi para à Auditoria Militar, em Juiz de Fora, que é a 4ª Região, onde eu fui absolvido. O promotor recorreu para o Superior Tribunal Militar – STM - e eu fui condenado a dois anos e meio. A direção do partido achava que ali eu não estava seguro, portanto, deveria ir para Goiás.

Então, saí de Uberlândia e fui para Goiás. Naquela época era uma viagem muito longa, não tinha asfalto, era só terra. Imagine que para sair de Belo Horizonte para Uberaba levava um dia e meio, tinha-se que pernoitar em Araxá, aquela cidade de águas termais. Hoje

este percurso é feito em poucas horas. Pois bem, saí de madrugada de Uberlândia para Goiânia, foram dois dias de viagem. Era uma coisa muito louca. O ônibus era um pega passageiro aqui, outro ali, igualzinho à condução que tem até hoje no interior.

Quando cheguei a Goiânia fui orientado a procurar o médico Jonas Ayube, filho de uma família conhecida. Assim, dirigindo-me ao seu consultório pronunciei a senha que eu levava. Ele ficou parado por um tempo, pensativo e contou-me que a senha era tão antiga que ele já nem lembrava mais. Depois ele me disse: “Fique aqui que eu vou chamar um companheiro”. Saiu e voltou com uma figura muito conhecida, Alberto Xavier, um dos chefes do partido lá em Goiás que me botou o nome de Rui e instalou-me numa casa, enquanto aguardava orientação do partido sobre minhas novas atividades.

Stálin morreu no dia 5 de março de 1953. Eu estava em Goiânia nesse dia e eu ouvi a notícia por meio do rádio de um vizinho. Alguns dias depois, o partido convocou uma plenária onde o tema central foi à morte de Stalin. Houve muitas homenagens, onde Stalin era chamado de pai, mestre, exemplo, entre outros adjetivos.

Permaneci em Goiânia cerca de seis meses e depois fui mandado para roça, para a Colônia Agrícola de Ceres, criada por Getúlio Vargas, no Vale de São Patrício. Chegando lá, logo viram a diferença entre os meus conhecimentos e os do Geraldão, do Vicente e do Suarão — figuras conhecidas da luta camponesa de Trombas de Goiás - por causa da minha experiência. Tendo passado pela Marinha, militando no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e depois em Uberaba, onde militei no partido civil, chegando ao partido civil-camponês, havia acumulado muita experiência.

Enfim, a roça era um mundo inteiramente novo para mim, nunca tinha sido camponês. Aprendi muito no período em que passei lá. Perdi rapidamente seis quilos andando léguas. A gente se reunia dentro de um paiol e fazia as reuniões. O partido tinha vida lá.

Recrutava gente, distribuía o jornal “Ranca Toco” que era impresso em um reco-reco, uma espécie tosca de reproduzidor de texto que fiz com o auxílio de um carpinteiro.

Nesse jornalzinho noticiávamos aniversários, casamentos, óbitos, publicávamos versos dos menestréis sertanejos, anunciávamos festas, levantávamos reivindicações dos colonos e levávamos mensagem da reforma agrária aos meeiros e demais sem-terras dos municípios adjacentes à Colônia.

O reco-reco é uma invenção que dizem ser portuguesa, uma forma rústica de imprimir coisas. Eu aprendi isso em Belo Horizonte. A pessoa que me ensinou era um dirigente nacional, Ivan Ramos Ribeiro, que vinha da Aeronáutica e havia participado do levante comunista de 1935.

Quando cheguei lá, fui para Uruaçu, que ficava no norte da colônia, propus fazer um jornalzinho e todos concordaram. Logo arranjaram um carpinteiro que fez os quadradinhos e tal, fizemos uns dois ou três desse negócio, para eles foi uma novidade formidável.

O reco-reco é uma página interessante do *savoir-faire* daquele período. No jornal falava-se da colônia agrícola, quando se fazia algum plantio e quando estava pronta a produção, se o camponês estava sem dinheiro e se isso tinha haver com a ação do atravessador, que vai lá e compra a produção a um preço mínimo. Às vezes o atravessador compra na planta, isto é, antes de colher. Eram essas as histórias que a gente denunciava no jornalzinho. Luta de classes mais séria não havia, falavam em reforma agrária vagamente. Isso tudo foi antes de Formoso. Quando me chamaram para dar um curso fora da Colônia, foi no tempo que o pessoal estava indo para o Formoso para conhecer a luta lá de Trombas e eu não participei desses acontecimentos.

A gente se vestia com muita simplicidade, com a botina de goma, como eles chamavam e andávamos para todo lado com ela. Para se ter uma idéia de como era engraçado,

tinha uma fazenda de café, chamada de Cafeeira que ficava no outro município, fora da colônia agrícola. Fomos para Cafeeira, que era o lugar onde se tinha que trabalhar a consciência dos camponeses. Como era um lugar de poucos recursos, um dia um menino achou uma galinha chocando e gritou: “Mãe, olha aqui”. Nesse dia foi uma festa, tinha comida para todo mundo.

Um dia o Geraldão chega à reunião e diz: “Tenho um assunto sério para levantar, nossa gordura está acabando”. Como o Geraldão tinha uma família grande e todos que vinham de fora comiam em sua casa, a subsistência era um problema. Diante disso, fomos para Goiânia e na sede regional do “Partidão” dissemos: “Nós viemos aqui pra buscar recursos”. Nos deram uma quantia em dinheiro, não sei exatamente o quanto, e voltamos para a roça. O Geraldão comprou dois porcos, pois, o milho ele tinha para engordar os bichos.

No dia que mataram o primeiro porco eu estava lá. É um capítulo interessantíssimo. Matou-se o porco de madrugada. Começaram a cortar aquilo tudo e a Geralda, mulher do Geraldão, jogava os pedaços de toucinho em uma panela grande. A gordura ia dissolvendo, e de vez em quando ela colocava um pedaço de carne dentro. Os pedaços de carne eram divididos e mandados para os vizinhos do outro lado do córrego. E eles, quando caçavam algum animal faziam o mesmo, havia um intercâmbio, havia solidariedade.

Quando estava para ir embora, fiquei uns dias a mais porque o Geraldão conseguiu uma vaca para matar, foi o maior sucesso, pura farra naquela pobreza.

Bem, o fato é que eles me mandaram dar o curso de política. Tudo começou com aquele curso que eu preparei lá na beira do córrego em Itapeva. Fui chamado pelo partido que me mandou para Anápolis e depois para Catalão e Goiânia. Dei uns quatro ou cinco cursos. Seguindo a orientação “lá de cima”, para que a aula não ficasse muito “pesada” eu dividia os assuntos em capítulos que se transformavam em quatro ou cinco aulas.

O pessoal da Colônia Agrícola tinha um bom nível de alfabetização. Eles foram colocados lá de fora para dentro, não eram camponeses nascidos na região. A reforma agrária foi feita dessa forma, famílias de fora eram assentadas nessa Colônia. De maneira que um vinha de Minas, outro de Goiás e assim por diante. Todos tinham um certo nível de escolaridade. Eu lembro que uma vez fiz um boletim para a direção da comunidade agrícola, que era um funcionário do governo, exigindo assistência de saúde. O pessoal levou esse boletim com assinaturas, e quando chegou lá na reunião pública o homem olhou e disse para a pessoa que levava o documento: “Isso não foi você que fez. Quem é que fez isso aqui?”. “Fomos nós.” - respondeu. Quer dizer, o cara ia descobrindo que não se tratavam de pessoas analfabetas. O administrador da Colônia não tinha nada a ver com a gente. Ele devia obrigações ao Estado, que pagava seu salário.

Quando estava em Goiânia, a direção nacional pede para mandar um quadro do partido local para o Rio a fim de participar do Curso Stalin. Acho que o curso era de cinco semanas, não me lembro bem à duração exata. Era um curso de maior nível que o partido oferecia e era realizado em uma casa grande, onde ficávamos hospedados.

Era tudo muito bem organizado na clandestinidade. Tínhamos aulas, palestras, hora de estudo e também discussões e debates. Na hora de escolher o orador da turma alguém perguntou apontando para mim: “Foi ele que veio da roça?”. “Foi ele!” - responderam outros companheiros. Assim, fui escolhido o orador da turma. Adotei o nome de Quincas e quando terminou o Curso Stalin, o pessoal todo voltou para os seus estados. Mas, o chefe da época, que era o Arruda, secretário-geral do partido, logo abaixo de Prestes, me disse: “Você não vai para Goiânia, você vai ficar aqui no Rio”. Eles colocaram-me lá, numa direção, para participar de uma comissão de organização do diretório metropolitano, porque lá era a capital do Brasil. Então, eu fiquei fazendo parte disso por mais de um ano, até 1955, quando então fui mandado para União Soviética.

Assim, como fui escolhido durante a Guerra, como marinheiro, para ir para os Estados Unidos fazer o curso de sonar e radar, também, dessa vez, escolheram-me para ir para União Soviética fazer um curso, que era o terceiro que fazia (o segundo foi o Curso Stalin).

Éramos umas cinqüenta pessoas. Imagine como é viajar, atravessar o mundo, quase clandestino, com documento falso. Deram-me um passaporte falso, porque eu era condenado, passei a noite aprendendo a fazer a assinatura e decorando dados. Pegamos a terceira classe de um navio mercante velho e fomos até Gênova. Foram quase vinte dias de viagem. A bordo, a comida não era grande coisa. Davam vinho e muito macarrão. Mas o vinho foi ficando claro demais e o pessoal reclamava: “Isso não é mais vinho, isso é água”. Chegamos a fazer uma greve durante a viagem. De Gênova fomos de trem para Zurique e lá pegamos um avião para Praga de onde seguimos para União Soviética.

Nos lugares por onde passamos não tínhamos nenhum contato. Antes de viajar, o partido botava na mão da gente o passaporte e explicava como proceder. A ordem era não procurar contato com ninguém, mas percebemos que no mesmo navio havia uma meia dúzia de pessoas que estavam com a mesma missão que nós e que, certamente, também tinham recebido a mesma orientação.

Em Zurique ficamos no mesmo lugar e jantamos juntos. Foi muito interessante porque no restaurante suíço, com aquele silêncio tipicamente europeu, o garçom trazia o prato com a chama em baixo, eu nunca tinha visto coisa igual. O fato é que o nosso pessoal estava doido para conversar, foi uma algazarra danada.

Quando chegamos à União Soviética ficamos hospedados em uma espécie de casa de campo. Os russos nos atendiam providenciando todas as coisas, inclusive um check-up. Permanecemos lá dois anos, de 1955 a 1957. Depois de certo tempo, o Jacob Gorender, que está vivo ainda, disse: “Olha, eu acabo de fazer as contas, os cinqüenta já engordaram quase uma tonelada”, foi muito engraçado.

Jacob Gorender, historiador, em minha opinião é uma das pessoas mais estudiosas e cultas que conheço. Ele acordava de madrugada para estudar e escrever, inclusive dava aula para nós. Ensinava-nos sobre coisas difíceis de entender como, por exemplo, chegar ao valor real da mercadoria, qual era o seu verdadeiro valor. Aprendemos, por exemplo, que a mercadoria não custa sempre o mesmo preço. Se ela está escassa, o preço sobe, se ela é abundante o preço cai e que o valor da mercadoria é a média tirada daí, isto é, não é nem na alta nem na baixa. Mas é importante falar no Gorender porque eu tenho uma admiração particular por ele.

Assim como eu, ele também se casou com uma moça que havia estado lá, fazendo o curso na União Soviética.

A minha esposa era de Goiânia e também havia ido para Rússia fazer o curso. Namoramos lá, mas só casamos em 1957 quando voltamos ao Brasil. Fomos para o Rio e lá o partido mandou que ela fosse trabalhar na Light como telefonista para se infiltrar no meio das outras. Mas, ela ficou grávida e decidiu dar luz em Goiânia na casa da mãe. Arranjamos dinheiro, e ela, coitada, ainda fez uma viagem longa parando em uma porção de lugares.

A família dela foi muito importante para mim. Tive pouca convivência com a minha. Deixei minha família ainda muito jovem e a família dela me acolheu como filho. Até hoje guardo proximidade com meus cunhados. Eram dez, e hoje são quatro. Todos muito amigos.

A família da minha esposa era engajada politicamente, o que é fundamental para entender o envolvimento político dela. A ida dela para a Rússia não era algo inusitado, ao contrário, era quase um acontecimento natural. Sua militância e dedicação ao partido valeram a ela indicação para ir à União Soviética fazer o curso. A escolha para fazer esse curso foi feita no Brasil inteiro, eram ao todo umas oito mulheres em um grupo de 50 pessoas. O

partido exercia um duro patrulhamento sobre seus dirigentes. Nada de relação marido-mulher, todos eram militantes, nada de misturar as coisas.

Porém, Apolônio Carvalho, que morreu há pouco com mais de 90 anos, também estava na União Soviética. Ele tinha feito o curso de dois anos, mas acharam que ele devia fazer uma espécie de extensão, então ele ficou para fazer o outro curso conosco. Só que, nesse segundo curso a mulher o acompanhou e eles eram o único casal a quem foi permitido morar juntos. Para os demais casais, o regime era durão, parecia um seminário. E tudo funcionava muito bem. Nós ainda ganhávamos um salário, um valor simbólico para comprar cigarro. Cigarro naquele tempo era livre, ninguém combatia o fumo. Era um cigarro diferente, chamado papiroose.

Bom, o fato é que nós ficamos lá dois anos e tudo foi muito interessante. Aprendemos muita coisa, íamos assistir ao balé - que eu nunca tinha visto -, concertos e museus. Lembro-me de um museu famoso em Leningrado, viajamos para lá e na volta descemos até a beira dos Urais. Foi um período interessante, de muito aprendizado. Imagine a minha cabeça como não cresceu nessa época em termos de conhecimento. Construí uma boa base para estudo, era uma verdadeira academia. O curso era regular, só que era dado para esse grupo isolado. Imagino que cursos como esses, oferecidos aos brasileiros, também eram oferecidos a grupos de outros países.

Nós não fomos para universidade, não vivíamos no meio do povo e como ficávamos isolados não aprendemos muito a língua russa. Ficamos dois anos lá e recebíamos regularmente o jornal “Pravda” que o professor utilizava para dar aulas de russo para o nosso grupo. Aprendíamos o alfabeto cirílico, mas falávamos e escrevíamos o russo rudemente. Sem o contato com a rua não havia oportunidade de praticar. Era difícil aprender só no campo teórico, sem outros rudimentos necessários para aprender um língua.

Voltei a Moscow em 1985, trinta anos depois, quando houve um festival da juventude. O pessoal do partidão estava organizando uma delegação para esse evento. Duzentas pessoas foram do Brasil para União Soviética. Era o tempo do Gorbachov, havia gente do mundo inteiro e nós estávamos no meio. Foi impressionante.

Fiz parte dessa delegação porque precisavam de um ex-combatente e um companheiro, que está vivo, trabalha na Câmara, disse: “Eu conheço um ex-combatente que é meu companheiro”. Colocaram-me na delegação e assim tive a oportunidade de voltar para Rússia. O engraçado é que o avião russo não parava no Brasil, nós fomos para Buenos Aires. De lá embarcamos num avião russo daqueles grandões, atravessamos o Atlântico via Dakar, até chegar à Europa.

Como eu dizia, em 1957, no meu retorno da União Soviética, fui para o Rio e designado pelo partido para trabalhar com o pessoal da Leopoldina. Foi um tempo difícil.

Em fevereiro de 1956, Nikita Krushev durante o XX Congresso do Partido Comunista revela os crimes de Stálin. Penso que o Krushev resolveu revelar isso porque a sociedade estava muito voltada para a figura do Stálin, dificultando qualquer mudança que se quisesse fazer. Ele achou que devia denunciar, que era uma contribuição que ele estava dando. Contam que após a revelação, alguém que participava do congresso comentou: “Por que ele não denunciou isso naquela época?”. Krushev ouviu o comentário e perguntou: “Quem foi que falou?”. Diante do silêncio ele disse: “Não falei na época por essa mesma razão”.

Stálin havia morrido em março de 1953 e essa revelação ocorreu em fevereiro de 1956, portanto, três anos depois. Naquele tempo estávamos na Rússia fazendo curso. Fazíamos muitas reuniões para discutir as revelações de Krushev. Uns defendiam Stalin, outros acusavam. O interessante é que embora eu estivesse em Moscow quando Krushev apresentou o relatório sobre os crimes de Stalin em fevereiro de 1956, só fui conhecer o

documento na íntegra quando cheguei ao Rio em julho de 1957. Ninguém mostrava para nós, mas o documento circulava clandestinamente.

Foi um choque para todo mundo. Inclusive se fazia muitas reuniões para ver que rumo tomar. Entre nós, reformismo era uma palavra pejorativa, significava abandonar a doutrina revolucionária. Houve muitas brigas, uma crise muito grande.

Quando Jorge Amado escreveu um livro que falava sobre um “mar de lama”, muitos intelectuais saíram do partido. Até meu cunhado que era um militante convicto se desligou do partido. Lembro-me que houve um grupo que chegou a tomar conta do jornal “Imprensa Popular”, que era do partido, lá no Rio. Em contrapartida outro grupo fiel à direção do partido, foi lá e retomou o jornal.

Em meio a tudo isso, fiquei no Rio trabalhando e a minha mulher estava grávida. Quando foi para a criança nascer fui assistir o nascimento do meu primeiro filho. Cheguei a Goiás, assisti o parto, mas a família e os amigos argumentaram que minha esposa não deveria voltar mais para o Rio. Com uma criança recém-nascida não poderia continuar como telefonista, andar na clandestinidade e correr o risco de ser presa. Eu não tinha emprego propriamente dito. Foi quando um companheiro de partido que era secretário do Bernardo Sayão — uma das figuras mais importantes na construção de Brasília e que morreu depois num acidente — me disse: “Vá para Brasília que eu lhe arranjo um trabalho”. Arranjaram lugar para minha mulher e eu voltei para o Rio. Comuniquei ao partido que ia pedir “demissão” do cargo que ocupava para vir para Brasília.

Assim, a minha vida poderia ser contada por etapas. Primeiro, o setor militar, depois, em 1952, eu saio do setor militar e vou para o meio civil, torno-me um camponês. Volto para o Rio, depois vou para União Soviética onde permaneço por dois anos. Na volta, continuo no Rio por um tempo, depois venho para Brasília, uma cidade em construção, quer dizer, uma experiência inteiramente nova.

Na época, a cidade era só uma poeira. Em 1958 tudo ainda estava por fazer. Tinha quinhentas casas em fase de acabamento, as primeiras casas de alvenaria do Plano Piloto. As casas são essas da W3, mas hoje estão muito diferentes do projeto original. Eram casas simples. Dizem que o Niemeyer tinha bolado para os operários de forma que pudessem conviver no mesmo espaço que a classe média. Ele sonhava com isso, acreditava que por meio da arquitetura faria com que motorista, encanador, funcionário público e outros ocupassem o mesmo espaço, criando assim uma espécie de sociedade sem classes.

Mais tarde, contam que ele chegou à conclusão que a arquitetura não iria mudar a sociedade, mas até hoje, com noventa e oito anos, se diz comunista. É formidável isso. Uma das coisas que se admira nele é essa coerência. Foi fiel ao Luís Carlos Prestes e o ajudou até o fim.

Como disse, Brasília era um mundo inteiramente novo, não havia partido organizado, não tinha nada disso. Criamos, então, uma célula do partido — nome técnico dado a um organismo de base pelo partido. Havia uma associação da construção civil, cujo presidente, Heitor Silva, um maranhense filiado ao partido, já falecido. Também veio para cá com a mulher o Humberto Schetini que havia estado comigo fazendo curso na Rússia. Assim ficamos, nós quatro, militantes que haviam estado em Moscow fazendo o curso.

Às vezes eu me perguntava como é que essas pessoas vieram para cá, um tornando-se presidente da associação e o outro do sindicato da construção civil, que era o maior de todos. Parecia até que era “geração espontânea”... Preparados lá fora vieram para cá, por iniciativa pessoal, e aqui colocaram em prática os conhecimentos adquiridos lá fora. O meio era outro, mas se frutificou.

Antes de contar sobre como surgiu o sindicato da construção civil num lugar onde a principal atividade era a construção civil, é importante falar sobre a história do massacre da Pacheco Fernandes.

No carnaval de 1959, a firma que estava construindo o Palácio do Planalto não deixou os operários saírem, porque queria terminar uma fatura, um negócio assim. E os operários, no domingo de carnaval, se rebelaram. Comida ruim, sem água, batendo os pratos de alumínio na mesa. Foram chamados uns três ou quatro soldados sob a alegação que estaria havendo uma greve, uma bagunça no acampamento. Tentaram controlar os operários, mas eles botaram os soldados para correr. Eles, então, foram para o quartel que ficava no Núcleo Bandeirante, naquele tempo tudo era lá. A Velhacap — Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, conhecida como Novacap, à época tomava conta de tudo: luz, água, telefone e até da polícia.

Fui presidente da associação de servidores da Novacap de 1960 a 1964. Foi um tempo de uma riqueza muito grande de atividades, conseguimos muitas vitórias.

Naquela época, na fase da construção, o social não era muito levado em conta. O Israel Pinheiro foi um grande homem. Tinha pulso forte para construir, para dominar as empresas e obrigá-las a dar conta das empreitadas. Tem até uma passagem importantíssima sobre o governo americano que emprestou dinheiro — parece que quatrocentos milhões de dólares — para construção da capital, mas exigiu que uma firma americana administrasse as obras. Veio para cá uma empresa americana que foi chamada de Planalto. Essa empresa ficou responsável, entre outras coisas, pela construção dos ministérios e pela formação do Lago Paranoá.

A formação do lago foi objeto de muita discussão. A UDN, partido antimudancista, dizia que a terra sendo muito porosa o lago nunca iria encher, porque drenaria a água toda. Num dado momento, a cúpula responsável pela construção de Brasília percebeu que os americanos não acreditavam no empreendimento da nova capital, não tinham interesse e roubavam. Houve uma intervenção, reincidiram o contrato e colocaram os americanos para fora. Entregaram as obras para firmas brasileiras que se comprometeram em concluí-las, o

que acabou dando certo. Foi um grande avanço. Não se divulgou muito esse fato na época, para não criar polêmica.

O Juscelino, em um dado momento, enfrentou o Fundo Monetário Internacional. Ainda me lembro que na “Hora do Brasil” falavam sobre as inúmeras mensagens de apoio que Juscelino havia recebido por sua atitude de romper com o FMI.

Bom, voltando ao caso da Pacheco Fernandes, os soldados chegaram ao quartel e disseram: “os peões estão lá rebelados e botaram a gente pra correr”. Isso era meio-dia ou um pouco antes. No pôr-do-sol desde mesmo dia chegou ao acampamento uma tropa de soldados, segundo consta, armados de metralhadoras e metralharam o acampamento. Ninguém sabe quantos morreram nesse ato de selvageria.

No dia seguinte, o Antonio Chavita levou o pessoal da nossa célula, um deles o Schettini, de caminhonete, para o acampamento da Pacheco Fernandes. Lá conversamos com os operários e eles nos contaram o ocorrido. Ouvimos os depoimentos com menos de 24 horas após o massacre. Não ouvi esses testemunhos sozinho, o que poderia gerar dúvidas, havia outros comigo como o Heitor Silva, já falecido, que era presidente do sindicato. Colhemos dados que indicavam que houve tiroteio, como, buracos de balas nas paredes. Quantos morreram ninguém sabe. O fato é que jogaram os corpos num caminhão e levaram. Como esses corpos não apareceram, imaginamos que devem ter enterrado no mato, numa cova rasa qualquer.

Sáímos de lá e fomos para a sede da associação da construção civil no Núcleo Bandeirante onde havia uma máquina de datilografia velha e fizemos uns telegramas. Apesar de sermos favoráveis a mudança da capital e tivéssemos consciência da repercussão negativa que esse fato podia gerar, todos nós concordamos que as coisas não podiam ficar assim. Preparamos os telegramas e colocamos na mão do Assunção, um mestre-de-obras filiado ao partido que conhecia o pessoal do partido em Goiânia. Ele foi para Goiânia e o partido

divulgou o massacre para o jornal “O Globo”, Câmara, Senado e para o Juscelino. Dizem que Juscelino ficou irritadíssimo na ocasião. O assunto repercutiu, as manchetes dos jornais da época falavam em “massacre”, mas as autoridades responsáveis negaram categoricamente o fato.

Tempos depois, soube que um grupo de estudantes da UNB saiu à caça do cozinheiro e lavadeira da Pacheco Fernandes da época para entrevistá-los. No depoimento a lavadeira disse que lavava roupa para os operários da Pacheco Fernandes. Toda sexta-feira levava as roupas lavadas e distribuía aos operários e recebia o pagamento pelo serviço. Depois do massacre foi lá com as trouxas, mas teve que voltar com as roupas, pois, não encontrou muitos dos operários para os quais prestava serviços.

A explicação dada na ocasião pelo sumiço desses operários foi a seguinte: “Com medo dos tiros o pessoal se assustou e fugiu atravessando o lago, ainda vazio, e não mais retornaram”.

O Heitor Silva era o presidente da associação e conduziu a denúncia do massacre de uma maneira admirável. Foi ele que encabeçou a criação de um sindicato. Naquela época não se podia criar um sindicato de Brasília, pois Brasília não existia como unidade da federação, era só um pedaço de Goiás encostado em Minas. Então, criaram sindicatos que tinham como base territorial às cidades de Formosa, Planaltina, Corumbá de Goiás, Padre Bernardo e outros municípios ao redor de Brasília. Nesse período, a concentração do trabalho na construção civil aqui era muito maior que em outras partes do Brasil.

Depois da criação do sindicato formamos a Associação dos Servidores da Novacap. O nosso discurso era mais ou menos assim: “Somos funcionários da Novacap, servidores seletistas e amanhã quando a construção de Brasília acabar vão mandar a gente embora”. Fizemos um abaixo assinado para o Juscelino que mandou fazer um projeto nos concedendo estabilidade na base da CLT, artigo 490. Foi aprovado na Câmara e no Senado,

mas o Jânio vetou. Por meio de muita pressão conseguimos derrubar o veto. Enchemos a Câmara com o pessoal da Novacap, eram seis mil servidores.

Eu não tinha nenhuma experiência anterior, mas nos quatro anos em que estive na presidência conseguimos muitas coisas como: vantagens, estabilidade e a maior de todas as conquistas que foi a transposição do regime celetista para o de servidor público.

A fase da Novacap foi interessantíssima para nós e eu fiquei muito conhecido. Cheguei a perder a voz de tanto repetir para o pessoal “Nós estamos com um projeto lá na Câmara, fulano está falando com o deputado, há um pessoal visitando as famílias dos deputados para que intercedam junto aos parlamentares e tal...” Era tudo muito bem organizado. Tínhamos uma sede com biblioteca que funcionou por uns quatro anos. Do meio para o fim, já não eram apenas reivindicações econômicas, incorporamos outras de conteúdo mais social, uma coisa mais politizada.

No governo do Jango conseguimos as maiores vitórias, os dois anos do seu governo foram fundamentais para nós. O Jango estimulava, dava liberdade. Existia o Comando Nacional de Trabalhadores ligado ao partidão e nós fizemos aqui a miniatura de lá, ligados a eles. Nós reproduzíamos aqui os movimentos do comando nacional. Se eles paravam lá, a gente parava aqui. Se eles protestavam lá, nós protestávamos aqui.

Porém, em abril de 1964, os militares vieram e tomaram conta de tudo. Aqui foi um dos últimos lugares que eles silenciaram. Lá fora os militares já tinham tomado conta de tudo.

Na noite de 31 de março de 1964, fomos chamados a Casa Civil pelo Darcy Ribeiro, que era o Chefe da Casa Civil que nos informou: “O comandante militar de Brasília havia prometido ao Jango que ele permaneceria aqui com a família, mas o Brasil todo se rendeu e o fato é que o Jango não pôde permanecer aqui. Foi para o Rio Grande do Sul, agora vocês acompanhem os acontecimentos pela Rádio Farroupilha”.

Eu tinha uma experiência anterior, da Rede da Legalidade, formada pelo Brizola, quando o Jânio renunciou. Na época, nós acompanhávamos aqui os acontecimentos pela Rádio Farroupilha e realizamos manifestações por Brasília inteira pela posse do Jango.

O comandante do 2º Exército, em 1961, teve papel importantíssimo impedindo que os militares dessem o golpe naquele momento da posse do Jango. Os militares tiveram que aceitar o Jango, mas para aceitá-lo impuseram a condição de que não poderia ser um presidente com todos os poderes. Criaram o parlamentarismo que acabou não funcionando por faltar experiência, retornando, assim, ao presidencialismo. Houve um plebiscito que restituiu os poderes para Jango. O Jango foi um presidente muito bom, todavia, as pessoas dizem que o esquema militar dele era furado, que todo mundo vinha conspirando contra ele.

Tudo começou com o levante dos marinheiros lá no Clube dos Metalúrgicos do Rio, do Cabo Anselmo. O Ministro da Marinha mandou punir, porém, o Jango dispensa a punição, relevando o fato. Isso repercutiu mal no meio militar que preza a disciplina e a hierarquia.

Depois aconteceu coisa pior. Os sargentos fizeram uma reunião no Automóvel Clube do Rio e o Jango vai lá pessoalmente e faz um discurso que desagradou os chefes militares. Eu não lembro das frases, mas dizem que um dos comandantes da revolução mandou que todos os oficiais assistissem à televisão para que ouvissem o discurso do Jango, tido como um apelo à insubordinação, para revoltar os oficiais. Tudo isso foi se cristalizando e aconteceu o que aconteceu.

O Darcy Ribeiro foi tão firme que ainda foi para o Congresso na sessão noturna, levando uma carta onde comunicava que o presidente não tinha se ausentado do país. Informou que, por razões de segurança, se encontrava no Rio Grande do Sul, território brasileiro. Ainda assim, o presidente do Congresso Aldo Soares de Moura Andrade, considerou vago o cargo e os militares tomaram posse.

Rainiere Mazzili, que era presidente da Câmara, enfrentou pequenas ações de resistência. Quando o Mazzili chegou ao palácio para tomar posse, já de madrugada, as luzes estavam apagadas. Dizem que quem acendeu o isqueiro para procurar o quadro de energia para ligar a luz foi um membro da embaixada americana, tudo isso parece muito pitoresco.

Mas os que conhecem a história desse golpe sabem que a participação norte americana foi efetiva. Inclusive chamavam de “Operação Brothers San” a esquadra americana nas costas do Espírito Santo que tinha todo um plano de apoio ao Golpe e que foi mais tarde denunciado. A esquadra se encontrava a postos, sob a alegação que estava fazendo exercícios, treinamentos, mas pronta para intervir. Havia uma ação combinada que funcionaria do seguinte modo: caso houvesse resistência, o Ademar de Barros, que era governador de São Paulo, decretaria estado de independência, de extraterritorialidade. Nesse momento viria o apoio da OEA, que faria com que a esquadra americana aportasse em Santos, dando suporte a eles. Mas isso não chegou a acontecer porque os militares tomaram conta de tudo. Falavam, inclusive, que o exército tinha forte apoio financeiro dos americanos.

Por que houve o golpe? O que aconteceu de errado? Claro que houve erro e a turma reacionária começou a tomar conta de tudo. Nós fomos daqui para o Rio assistir o comício da Central do Brasil, creio que foi no dia 14 ou 15 de março, dias antes do Golpe. Quando eu cheguei lá e vi o comício que era formado por um mar de gente, pensei: “Nós estamos no poder”. O Jango em companhia da mulher e, no palanque, estava ao lado de um comunista conhecidíssimo, que era um líder do Porto de Santos. Aquilo tudo impressionava a gente.

No entanto, mobilizar a classe média era coisa difícil na época. Nosso “radicalismo” os assustava levando a utilizar argumentos como: “vão acabar com a segurança, vai aumentar a inflação em 100%, os americanos não estão vendo com bons olhos” etc.

A Marcha da Família com Deus Pela Liberdade aconteceu antes e depois do Golpe. A que presenciei, em Belo Horizonte, foi depois do Golpe. Essas marchas ocorreram também em outros estados, dando aos militares os pretextos que precisavam. Até o Juscelino que não era golpista, mas sonhava em voltar à presidência em 1965, acabou apoiando o Golpe.

Mas como estava dizendo, quando chegamos ao palácio o Darcy Ribeiro nos informou que o Jango havia deixado Brasília para o Rio Grande do Sul. Quando íamos saindo do palácio, eu e o Humberto Schettini, encontramos o jornalista Ronan Soares na época do “O Globo”, ainda vivo, que nos disse: “Olha estou vindo da Casa Militar e soube que vai haver posse hoje à noite do novo presidente. Portanto, tomem cuidado porque eles podem fazer um massacre aqui com vocês”. Falou assim, advertindo, de forma solidária.

Quando descemos do palácio, os tanques já estavam tomando posição em frente ao Ministério do Exército. Aquela cena assustava um pouco. Nós então, corremos para desmobilizar e rasgar documentos que pudessem comprometer.

Os nossos homens estavam aquartelados no Clube dos Previdenciários - na época era apenas um espaço cercado – aguardando as armas que haviam sido prometidas. Inclusive, nesse dia, tinha sido organizado um voluntariado e havíamos marchado pela cidade nos preparando para resistência. Mas ao chegarmos lá dissemos: “Não contem com nada. Está tudo desmobilizado e se escondam onde puderem”. Nosso grupo ficou escondido em um apartamento da SQN 107 Sul. Esse apartamento era de um companheiro da Ação Popular, Antonio Carlos, que não se encontrava em Brasília, mas solidário permitiu que a AP nos colocasse lá.

Acompanhávamos, pelo rádio o desenrolar dos acontecimentos. Passamos a noite lá e no dia seguinte saímos, em caravana, para o Teatro Nacional onde o pessoal estava concentrado. Depois fomos para a Universidade de Brasília para uma assembléia onde foi

comunicado que Jango havia deixado Brasília por causa do Golpe que estavam armando. Percorremos uma porção de lugares o dia inteiro. No final desse dia, 1º de abril, o pessoal ainda fez um comício na rodoviária e veio descendo pela W3 Sul. Quando chegou ali à altura da Quadra 506, os soldados estavam posicionados e atiraram para o alto. O pessoal viu que a resistência não tinha futuro e se espalhou.

Ali, para mim, foi o fim de tudo.

Ficamos escondidos uns cinco ou seis dias em uma chácara de um companheiro, que já morreu, no meio do mato. Havia um córrego por perto. O local era perto do que hoje é a ESAF. Fomos para lá com rede e cozinávamos. Esse companheiro que era o dono da chácara tinha um jipe e levava comida, notícias e jornais. Isso durou uns cinco dias. Reunimos-nos e foi decidido que eu deveria ir embora para Belo Horizonte com o Marco Antônio Tavares Coelho, que era deputado por um partido legal, mas homem de confiança do partido comunista. Pois bem, levantamos algum dinheiro para a viagem e fomos para Belo Horizonte onde fiquei trabalhando um ano.

Os companheiros de lá já eram conhecidos e estavam vivendo na clandestinidade. Eu que não era conhecido em Belo Horizonte botei um bigode, chapéu e arranjaram-me uns óculos de vidro. Passaram-se alguns meses e minha mulher foi lá com os parentes me visitar. Lembro-me de um fato muito engraçado. Uma parente lá de Goiânia ao me ver disse: “Por que você não tira esse bigode para disfarçar?”. Respondi: “Bom, mas se eu já botei para isso”. Dá para perceber que fiquei tão parecido que não mudei nada. O resultado é que eu fiquei um ano lá, depois voltei para casa, para Brasília.

Durante o período que estive foragido, minha mulher ficou o tempo todo aqui em Brasília. Eles não tocaram nela. Ela conservou tudo, como, a Kombi na garagem e continuou trabalhando todos os dias lá na CAESB. O presidente da empresa foi muito firme e resistiu o quanto pode as pressões de demiti-la, mas ela acabou sendo demitida. Foi, muito adiante,

quando general Sílvio Frota que queria dar um golpe, fez uma relação de 200 pessoas para mostrar “a infiltração do partido comunista no serviço público”. E a Lurdes, minha mulher, fazia parte desta lista, a “mulher de Geraldo Campos”. Ela foi demitida, depois foi anistiada. A nossa vida era muito organizada economicamente, o que tornou possível vivermos com certa comodidade.

Fazendo um parêntese, com a guerra as mulheres foram para as fábricas, para os escritórios e aprenderam tudo, mostraram que eram capazes de fazer aquilo que os homens faziam. Esse é o elemento emancipatório econômico, segundo Marx, é a economia que decide. Surge a pílula que, também, é um elemento de independência. A mulher, então, começou a crescer.

Tem uma psicóloga ou socióloga, que agora não me lembro o nome, que disse o seguinte: “o avanço da mulher, de 1960 para 2000, foi tão grande como da Idade da Pedra até 1960”. Isto é obviamente um exagero, mas minha mãe usava o cabelo que meu pai mandava, a roupa do tamanho que ele queria, mandava e decidia tudo e minha mãe não decidia nada. Então, eu vi isso, os abusos dele com relação à fidelidade, por exemplo. Quer dizer, todo esse contexto junto com a minha formação marxista me levou a ser feminista. Feminista não tem nada a ver com feminino, que é coisa do gênero. Feminista é uma posição política de quem defende que a mulher tenha os mesmos direitos e deveres que os homens na sociedade. A mulher não pode ser tratada como inferior. A mulher historicamente sempre sofreu muito, mas vai encontrando seu caminho para emancipação. Nos concursos públicos, a maioria dos candidatos é do sexo feminino. Nas universidades acontece o mesmo. Inclusive, o conceito de família mudou.

Quando fugi para Belo Horizonte eu trabalhava para o partido, mas quando voltei para Brasília, em 1965, tive uma dificuldade louca para trabalhar, pois eu era uma pessoa muito conhecida, um homem marcado.

Vendi sabão, trabalhei no balcão, coisas assim. Eu inclusive até evitava procurar o pessoal em casa. Logo que voltei, ainda recebi muita visita dos companheiros, que vinham prestar solidariedade. Mas chegou a um ponto que minha mulher disse: “Agora é hora de você pensar em trabalhar”.

Arranjei um emprego lá no Núcleo Bandeirante com o Joaquim Cândido Garcia Neto. Tem até uma estátua dele lá na praça principal do Núcleo Bandeirante. Ele foi o homem que comandou a fixação da cidade. Havia uma determinação para remover o Núcleo Bandeirante que havia sido criado provisoriamente, e ele conseguiu que o Jango assinasse uma lei que garantiu a permanência da cidade. Então, o Joaquim Cândido Garcia Neto, que era dono da Paranoá Implementos Agrícolas, contratou-me e lá fui eu trabalhar com ele. Eu era responsável pelas vendas nas repartições públicas.

O Joaquim era de São Paulo, Cajuru, e contou-me que havia sido lavrador em uma plantação de café, entretanto, avançou e chegou a pertencer aos quadros do partido comunista e tornou-se um comerciante bem sucedido. Depois, ele empregou até o Eloy Dutra que foi vice-governador do Rio. Quando ele empregou o Eloy eu ainda falei: “Você me trazer para cá, que sou fichinha, é uma coisa, mas trazer um vice-governador do Rio, que vivia atacando o Lacerda, aí já pesa para você”. O fato é que, por problemas pessoais, o Eloy Dutra não se sustentou e foi embora.

Bem, voltando ao assunto, veio o Golpe, fui preso, fugi, voltei e fui preso novamente nesta mesma casa onde fui preso várias vezes. Numa noite de um domingo me levaram e passei dois anos na prisão.

Em 1967 fiquei um mês ou dois, em 1969 fiquei dois anos, até 1971. Em 1975, quando já havia praticamente acabado com a resistência, já no governo Geisel, nos prenderam novamente. Dizem que os milicos não queriam acabar com a atividade de repressão. Já tinham reprimido guerrilha e ficaram sem ter o que fazer. Então resolveram pegar os velhos

quadros do partido, que não estavam em guerrilha nenhuma, e vieram aqui para atormentar. Bateram muito na gente. Fiquei uns quinze dias apanhando, mas outros companheiros sofreram muito mais como o José Oscar.

O lugar, exato, onde fomos torturados, não sei dizer. Mas eu acho que só pode ter sido no Setor Militar Urbano, onde havia várias edificações.

Eles nos levavam de capuz, mãos amarradas para trás e nus. Davam choque, pancadas, batiam acima do joelho e no solado dos pés, ao mesmo tempo em que perguntavam: “Cadê fulano?”. Resisti a tudo isso com muita firmeza.

Quando fui preso em 1969, eles descobriram que tinha havido uma reunião para votar o rumo que o partido devia tomar e o pessoal que defendia a guerrilha, a luta armada, havia vencido por um voto. Nós que defendíamos o movimento de massa, que não acreditávamos que era possível enfrentar o regime com armas, fomos derrotados. Um dos participantes da reunião, que estava lá infiltrado, denunciou e nós todos fomos presos, num domingo à noite, em 1969.

O regime militar já tinha mudado muito, até a Lei de Segurança tinha sido alterada com o AI-5 que deu poderes de exceção aos militares.

Fomos presos nessa ocasião. Fui acareado com três pessoas e neguei tudo. Tinha até um livrinho do partido que dizia: “Se fores preso, camarada, o que fazer?”. Nos arquivos do STM – consta que não confessei nada, não denunciei ninguém. Os três, com os quais fui acareado, tinham falado alguma coisa. O primeiro deles, um universitário, ao ser perguntado se eu estivera na reunião confirmou. Então, os milicos me diziam: “Olha aí, sem-vergonha, diga que você não estava lá”. O segundo, um advogado, agiu na mesma forma. O terceiro, o Ramón que era espanhol, no primeiro momento confirmou minha presença na tal reunião, mas quando percebeu que eu continuava negando disse: “Eu não tenho certeza se é ele não. Acho que não é ele, não”. Penso que o espanhol procurou se redimir, porque ele não falou

exatamente de acordo com o combinado. Quando ele viu, tinha se enchido de brio. O Ramon era meio extremado, mas uma figura séria. Ficamos presos dois anos juntos e ele ficou cumprindo pena por mais tempo. Eu não sei onde ele está agora.

Fui preso em 1969 e em 1975. Eles me prenderam e torturaram. Depois soltaram grande parte dos prisioneiros e deixaram uns quatro lá dizendo: “Vocês vão ficar aí, morrer”. E fomos para auditoria. No princípio, aqui não havia auditoria. A quarta auditoria era em Juiz de Fora. Mandaram a gente para lá e ficamos em uma penitenciária durante um período. Então, criaram aqui essa Primeira Circunscrição Judiciária Militar e viemos para cá, para sermos julgados aqui. A auditoria me condenou a dois anos. Os outros, dois anos e meio, e três.

Na cadeia o pessoal procurava ajudar um ao outro. Havia muita solidariedade. Além disso, a vida na cadeia era muito organizada. O coletivo, como era chamado, tinha o responsável pela divisão dos bens que as famílias levavam.

O Ramon, o espanhol, nos pedia que encomendássemos uva para as mulheres. Elas traziam a uva e ele pegava um saco plástico onde espremia as uvas e fechava o saco para fazer o vinho. Ele fez vários tipos de vinhos, escuros e mais claros. Um dia, o pessoal do xadrez vizinho nos avisou: “Olha, eu ouvi dizer que eles vão dar uma batida aí, vocês podem se preparar”. Nos reunimos para decidir o que fazer com o vinho. Embora não estivesse pronto, já devia ter um teor alcoólico qualquer. Decidimos beber. Foi uma risadaria só. Quando os guardas chegaram, já não encontraram mais nada, só o saco vazio. Essa e uma das partes curiosas desse período, graças ao Ramon e à uva. E ele era inteligentíssimo.

Em 1979, 1980 eu trabalhava para fábrica de cerâmica de Goiás do meu cunhado. Era o representante dele aqui. Mesmo trabalhando, estava sempre ligado nos acontecimentos político.

Quando a ditadura chegou ao seu fim, o Sarney tomou posse e foi proposto uma Emenda Constitucional que criava uma representação política para Brasília.

Convocou-se a Constituinte e a anistia foi melhorada. Foram várias coisas que o Sarney fez nessa Emenda Constitucional e os partidos foram se organizando. Como os partidos não podiam ser comunista, então, fomos todos para o PMDB. Quando chegou a hora de escolher os candidatos, fui um dos indicados e por causa do meu passado como sindicalista, fui eleito.

Na Constituinte, fui eleito presidente da Subcomissão dos Direitos dos Trabalhadores e Servidores Públicos. Para tratar das matérias de interesse dos trabalhadores, éramos apenas dois sindicalistas. O Mário Lima da Bahia e eu do Distrito Federal. O líder era o Mário Covas, o maior homem que eu conheci um dia da minha vida, o mais sério, mais coerente, em toda essa experiência dos meus 80 anos.

O Mário Covas nos chamou e disse: “Vamos ver se vocês chegam a um acordo, um vai ser presidente, o outro vai ser relator da Subcomissão”. Mas como o relator ia fazer parte da comissão seguinte, o Mário Lima não abriu mão e obrigou-me a ficar como presidente. Mas foi uma experiência espetacular, ouvi tudo quanto é tipo de argumento.

O nosso problema era como começar a redação sobre o trabalho. O Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP) era comandado pelo advogado trabalhista Ullisses Riedel. Ele mexia com esse negócio de sindicato geral já há muitos anos e preparou um memorial com as 26 reivindicações principais. Discutiu com todos os sindicatos e formou aquele documento propondo, depois, que a gente assinasse, encaminhando para Comissão. Eu assinei em primeiro lugar porque era o presidente da Subcomissão, mas tinha gente muito mais importante que eu.

Aquele documento serviu de base. Tinham coisas muito bem boladas, como, por exemplo, a jornada de trabalho de 40 horas que antes eram 48. Não conseguimos 40 horas,

mas conseguimos 44 horas. Trabalhávamos com a tese de que era preciso carregar muito o caminhão, porque por mais que tirassem, iria sobrar muita coisa. Essa tese influenciou muito nos resultados alcançados.

Eu, claro, dediquei-me ao artigo 6º, da questão social e da administração pública, porque eu era ligado ao funcionalismo.

Trabalhei o tempo todo em função disso. Já no final do mandato, em dezembro de 1990, eu havia conseguido isso um ano antes, ser o relator do Projeto de Regime Jurídico Único que veio a se transformar na Lei 8112. Isso já era no governo do Fernando Collor e o ministro da Administração era João Santana. Alguém me procurou e disse: “Olhe, João Santana está interessado em ver esse dispositivo do artigo 43 da Constituição, que trata do Regime Jurídico Único, para ser efetivado agora. Você é o indicado porque está mais ligado a isso”. Eu disse: “Eu topo”.

Porém, quando fui até o líder do governo e disse a ele que queria ser relator. Ele virou e disse: “Qual é a sua autoridade para dizer isso? Quem é que lhe delegou esse poder?”. Então, respondi: “Vou buscar os poderes, se o senhor quiser, eu trago”. Logo fui ao líder do PSDB que me disse: “Você pode dizer que está autorizado pelo líder do partido”. Fui também à Comissão da qual eu fazia parte e o presidente Amaury Müller, já falecido, disse-me “Vá dizer a ele que a Comissão que lhe autoriza”. Depois fui a uma terceira fonte que era a dos servidores. Quer dizer, os servidores me indicaram, à presidência da comissão. Chamaram o Ministro João Santana e foram meses de negociação. Nesse período tive um enfarto. Fiz safena em São Paulo e voltei em junho e a Lei foi aprovada em dezembro. Uma pessoa muito importante nesse processo foi o Ibsen Pinheiro que na época era o presidente da Câmara.

Quando o projeto chegou à mesa da Câmara, depois de meses de negociação com diversas entidades, sempre buscando uma média possível, conseguimos que a Lei sobre o Regime Jurídico Único fosse aprovada.

O que eu ia dizer sobre o Ibsen Pinheiro é que, ao receber a redação do documento assinada pelo Ministro João Santana e por mim, como relator, ele disse uma frase muito boa: “Bom, se na parte substantiva não há divergência, a parte adjetiva eu dou um jeito aqui”. Ele incluiu a proposta dele, mas com o nosso texto. O curioso é que o regime foi aprovado, com essa ajuda do Ibsen, no mesmo dia, na Câmara e Senado, por unanimidade. Duzentos e cinquenta artigos. E tem aí uma porção de elogios que eu recebi como relator, porque foi um trabalho minucioso, preparado. Quer dizer, quando o projeto chegou lá, não foi surpresa para ninguém porque todos conheciam o teor do documento. Mesmo assim teve uns cinco vetos do Fernando Collor. Depois a gente até brincou: “O bicheiro, como sempre joga, mesmo clandestino ele paga, o outro não assina e não paga”.

Na Câmara dos Deputados mesmo, foi criado pelos dissidentes do PMDB, o PSDB. Entre esses dissidentes estavam: Mário Covas, Franco Montoro, José Serra, Fernando Henrique, Geraldo Alckmin, entre outros. Aqui em Brasília, o PSDB foi formado por membros do congresso, a Maria de Lourdes Abadia, Pompeu de Souza, que era senador, e o Luís Carlos Sigmaringa Seixas, que está hoje no PT e eu. Nós quatro fizemos a ata e fomos buscar nosso pessoal para dar quorum para criar o partido. Então o grosso entrou, muitos são fundadores junto conosco.

Até hoje eu leio muito questões científicas, os fenômenos da física, da química, leio muito jornais, revistas. Quanto ao sonho de uma sociedade mais igualitária eu tenho certeza que o mundo marcha para o socialismo, eu estou tranquilo. Lembro-me de uma entrevista do historiador inglês Hobsbawm que achei muito boa. Ao terminar a entrevista o entrevistador perguntou ao historiador: “E o homem?”. Ele respondeu: “O homem é essa espécie que é capaz de fazer um campo de concentração, câmara de gás, mas também é capaz de dar a vida pelo próximo. Há que se estimular o lado bom das pessoas, senão não vai chegar a lugar nenhum”.

Conheci muitos que lutaram por uma causa. Muitos morreram. Em Brasília, inclusive, um companheiro nosso o Valter Ribeiro, ex-oficial do exército, que militou muito conosco, foi preso, não disse nada e o mataram assim como mataram outros. Para continuar mantendo os privilégios que a repressão permitia como viagens de avião e muitas outras vantagens, os milicos procuravam arrancar segredos a qualquer custo.

Além de muitos companheiros do partido, outros, como aqueles que participaram da Guerrilha do Araguaia, os que morreram metralhados em São Paulo como o Marighella, são alguns dos exemplos. Acho que sem militância, a sociedade não avança.

Hoje, há uma causa nova que é a ecologia que não existia antes em nossa história. Marx e Engels não falavam em ecologia porque na época não havia nada disso. A ecologia começou a ser alvo de preocupação quando a população do mundo que, em 1960, era de três bilhões passou para seis bilhões em 2000. Daqui a 30 anos serão nove bilhões. Esse crescimento começou a destruir parte do planeta, a biosfera.

A militância, hoje, deve focar não só o aperfeiçoamento do sistema social, da distribuição da riqueza, mas, também, a preservação das formas de vida do planeta.

Fazendo hoje uma avaliação da minha trajetória de militância política eu diria que eu procuro viver com um senso autocrítico que exercitei no partidão, uma das grandes heranças da minha formação.

Procuro viver igual à Justiça, com duas balanças na apreciação dos outros e dos meus atos. Estou sempre balanceando, na medida em que o raciocínio ainda permite. Não julgo ninguém, sempre procuro ver o que há de bom, de positivo. Marx dizia: “O homem pensa como vive”.

Eu não tenho muito do que me arrepender das ações. Vendo de longe, poderia ter feito melhor isso ou aquilo, mas acho que com base nas oportunidades que tive, eu me daria uma nota pelo menos razoável.

#### 4.4. Luís Carlos

*Fazendo um balanço da minha trajetória de militância eu não mudaria uma vírgula do que fiz. Hoje estou com 75 anos e sinto-me muito feliz. Não desejaria ter outra idade.*

Meu pai era bom fazendeiro. Levou tecnologia para a região, como, luz elétrica, fez açude, tinha indústria de farinha, criava galinhas Legorne e Rhodes. Legorne era para os ovos e Rhodes para carne.

Com quatro anos eu geria um galinheiro de 4.000 galinhas, galinhas soltas. O que era gerir? Via se tinha alguma galinha morta e avisava para minha mãe. Botava azul metileno na água e cal nos pés das frutas. Brincava fazendo essas tarefas. Era uma vida incrível, uma vida livre e ainda havia um trem que passava na fazenda.

Éramos seis irmãos, porém, um deles morreu de tifo na fazenda. Eu que era o quinto filho passei a ser o quarto. Minha irmã, que era cinco anos mais velha que eu, foi ser interna no Rio. Depois foram meus dois irmãos maiores. Eu nunca fui interno no período que morávamos na fazenda. Então, minha mãe veio para o Rio e eu para o internato, contra minha vontade. Fui para os Maristas. Naquele tempo os homens iam para os Maristas e as meninas para as Dorotéias. Minha mãe teve um outro filho e voltamos a ser seis irmãos.

Minha mãe era muito religiosa. Meu pai menos, cumpria aqueles ritos, mas não era um cara espiritualizado, não era envolvido com a religião. Ele era um químico industrial que virou fazendeiro.

Quando morava em Pernambuco trabalhava na Usina de Catende quando houve aquele grande baque da economia americana em 1929. Em 32, ele veio para Rio e foi tocar uma fazenda que meu avô tinha em Rio Bonito. Meu pai tinha uma visão avançada para época. Ele formou-se no Mackenzie em São Paulo. Ele é da turma de 1922 de química

industrial. Meu avô era despachante no Pará, despachante de borracha. Foi a época do auge da borracha e meu avô tinha muitos recursos e mandou meu pai para São Paulo estudar.

Depois de formado, foi trabalhar em Pernambuco em uma usina de açúcar e casou-se com minha mãe em 1924. Minha mãe era filha de um dono de engenho. Já o meu outro avô, pai do meu pai era, como disse antes, despachante de alfândega em Belém. Ele era de Pernambuco e foi para Belém com a explosão da borracha, depois veio para o Rio e comprou uma fazenda e meu pai foi tocar essa fazenda, onde ficamos até 1939.

Quando ele resolveu ir para o Rio virou empresário. Foi diretor de empresa de capitalização, participava de um grande grupo econômico. Ele era um assalariado bem remunerado, se bem que as coisas em casa eram conduzidas com muita parcimônia. Não existia o descartável, tudo era regrado. Vivíamos bem, mas sem ostentação. O feijão, o arroz e a farinha eram livres, mas o bife e a laranja era um para cada membro da família. Refrigerante nem existia, aliás, o guaraná existia. Nos domingos meu pai tomava cerveja e nos servia cerveja com guaraná. Foi tomando cerveja com guaraná que comecei a aprender a beber cerveja. Para os padrões brasileiros vivíamos bem.

Minha irmã era dirigente da Juventude Estudantil Católica – conhecida com a sigla de JEC. Então ela me levava muito às festas. Aquilo era muito agradável, a gente namorava bastante. Na JEC, no RIO, não havia separação entre meninas e meninos. Todavia o meu início na ação política se deu através da Liga Democrática, do Mario Pedrosa, que era um crítico de arte. Ele era o presidente da Liga que tinha uma ideologia muito maluca. Ao mesmo tempo em que era anti - juscelinista era nacionalista, era uma coisa não muito definida. Eu trabalhava com eles lá e gente editava um jornalzinho, que no momento não me lembro o nome, clandestino. Era época do Juscelino, mas isso era feito clandestinamente.

Em 1961 vim para Brasília e foi quando, realmente, incorporei-me ao trabalho político.

A princípio a Ação Católica não tinha uma visão muito política. Sua politização foi uma coisa posterior, a partir de João XXIII, quando começou o grande racha na igreja em função dos compromissos com os pobres. Era uma espécie de volta as catacumbas. A teologia da libertação nasceu nessa época. A politização da Juventude Universitária Católica, a JUC, gerou a Ação Popular. Na época reuníamos para discutir a Encíclica, não só a Encíclica, mas tudo que João XXIII dizia. Ele era um boquirroto, falava todo dia, dizia coisas para estimular o cristão a viver o evangelho, discutia o amor e todos aqueles dogmas. Ele representou um corte na igreja.

Com a morte de João XXIII, a hierarquia da Igreja mudou essa orientação da opção pelos pobres. João Paulo II, assustado com politização da Teologia da Libertação e a ameaça que isso poderia representar à hierarquia e à doutrina católicas, e receando que o acirramento do confronto levasse a um cisma, resolveu reagir para garantir a unidade da Igreja nomeando bispos conservadores para as dioceses. Teólogos progressistas foram impedidos de dar aulas e publicar livros. Então todo esse povo, Leonardo Boff, Padre Vaz, Frei Matheus Rocha e o próprio D. Helder foram advertidos pelo Vaticano. Frei Matheus Rocha era muito meu amigo, eu freqüentava a casa dele em Abadiânia mesmo depois.

Quando entrei na universidade já era casado. Casei com 24 anos e quanto vim para Brasília já estava casado. Eu era funcionário do Banco do Brasil, mas vim para Brasília a fim de trabalhar com o governo local. Como funcionário do banco eu tinha sido requisitado ao banco. Na época deu-se um episódio até engraçado. O Paulo de Tarso, que era prefeito, requisitou-me ao banco para trabalhar com ele. Como o banco estava demorando responder, peguei a cópia do ofício e fui ao superintendente que era quem mexia com essas requisições. Fui cobrar dele uma resposta. Eu o conhecia e fui logo dizendo: “Fulano, não me lembro o seu nome, e o meu ofício? Estou sendo requisitado e o banco não responde”. Então, ele me disse: “A diretoria se reuniu e tomou a decisão de que o banco só vai ceder funcionários para a

presidência da república, não vai mais ceder para estados e municípios”. Na época, aqui era uma prefeitura, Brasília ainda não era estado. Eu tinha levado pronta uma carta de demissão e disse: “Então receba minha carta de demissão”. Ele pegou a carta e rasgou dizendo que eu era muito novo para pedir demissão.

Então pedi minha transferência para Brasília. Na época ninguém queria vir para Brasília. Como incentivo, pagavam o dobro para quem viesse. Então, mandaram-me para Brasília, mas, ainda, com a intenção trabalhar para o governo. No dia que cheguei o Jânio renunciou. Por coincidência, exatamente no dia que cheguei. Então, tive que ficar no banco mesmo. Fiquei seis meses sozinho. Quando minha mulher veio com os meninos, recebemos uma casa na 714 Sul.

Em 1962 entrei para Universidade de Brasília e em 1963 fui eleito presidente da FEUB, a Federação dos Estudantes Universitários. Por ser o mais velho, fui eleito como *tertius* no jogo político. Eu era o mais velho, entrei na universidade com 30 anos e a maioria estava na casa dos 20 anos.

Quando entrei na universidade já tinha definição política, já pertencia a Ação Popular, que já havia sido criado. Antes, havia participado do Movimento Familiar Cristã, da Juventude Universitária Católica e da Ação Católica que mais tarde veio a cindir em correntes trotskistas e marxistas. Não fiz opção pela luta armada porque tinha clareza de que isso não daria certo. Fui sempre ligado ao movimento católico como o Betinho, Frei Beto e outros.

Fui eleito e assumi e isso coincidiu com a crise de Cuba e a visita do Gagarin. Imagine que conheci o Gagarin, o recebi como presidente da FEUB quando foi fazer uma visita a UNB.

O ano de 1963 e início de 1964 foram extremamente conturbados na política interna. A gente vivia um clima de muita confusão. Não estávamos preparados para aquele conflito, por isso que houve o golpe 1964. O governo Goulart era um governo muito bom.

Tinha um grupo de ministros muito bom. Mas faltou comando, comando efetivo, alguém com poder de controle. No auge da crise, o ministro da guerra, que era um cara importantíssimo, escolhido pelo Jango, quebrou a perna e se afastou. Entrou um outro que não tinha ligação com ele. O golpe foi completamente anunciado e não se fez nada por falta de competência. O chefe da casa militar era um general tido como um bebedor de uísque. O Jango tinha muita resistência no meio militar, muita resistência. Tanto é verdade que nenhum lhe foi fiel, até mesmo aqueles que se diziam amigos dele. Na hora ninguém quis partir para o confronto.

Quando houve o golpe, todos no meio estudantil ficaram meio paralisados. Eu, imediatamente, escondi-me esperando a reação militar, reação liderada pelo Brizola, a exemplo do que havia ocorrido na posse do Jango. Ficamos em um aparelho do partidão. Ficamos lá um tempo e como a reação não vinha apresentei-me ao banco e acabei sendo preso.

O Prestes não acreditava no golpe. Ele sempre foi um sujeito meio fora da realidade, afinal havia vivido tantos anos fora do Brasil. No partidão tinha pessoas que percebiam, mas o Jango se mostrava muito forte. O esquema de apoio sindical que o apoiava era aparentemente muito sólido. Tinha os ferroviários, tinha os portuários que eram sindicatos muito fortes. Acreditava-se que seriam capazes de emitir uma reação em caso de tentativa de golpe. Tinha um grupo de soldados e até mesmo de oficiais que apoiava Jango, tanto assim que mais de 4.000 militares foram cassados.

A Marcha da Família teve papel importante no suporte ao golpe. A burguesia tinha muito medo do comunismo. Quem organizou e financiou essa marcha foram as escolas religiosas.

A escola pública estava muito bem. Tínhamos pessoas importantes na montagem do ensino público. Tanto assim que meu filho foi contemporâneo do filho do Jango na Escola Classe da 114 Sul. Havia o Centro Integrado de Ensino Médio, o Ciem, uma escola de

segundo grau idealizada para ser um laboratório pedagógico da Universidade de Brasília que funcionou de 1964 a 1971. O Anísio Teixeira era o cara que pensava a educação e o Darcy Ribeiro executava. Tanto que o Anísio foi Reitor da UNB quando o Darcy foi ser ministro da educação. Darcy foi ser ministro da educação e depois Chefe da Casa Civil e o Anísio ficou como reitor.

Eu como presidente da FEUB não conhecia nada de Anísio. Eu encarei o Anísio sem nenhum respeito pelo seu trabalho. Havia um despreparo das lideranças. Eu não tinha conhecimento de educação e da noite para o dia virei o homem da educação, representando o comando geral dos trabalhadores de Brasília. Eu tinha assento, não só no Conselho Universitário da UNB como, também, no Comando Geral dos Trabalhadores de Brasília. Fui estudar Anísio depois. Li tudo de Anísio, então vi que incompetência, que ousadia era a minha de encarar o Anísio. Se bem que as propostas que eu fazia eram propostas cabíveis, como a participação dos alunos na eleição do reitor. Isto foi dessa época e o Anísio era contra essa proposta. Ele tinha uma formação conservadora e morreu como comunista. De comunista o Anísio não tinha nada. O homem dele era o John Dewey, que montou o sistema de educação dos Estados Unidos.

Na época os estudantes tinham muita mais participação que hoje. A UNB era praticamente a única universidade em Brasília. O Darcy, com receio de que os católicos viessem a implantar uma universidade que viesse concorrer com a UNB fez um negócio com a Cúria, e isso chegou até Roma. Tanto assim que a vice-reitoria ficou com o Frei Mateus. O Instituto da Teologia era o ápice da UNB e a vinda dos dominicanos foi uma negociação política, para que os católicos tivessem participação. Essa negociação existiu, tanto que quem abriu a primeira faculdade particular, a UDF, foi Eurico Rezende. A Católica veio muito tempo depois. Existia na época uma só faculdade particular de serviço social lá na 902 sul, o prédio até hoje pertence a umas freiras. Eu como presidente da FEUB ia lá às vezes porque

eles eram membros da UNE e nós éramos filiados a UNE. Essa filiação era bem hierarquizada e nós tínhamos certas obrigações com a entidade.

Como disse, quando ocorreu o Golpe nos escondemos em uma célula do partidão e ficamos esperando a reação do Brizola, tal como havia feito com a “Cadeia da Legalidade” que cooptou o IV exército e resistiu, obrigando a direita receber o Jango. Os valores da direita estavam plantados nas cabeças das pessoas desde que os americanos invadiram o Brasil. Até a guerra o Brasil era uma colônia européia. Com a guerra, os E.U. A tomou posse do Brasil e da América Latina como um todo. Como o Brasil era o maior país, queriam montar uma base em Recife e Natal. Depois eles queriam que Brasil fosse como foi, o grande fornecedor de produtos primários. Já haviam ocupado a Amazônia na época de borracha quando instalaram a Clevelândia e a Fordilândia para a produção da borracha, até que os ingleses levaram sementes para a Malásia. Essa primeira invasão americana fracassou. Por volta de 1941 o Getúlio, que tinha fama de ficar em cima do muro, negociou a Vale do Rio Doce e Siderúrgica Nacional com o Roosevelt em troca da base de Recife e Natal e participação dos soldados brasileiros na II Guerra mundial, foram 20.000 homens se não me engano. Foi então que o americano invadiu o Brasil implantando não só o produto americano, o filme americano, a música americana, como também, o anticomunismo. E é esse anticomunismo que está na cabeça das pessoas até hoje.

Paralelamente, tinha a Igreja Católica que era também anticomunista. As igrejas evangélicas de origem americana também tiveram papel na difusão do anticomunismo. A implantação de igrejas pentecostais no Brasil foi uma decisão do departamento de estado americano. Quando houve o início da Teologia da Libertação eles perceberam que aquilo seria uma força, um monopólio da igreja católica. Então, estimularam a implantação dessas igrejas pentecostais no Brasil.

Descobriram que não entendiam de Brasil então estimularam as universidades norte-americanas a fazerem mestrado e doutorado sobre o Brasil. Um professor americano da UNB me disse que houve um encontro de brasilianistas nos Estados Unidos onde participaram mais de 4.000 brasilianistas. Isso tudo foi financiado por empresas americanas em parceria com o Departamento de Estado Americano para desenvolver estudos sobre o Brasil. Hoje, a segunda maior biblioteca brasileira está no Congresso Americano que competem com a Biblioteca Nacional.

Voltando ao Golpe, quando demos conta de que não haveria reação Brizola, apresentei-me no banco para trabalhar, pois estava fugido. Logo em seguida, fui chamado à gerência e estava lá um capitão e dois sargentos que disseram: “Vimos buscá-lo”. Não foi uma surpresa, estava preparado para ser preso.

No início do Golpe as coisas eram mais brandas. Os militares ainda não tinham muita informação sobre nós. Não tinham ainda aquela estrutura de perseguição e tortura que ocorreu depois. Os oficiais encarregados de fazer inquérito não tinham muita informação, faziam aquilo burocraticamente. Preso, passei primeiro pelo DOPS onde não havia espaço para tantos presos. Lembro-me de um cara do DOPS que fez o primeiro interrogatório. Ele me mostrou uma foto do Lênin e perguntou: “O Senhor conhece esse cara?” Respondi: “Lênin”. E este? “Marx”, respondi. E este? “Stalin”. “Você conhece todo mundo!” disse o oficial. Ao que respondi: “Claro, estudo economia!”. Penso que ele achou tudo aquilo ridículo e não fez mais este tipo de pergunta.

Eu tinha uma bela biblioteca e minha mulher pediu a um amigo, que não era envolvido com a militância, que cuidasse dos meus livros e acabou ficando com eles até hoje. Eu tinha todos os livros: Marx, Hegel, enfim toda parafernália, nada de grave. Não fui torturado porque meu irmão, um coronel de direita, intercedeu por mim.

O período em que passei na prisão, na garagem do BGP, foi uma experiência extremamente rica, apesar de ser uma época muito fria. Foi um ano muito frio muito molhado. Fui preso no dia 5 de abril e fiquei até maio, mais ou menos 37 dias. Havia muitos presos do movimento sindical e operário, a convivência era muito boa, havia muita solidariedade. Organizamos uma rotina e eu dava aulas de história e economia para os presos. O estado não tinha estrutura para manter prisioneiros e as condições eram muito precárias. O BGP ficava no Setor Militar Urbano.

Fui solto por falta de provas de que era terrorista. Demitido do banco, fiz concurso para o Senado, mas como tinha ficha suja no SNI, não pude assumir o emprego. Essa era uma prática comum que visava afastar os comunistas dos empregos públicos.

Diante disso, trabalhei como vendedor e cheguei a ser um empresário bem sucedido. Peguei muita gente, que esteve na prisão, para trabalhar comigo. Montei uma empresa, juntamente com dois amigos, de processamento de dados e planejamento, a Producta. Ganhei uma licitação muito grande da Câmara dos Deputados, concorrendo com a Datamec que pertencia ao grupo Ducal. Então, a Datamec fez uma grande proposta e acabou comprando nossa empresa. Permaneci como diretor da Datamec/ Producta que depois ficou só Datamec. No governo do Figueiredo, já estava fora há muito tempo, a Datamec foi comprada pelo ministro da fazenda Carlos Richbitter que antes havia sido presidente da Caixa Econômica.

Empresarialmente fui muito bem sucedido, tanto assim que com dinheiro da venda da Producta comprei uma grande fazenda, onde implantamos o projeto Guariroba idealizado para se um centro cultural, auto - sustentado com a produção agrícola. Isso tudo aconteceu em pleno regime militar. Sentia que os militares acompanhavam nossos movimentos, mas não fomos molestados. Também, o projeto durou muito pouco tempo. Não tínhamos preparo, não tínhamos competência para tocar um projeto agrícola como aquele. Eu cuidava da parte

comercial do projeto e era eu que determinava o que plantar. Montei um esquema de venda no Ceasa, mas o projeto não foi adiante. Tinha muito mais de sonho que preparo e o projeto durou pouco tempo.

Do ponto de vista da família, a minha militância impunha uma série de dificuldades, tanto assim que, quando minha mulher morreu em 1972, estávamos separados. Ela não era do movimento estudantil e não estava envolvida na militância. A prioridade absoluta era a revolução, que exigia tempo integral. Para ela, a prioridade era a família. Eu pago por este afastamento até hoje, os filhos se queixam. Hoje, minha filha fica olhando eu cuidando muito do meu neto e digo a ela que agora eu posso, que agora tenho tempo para dedicar a família.

Meu pai tinha muito cuidado com os nossos dentes. Passei 15 anos sem ir ao dentista porque achava um absurdo gastar com essas coisas e a família pagou essa conta. Depois eu vivi muita dificuldade financeira. Fazíamos reunião em casa para definir qual era a prioridade. Só se comprava um sapato se o outro fosse irre recuperável.

Naquela época, qualquer que fosse a ideologia da pessoa, havia muito sacrifício. Foi um período bem difícil. A minha vida foi muita rica em experiências. Só acho que não foi tão importante assim. Tanto que estou achando engraçadíssimo ser objeto de uma dissertação.

Continuo filiado ao PT e a minha avaliação sobre o momento atual que o partido atravessa é que qualquer idéia ou ideal que se institucionaliza tende a morrer. Por outro lado, podemos tomar como exemplo a Igreja. A mensagem de Cristo “Amai-vos uns aos outros”, independentemente dos descaminhos de alguns de seus membros, ela permanece. Penso que, com o PT acontece o mesmo, suas idéias vão ficar. Vou continuar lutando por essas idéias.

Entretanto, eu fiquei muito chocado quando, pela primeira vez, ouvi dizer que o PT havia recebido como contribuição de campanha 150.000 ou 450.000 da Odebrecht. Houve um movimento no sentido de buscar recursos com a militância para devolver esse dinheiro,

era inadmissível que o PT ficasse com esse dinheiro. Ninguém dá 450.000 de graça, sem esperar nada. Não dá para acreditar que alguém faça isso por generosidade, altruísmo.

Todavia, fala-se muito do montante de dinheiro que envolveu essa cooptação do PT com políticos e empresas, mas o custo do PSDB para manter-se no governo foi dez vezes maior. As privatizações envolveram uma grande soma de dinheiro, no entanto, isso não é divulgado. Quando a elite é beneficiada a mídia é complacente. Não estou sendo pragmático. Não tínhamos o direito de fazer isso. Avalio que o que levou o PT a essa situação foi a visão stalinista de alguns membros do partido. O Dirceu é um marxista e como tal não está preocupado com a vida após a morte. Não existe pecado, não existe nada após a morte, morreu acabou. Essa é a tese materialista que ensina que não há nada depois dessa vida. Acredito que a expectativa ou sonho de uma vida posterior induz as pessoas a um comportamento ético. Talvez a ausência dessa expectativa tenha permitido que Stalin matasse mais de 20 milhões de pessoa para se manter no poder e implantar seu projeto a ferro e fogo. A revolução cultural da China também foi terrível, não havia ética, não havia nada. Como calcular o custo do poder? O Henrique Meireles no governo e outros aí, tudo me parece sem nexos com o programa do PT. Não sei o que teria levado o PT a se afastar de seu projeto original. Não sei quais foram as pressões ou motivações que levaram a isso, eu não sei porque não estava lá. Acredito que o Zé Dirceu não faturou nada para ele. Mas tudo isso é muito doloroso. O Brasil Chorou. Mesmo quem não era filiado tinha esperança de as coisas iam mudar. Apesar de tudo continuo acreditando na possibilidade de mudança, conforme pregava João XXIII.

Fazendo um balanço da minha trajetória de militância eu não mudaria uma vírgula do que fiz. Hoje estou com 75 anos e sinto-me muito feliz. Não desejaria ter outra idade. Continuo envolvido em ações políticas, como dar aulas de alfabetização no Varjão com meu neto. Tenho simpatia pelo MST e tenho vontade de ir para um acampamento dos Sem Terra e

dar alguma contribuição. Sinto que o MST hoje é um movimento social revolucionário. É como se fosse o PT, a JUC e a Ação Popular, reunidos, lutando por uma real reforma agrária. O MST tem, hoje, uma grande abrangência, atinge até a educação.

Meu envelhecimento está sendo muito simpático. Quando fico doente, como hoje, fico meio “deprê”... Quando me aposentei, fiquei apavorado de ficar no ócio. Então, fui para UNB, participei de alguns movimentos e assim fui preenchendo meu tempo. Hoje estou achando a aposentadoria uma maravilha. Por exemplo, hoje não me sinto disposto e resolvi ficar em casa descansando. Em outros tempos isso jamais aconteceria, tomaria uma aspirina e iria trabalhar. Eu estou com a vida ativa, muito rica. Jogo vôlei, mas esta semana não joguei, tive uma exaustão muscular pelo excesso. Adoro a feira, faço a feira onde vendo meu queijinho. Não quero morrer, mas estou pronto para morrer. Digo pronto para morrer porque não tenho ambições, objetivos como o de construir uma casa, fazer coisas para meus filhos. Chegou à hora deles cuidarem de suas vidas. Quer dizer, estou pronto morrer, mas não estou querendo morrer. Estou curtindo minha vida com grande alegria.

#### 4.5. Colombo

*Numa reflexão mais profunda, penso que não existe revolução permanente. Existe sim, o momento revolucionário que traz grandes transformações e depois a vida segue seu curso. É como se fosse um tromba d'água que derruba árvores, casas, arrasando tudo, depois outras coisas nascem...*

Minha mãe e meu pai nasceram em Minas Gerais. Ela, filha de classe média baixa do interior, a família veio aos poucos se transferindo para o Rio de Janeiro.

Aqui ela fez o primeiro e segundo graus, ainda numa perspectiva de que as mulheres tinham que se casar e ser sustentada, no entanto, minha mãe fugia um pouco disso. Ela conheceu meu pai, que era da mesma região de Minas. Ele era radiotelegrafista e veio para o Rio buscar maiores oportunidades de emprego.

De família muito grande, muito pobre, os irmãos de meu pai eram barbeiros ou radiotelegrafistas. Um deles chegou a ser contador, uma formação hoje considerada de nível técnico de segundo grau. Então, eles se casaram e foram viver pior que já viviam, a situação era feia. Ele consegue entrar para Aeronáutica onde fez um treinamento, mas não se adaptou à vida militar. Acho que lá ele teve uma certa influência dos comunistas que se movimentavam nessa base.

Depois dessa passagem pela Aeronáutica ele consegue um emprego na Panair do Brasil, empresa de aviação, como radiotelegrafista, o que deu a ele uma condição econômica melhor e mudaram-se para Niterói. Antes disso, tiveram dois filhos, minha irmã e eu. Nossa vida passou a ser em Niterói, cidade onde vivo dos três anos até hoje.

As minhas saídas sempre foram forçadas pelas situações econômicas. Vim um tempo para Brasília, trabalhar na Constituinte e também fui trabalhar no Espírito Santo, além dos nove anos que passei em Ilha Grande, que não foi uma escolha. Fora disso, minha vida foi sempre em Niterói, que é minha raiz.

Crescemos numa rua tranqüila, ainda não haviam construído a ponte. Era uma cidade residencial de operários e metalúrgicos dos estaleiros, funcionários públicos e do pessoal da aviação que, pela proximidade que barca a tinha com o aeroporto, era fácil morar em Niterói. Então, essa cidade era capital do velho Estado do Rio, mas quase todo povo era interiorano, pessoas que vinham do interior do Rio para a capital. Hoje, depois da ponte, 50% das pessoas que moram em Niterói vieram do Rio em busca da tranqüilidade ou para sair do subúrbio, já que não tinham condições de ir para a Zona Sul. Ainda, tem muito disso.

Então, tive uma infância tranqüila até os meus cinco anos quando meu pai morreu num acidente de avião, isso representou um corte. Minha mãe optou por permanecer em Niterói e teve que ir à luta, trabalhar para sustentar dois filhos, sozinha. Ela tinha um espírito de independência muito forte, se voltasse para o Rio ou fosse para São Paulo, como a família de meu pai queria, perderia sua liberdade que ela preservou sempre. Minha mãe era uma pessoa batalhadora, além de dona de casa, era pai e mãe ao mesmo tempo. Trabalhava arrumando um subemprego aqui outro ali para sustentar os dois filhos.

Meu pai deixou como herança uma pistola, uma máquina fotográfica, uma máquina de costura e uma estante de livros. Ele dizia que a pistola, a máquina fotográfica e a máquina nunca deveriam ser vendidas caso ele morresse, porque qualquer desses três instrumentos poderia ser a garantia da família, como ferramentas de trabalho em situações extremas.

Tive uma infância normal brincando na rua. Uma rua de classe média baixa de operários especializados, boa parte deles eram torneiros nos estaleiros.

Quando começo a ser estimulado à leitura na escola, a estante do meu pai passa a ser nosso acervo. Ali a gente encontrava uma literatura muito, não diria pró-esquerda, mas muito social. Era Jorge Amado, Graciliano Ramos e mais os romances do povo que era uma produção que a União Soviética fazia sobre o realismo socialista. Obras até muito criticada no

ocidente, mas não muito diferente do que o ocidente fazia. De um lado, os heróis da guerra eram russos e de outro, eram americanos.

Quando chega os anos sessenta, de certa maneira, a gente já sentia o reflexo da guerra fria na escola, na conversa dos adultos, essa coisa toda.

Na minha casa, meu tio que foi fazer um curso nos Estados Unidos, trouxe uma televisão. Ele, que era militar, assim que chegou, foi transferido imediatamente para Curitiba onde não havia estação de televisão. Então, ele deixou lá em casa essa televisão que era a única da rua. O noticiário era assistido pelos homens da rua e enquanto a gente esperava a hora do desenho animado também assistíamos o noticiário e ouvíamos os comentários dos adultos. Aquela coisa fluía, as tensões no início da década de sessenta pegava muito.

Em termos de perspectiva para o futuro não lembro muito, mas sei que falavam muito que a gente tinha que estudar. Minha mãe botava a gente na porta do colégio todo dia, era uma obrigação.

A escola publica naquele tempo era muito disputada e éramos advertidos de que não se podia perder a vaga. Uma coisa que tenho muito viva, da democracia, na memória é a campanha eleitoral naquela época. Era o Jânio e o Lott, quem era Jânio usava a vassourinha e os partidários do Lott usavam a espadinha. As crianças curtiavam muito isso. Havia toda uma polêmica entre os janistas e os partidários do Lott, além das propagandas contra os comunistas alegando que todos os comunistas eram maus.

A guerra fria, a corrida espacial, a ida de Gagarin ao espaço, a descoberta de que a terra era azul, tudo isso repercutia em nosso bairro. A gente, a rua toda vibrava com tudo isso.

Uma vez, em uma entrevista, perguntaram ao Nelson Rodrigues como ele havia alcançado a universalidade de sua obra, agora que se fala tanto em globalização, então, ele respondeu: “Olhando para meu bairro, o Méier”. Isso me tocou muito, pois sempre olho para meu bairro, minha rua.

Assim, como as coisas fluíam na rua, na família, também, as coisas fluíam. Na família da minha mãe, que vivia no subúrbio, dizia-se que a melhor segurança era ser militar ou barnabé.

Porém, lembro do dia da morte do Getúlio, vi meu tio chorando, chorando. Ele trabalhava na fábrica nacional de vagão em Marechal Hermes, subúrbio do Rio e espantei-me em ver aquele homem chorando.

No dia seguinte a morte do Getúlio, já na minha rua, em Niterói, vi aqueles operários metalúrgicos fortes e bravos, pais dos meus amigos, também chorando. São imagens que guardo na memória. Aqueles operários de certa maneira eram engajados, havia os sindicatos e tal. Como pré-adolescente ia acompanhando essa movimentação.

Uma coisa que me marcou muito foi uma revolta que houve em Niterói. Grande parte das pessoas que moravam em Niterói trabalhava no Rio, como ainda acontece hoje, e usavam a barca que ligava ao Rio de Janeiro. De repente, aumentaram a passagem da barca, que era de uma empresa privada, de CR\$ 5,50 para CR\$ 8,00, algo desse tipo, e a população se rebelou, revoltaram-se e incendiaram as barcas, invadiram as propriedades do dono da barca e os fuzileiros não tiveram coragem de atirar na população. O pessoal acabou tirando as armas dos fuzileiros. Enfim, teve uma rebelião na cidade que acabou deixando um tanto de mortos e feridos. Até pouco tempo, ainda, havia marcas do incêndio na estação de barcas. Então, começaram a dizer que o incêndio havia sido coisa de agitadores, de provocadores e tal. Tinham as várias versões e a gente vai acumulando tudo isso.

Outra coisa marcante foi o comício da Central do Brasil, a cidade ficou sem ônibus para tanta gente que ia para o comício e eu e alguns colegas não conseguimos chegar até lá. Os bondes, os ônibus, as barcas, tudo estava lotado, uma multidão. Se lá estava assim, imagine no comício. Então, eu e meus amigos tivemos que voltar sem chegar ao comício, mas tudo foi muito marcante, as bandeiras, as palavras de ordem, aquela coisa toda.

Houve também uma exposição industrial russa no Rio de Janeiro que me impressionou muito. Nessa exposição, vimos o Sputnik, todas as maravilhas que os russos produziam como máquinas, tratores e mais não sei o que. Não havia visto nada igual, em lugar nenhum.

Na briga entre russos e americanos, tanto para minha turma da escola como da rua, os russos davam de dez. Nada disso vinha de algum tipo de proselitismo, mas talvez, da literatura que a gente tinha em casa e ia muito, também, do senso de justiça da minha mãe que, até hoje aos 82 anos, fica indignada com as injustiças. Apesar de nunca ter se politizado de fato, seu senso de justiça sempre foi muito forte.

Nessa história toda, veio o golpe. E o golpe foi assistido pelo rádio, pela a cadeia da legalidade e outros e, mais uma vez, a televisão em casa atraía a vizinhança toda que, chocada, queria saber o que estava acontecendo, até que no dia 1º de abril o Castelo Branco entra no Rio de Janeiro e a gente via coisas acontecendo como pessoas chorando na barca, vizinhos que imediatamente fugiram, exército invadindo casas de vizinhos, trotes na escola em que eu estudava, invasão na casa de um professor, livros jogados na rua como material “subversivo”. Lembro de uma revista chamada “CENA” produzida pela embaixada da China em português que era totalmente legal e a gente percebia isso. Os comunistas estavam foragidos e a igreja espalhava boato de que havia bomba no Colégio Salesiano, nas igrejas e não sei mais aonde. Ninguém nunca tinha visto uma bomba, mas a igreja criava aquela farsa toda, aquele clima de que os comunistas iam fazer e acontecer.

Em meio a acampar no feriado, jogar futebol, brincar na rua, azucrinar a vida das meninas e tal, porém, esses acontecimentos eram acompanhados por nós de maneira muito intensa.

Em Niterói, um estádio de futebol virou um presídio tal qual o Estádio Nacional do Chile. Hoje a gente conversa com as pessoas e percebe que muita gente sabe o que foi o

Estádio Nacional do Chile, mas ninguém sabe o que foi o Estádio Caio Martins, um estádio nacional, lotado de presos, isso tudo no miolo da minha cidade. Ninguém sabe disse e não se comenta sobre esse fato. Tinha, também, um navio fundiado na Baía da Guanabara chamado “Raul Soares”, que também era um navio presídio para onde levavam, principalmente, os militares, fuzileiros, marujos etc.

Nesse período, esses operários, lá da rua, pegavam a mim e mais alguns meninos e pediam para gente, de bicicleta, jogar coisas para dentro do estádio. Segundo eles, era café, arroz, açúcar, macarrão, etc., diziam que o pessoal estava passando fome e eles queriam prestar solidariedade. Então, a gente passava de bicicleta correndo, jogava os pacotes para dentro do estádio e saía correndo da PE, que estava a cavalo. Muitas vezes, na fuga, a gente jogava bolinhas de gude pelo chão e os cavalos caíam. Tínhamos por volta de 14 anos que era a média de idade dos meninos que faziam isso. Só que em nossa fantasia, estávamos jogando para dentro do estádio muito mais que açúcar e café... Nunca tínhamos aberto um pacote daqueles. Só mais tarde, quando preso, fui saber o valor de um pacote de café... Aquilo tudo era uma brincadeira arriscada, éramos como se diz “inocentes úteis”, mas sabíamos o que estávamos fazendo, até imaginávamos que estávamos fazendo muito mais que fazíamos na realidade.

Então a gente foi crescendo nesse meio, quando recomeça o movimento estudantil, já não sei como me envolvi, eu simplesmente estava nessa história.

Gostava de jornal e comecei a fazer um jornalzinho. Eu estava com 16 anos e eu até brinco com o pessoal que nós éramos a base infantil do partidão. Bem, passamos a participar de grupo de estudo secundarista da juventude comunista do partido comunista. Era uma época de preparação para o VI Congresso do Partido Comunista e havia toda uma polêmica, teses, racha mesmo, desenhado dentro do próprio partido comunista.

A nossa base ia para o lado mais radical da historia, defendíamos que tínhamos que brigar e tal. Íamos panfletar na porta do estaleiro e os operários se recusavam receber o panfleto e diziam: “Não, esses comunistas fugiram todos e agora vem com esse papelzinho para gente. Entregaram-se todos, não reagiram e deixaram a gente sozinho”. Esse fato aconteceu em Niterói. O pessoal foi para receber as armas que os militares legalistas mandariam para eles e chegando lá receberam a repressão dos oficiais da marinha. Isso foi uma coisa que traumatizou muito os operários lá em Niterói, Niterói e São Gonçalo, cidade vizinha que era mais nitidamente operária. Ouvindo esses operários, levava-nos a radicalizar ainda mais.

Fora isso, no mundo inteiro coisas estavam acontecendo e nós não estávamos fora desse mundo. Recebíamos notícias de que colônias portuguesa, inglesas e francesas estavam lutando por sua libertação e obtendo vitórias. O Vietnã havia se libertado da França e depois estava enfrentando os Estados Unidos. Era a luta daqueles homens pequeninhos contra os grandões americanos...

Somando-se a isso, mais adiante, em 1967, no velho Estado do Rio, grande parte dos militantes do partido comunista racharam e criaram uma coisa chamada de “dissidência do Rio” e na Guanabara tinha a “dissidência da Guanabara”. A dissidência do Estado do Rio, diferente da dissidência do Estado da Guanabara, não era formada por filhos de classe média alta; eram operários, estudantes que trabalhavam, classe média baixa, de situação socioeconômica bem diferente e muito mais radicalizado e tinha Cuba como o farol. Cuba era nossa maior referência, fora todas as outras.

Ainda em 1967, no restaurante Calabouço, onde os estudantes do Rio se reuniam, lembro de recortes de jornais em murais que mostravam estudantes do Japão com mascaras, lanças, encarando a polícia de igual para igual. Eu nem me lembro da natureza do conflito, mas era uma coisa muito radicalizada, isso acontecia com a juventude no mundo inteiro.

Nesse tempo todo eu mantive minha turma da rua, a turma da escola e um grupo que participava dos movimentos culturais, que, também, era coisa muito forte nesse período, muito simbolizada nos festivais que a televisão promovia. Era um momento de muito surgimento, especialmente na música e no teatro, e eu participava de tudo isso.

Eu levava uma vida muito fragmentada, relacionava-me com o pessoal da rua mais alienados, do futebol, enfim aquelas coisas de moleque de rua, ao pessoal da escola que transava movimento estudantil e ao grupo de atividades culturais. E, cada vez mais, fui enfronhando-me nessa situação, sem ter grandes participações em nada disso.

Em 1968, eu estava fazendo o primeiro ano do curso clássico, mas já não tinha perspectiva de formar-me em nada, a perspectiva era subir a serra e participar da guerrilha. Nessa história toda tinha minha irmã que participava do movimento estudantil. Ela era um ano mais velha que eu e na época isso fazia muita diferença, hoje não. Pois bem, ela participava da mesma organização que eu, só que ela não sabia. A organização, desde o início, era fechada, então, quem sabia que um era irmão do outro, não deixavam que participassem das mesmas atividades.

Nesse tempo, a gente passa a ter idéia de criar um foco guerrilheiro e a organização escolhe como local o Paraná. Então, minha irmã vai para Curitiba, se casa no civil com um companheiro para dar legalidade ao casal em relação à vizinhança.

Eu continuei em Niterói, participando de pequenas atividades, não fazia grandes ações, nessa época nem tinha conhecimento de todas as ações da organização que sequer eram armadas. As ações eram mais ou menos assim: no caso de conseguir finanças, o cara era bancário e trabalhava no caixa, no horário em que o gerente não estava, vários companheiros nossos iam lá com os cheques e sacava dinheiro e o cara ia pagando, pagando, e depois saía para tomar café e nunca mais voltava, não se dava um tiro.

Lá no Paraná, por despreparo das pessoas na organização, a guerrilha começa a cair e minha irmã e o marido são presos em 69, não tenho a data assim precisa. Começa então a perseguição aos membros da organização a ponto de prender, praticamente, todo mundo, causando um baque na organização. Como ninguém me delatou, eu era só o irmão da Iná. Além disso, não havia alistado-me no exército, então, não existia juridicamente.

Quando o Cenimar foi à minha casa assuntar sobre mim, um companheiro preso disse ter visto-me com outro da organização, mas não sabia da minha participação. Então, eles foram à minha casa, eu tinha acabado de jogar futebol, suado, fedorento, almocei, deitei no sofá e dormi. Os caras bateram na porta, estava só a lavadeira de minha mãe, perguntaram por mim e viram aquele magrelinho imberbe dormindo e imaginaram que era só um garoto.

Além de ser o mais novo da organização eu aparentava ter menos idade ainda. Então, passei a ter uma vida doméstica, era da escola para o trabalho. Dos companheiros que poderiam incriminar-me e com os quais tinha mais contato, um foi preso, mas não falou de mim, até porque era operário e muito mais velho e não imaginavam que pudéssemos ter relações, e o outro tinha sido morto. Havia outros, como meu cunhado, que sabiam da minha participação, mas não abriram mesmo. Então eu escapei. Não visitava minha irmã só mandava bilhetinhos. Minha mãe é quem fazia o contato com ela.

Minha mãe suspeitava de nossas atividades, mas ela nos criou assim: “Eu não me meto na vida de vocês e vocês não se metem na minha”. Por mais que ela temesse, não verbalizava isso. Ela só não imaginava a extensão do envolvimento da gente. Sabia que, quando minha irmã foi para o Paraná, o casamento era necessidade para dar legalidade à situação dela com o companheiro.

Atrás da minha casa, passava um riozinho de escoamento de água de chuva, havia muitos morros no entorno e passava esse rio canalizado. Então, eu pulava o muro de casa e atravessava o bairro todo por esse rio, até hoje se pode chegar a qualquer parte de Niterói

atravessando esse rio. A água era rasa, calçava botas de borracha e pendurava-as antes de sair. Eu marquei as tampas que davam para a rua pelos endereços, rua tal número tal, o que facilitava a localização. Então, quando queria sair fora do ritmo da vida doméstica eu ia pelo rio e comecei a encontrar os companheiros buscando reaglutinar alguma coisa por esse caminho, ia por um caminho e voltava pelo mesmo caminho. Os caras que me vigiavam, viam e pensavam que eu era muito caseiro: chegava à noitinha, ligava televisão e só saía no outro dia de manhã cedinho, na verdade eu estava zanzando pela rua... Sabia que me vigiavam porque os vizinhos conversam comigo e diziam o que estava acontecendo.

Quando seqüestraram o embaixador americano foi àquela alegria. Andava na barca e quando o nego abria o jornal, as pessoas adoravam aquela história e havia uma lista grande de presos a serem trocadas pelo embaixador. Mas então pensei: “Se eu ficar, eles nem vão querer saber se sou garoto ou não, vão pegar todo mundo que tiver alguma proximidade com a organização e vão descer o couro para achar alguma pista”.

Avaliei que o melhor que tinha a fazer era tirar o time de campo. Falei com a minha mãe, disse que ia sair e inventei uma história que era tudo certinho, tudo bonitinho, realmente, já tinha feito contato, já sabia para onde ir. Então, nesse dia, saí pelo muro e fui para a estação das barcas, só que quando cheguei vi uns caras que costumavam vigiar-me, já conhecia mais ou menos os caras que se revezavam para me seguir por toda parte. Entrei na barca, eles também entraram. Esperei a barca dar partida e pulei fora, eles ficaram na barca. Peguei outro aerobarco, que era mais rápido. Quando chego do outro lado já tinha outros dois caras me esperando, desci do barco e eles vieram em minha direção, entrei no ônibus e eles me seguindo, fui para a Central do Brasil, comprei uma passagem de trem para Barra Mansa e quando o trem chegou fiz o mesmo que havia feito na barca, pulei fora do trem e os caras ficaram lá. Ainda bem que nessa época não havia celular...

Fui para a rodoviária e peguei um ônibus para São Paulo. Lá fiquei na casa do pai da Jessie, hoje minha esposa, que era o meu contato. Fiz contato com a ALN e fiquei lá até a organização me direcionar. O pai dela, grande personagem, era um comunista desencantado com a Rússia desde a Stanilização e era amigo do Marighela e do Joaquim Câmara Ferreira. Embora ele não participasse diretamente, dava o maior suporte, inclusive o Ferreira viajava para Cuba, Europa e outros países com o passaporte dele. Muitas das reuniões se davam na casa dele. Quer dizer, o pai da Jessie não era do quadro da ALN, mas dava um grande suporte a organização.

Então, comecei a ter participação na organização, mas não muita coisa. Eu e a Jessie nos sentimos atraídos um pelo outro logo de início e assim que saí da casa dela começamos a namorar e a gente se encontrava sempre, mas eu morava na pensão.

Com a morte do Marighela, foram presos companheiros que conheciam a casa da família. Eu fui levar essa notícia à família de Jessie e disse a mãe dela que ela viria comigo, pois se ficasse seria presa. Fui levar a notícia ao meu sogro no trabalho dele e nesse mesmo dia ele foi preso. Minha sogra, coitada, na hora que eu e a Jessie saíamos a única coisa que ela disse foi: “Matias, só te peço uma coisa, me arranja um 38”. Meu nome de guerra era Matias. Então, perguntei: “Para que a Sra. quer isso?” Ela respondeu: “Para defender minha casa!”. Então, essa coisa foi muito forte. Ela não estava desencantada como o marido, se vê que eram nuances diferentes.

Fomos então morar juntos num aparelho, levando uma vida de clandestinidade, até que perdemos contato com a organização. As pessoas com as quais eu mantinha contato haviam sido presas e, mais uma vez, tive sorte de não ser delatado. Enquanto tínhamos contato com a organização, vivíamos com um salário mínimo, depois as coisas ficaram muito difíceis. A Jessie não podia voltar para casa, eu não podia voltar para casa e não tínhamos contato com ninguém em São Paulo.

Diante dessas dificuldades todas, decidimos voltar à Niterói. Lá eu tinha para onde ir, sem ter que voltar para casa. Tinha os companheiros, fora o pessoal simpatizante, que nos acolheria e foi isso que fizemos, mesmo porque sabia que tinham deixado de vigiar a casa de minha mãe.

Nesse período, todo empenho nosso era retomar o contato com a organização, sabia que ela estava viva, inteira, pelo noticiário dos jornais, só não sabíamos como chegar até ela. Também, em razão das prisões, quedas, muita repressão, vários companheiros de esquerda se recusavam fazer contato com gente de outras organizações. Ficamos meio sem perspectiva e ainda podíamos ser presos a qualquer momento ou levar um tiro de “véspera”.

Daí que veio à idéia, com alguns companheiros, de seqüestrar um avião para libertar nossos companheiros. Eu, pessoalmente, estava muito envolvido com as pessoas que haviam sido presas. Meu sogro fora preso no reveillon de 1970, os companheiros com os quais mantinha contato imediato tinham sido presos.

Nesse período, entre a nossa volta para Niterói e o seqüestro do avião, houve vários seqüestros envolvendo o embaixador suíço, cônsul japonês, embaixador da Alemanha e ainda aquele seqüestro de avião do pessoal de Minas e que foram para Cuba.

Houve também, nesse período, um outro seqüestro, não me lembro em que país, mas sei que o pessoal conseguiu negociar alguns presos com sucesso. Então, pensamos que o caminho era esse, ou seja, seqüestrar um avião para soltar nossos companheiros.

Na época tinha muitos vôos domésticos que tinham rota internacional tipo: São Paulo, Rio e Buenos Aires. Quer dizer, comprava-se o trecho São Paulo/ Rio, mas pegava-se um vôo internacional. Assim fizemos. Elaboramos uma lista de companheiros a serem trocados e mandamos o piloto descer no Galeão e tomamos o avião.

Só que nisso, havia um conflito entre o comandante da aeronáutica, Brigadeiro Burnier, e o Medice que havia mandado negociar, inclusive enviou o Ministro das Relações

Exteriores ao Rio para negociar conosco para buscar uma saída em que não morresse ninguém e no avião estava um funcionário diplomático do Canadá.

Várias organizações internacionais se mobilizaram, os aeronautas se mobilizaram porque os pilotos não tinham nada com aquela situação, mas o comandante se negou a negociar. Não permitiu nem que o ministro entrasse. Então houve a operação de resgate, entraram no avião, cada um de nós tínhamos, apenas, uma carga de munição, não conseguimos acertar em ninguém e também não queríamos atingir os passageiros.

Podíamos ter ido direto para Buenos Aires, mas em nossa cabeça isso poderia criar problema diplomático e a Argentina poderia não permitir o pouso assim frustrar nosso plano. Tudo isso era uma atitude muito simplista nossa.

Mais tarde, um coronel da aeronáutica encarregado do IPM me disse: “Guerra precisa de informação. O único lugar para onde vocês não poderiam descer era o Galeão que o comandante Burnier iria mandar invadir o avião. Podia ser em Cumbica ou qualquer outro aeroporto”. Ele adorava se exhibir diante de nós e vivia criando polêmica. Isso já depois da tortura.

Na tortura era o “ponto”, o “aparelho” e os repetidos interrogatórios sobre quem seqüestrou o embaixador alemão, onde conseguimos as armas, etc. Nessa situação toda, tínhamos um agravante, éramos os primeiros a serem presos depois daquele seqüestro. Eles não sabiam de nada sobre o seqüestro do embaixador alemão quando foram soltos 40 presos políticos. Não sabiam nem onde o embaixador tinha ficado guardado durante o seqüestro. No raciocínio deles, até do pessoal que estava preso, é que esse seqüestro estava ligado ao seqüestro do alemão e que estávamos tentando sair do Brasil. Por isso, apanhamos pelos outros também. Até uns caras nos diziam: “Poxa, vocês salvaram minha vida, eu tava direto na tortura e quando vocês chegaram esqueceram da gente”.

Sobre esse fato, não tenho nada a acrescentar, apenas que não existe alguém que foi mais torturado que outro. Não existe um “torturômetro”. Às vezes, uma mulher interrogada nua, diante de seis militares, é muito mais violento do que passar 15 dias no pau de arara.

Parece até uma heresia dizer isto, mas a tortura foi muito melhor do que eu imaginava. Fiquei 19 dias no DOI/CODI e 7 meses na Base Aérea do Galeão, no Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica.

Eu imaginava, pelos relatos e denúncias que ouvia, que a tortura fosse muito mais insuportável. Foi muito ruim, mas eu esperava o pior. O pior mesmo era a inteligência, a técnica usada na tortura a partir do sofrimento físico. Esse jogo de perguntas e respostas, de repetir 50 vezes a mesma história é algo para o qual não tínhamos preparo.

Do grupo que participou do seqüestro, sobrevivemos três: eu, a Jessie e o Fernando. Um companheiro nosso, o Heraldo, foi morto pelos militares e era irmão do Fernando.

Pois bem, nós três levamos uma tremenda vantagem sobre todos outros que estavam presos, porque não tínhamos nenhuma informação que levasse alguém à prisão. Estávamos isolados da organização há muito tempo e não tínhamos nenhuma informação sobre o quadro e isso os deixava alucinados. Uma segunda vantagem era que não fomos presos entregues por ninguém. Quando a pessoa vai presa porque seu melhor amigo o entregou, o companheiro em que você acreditou nele e tal, já vai com o moral baixo. O sujeito pensa: “Se ele não agüentou, também não vou agüentar”. Tudo isso no subconsciente bate muito forte.

A nossa prisão foi a partir de um confronto, a partir de uma ação. Quando o sujeito está dormindo em casa, num aparelho, e é preso, ou quando vai ao encontro de um

companheiro e chegando lá o prendem porque um companheiro entregou, como aconteceu com minha irmã, é uma coisa terrível.

Éramos quatro e um foi morto depois de preso, não sei se foi sob tortura ou com um tiro de misericórdia. Ele foi ferido na prisão, pelo menos foi o que noticiaram. Disseram que ele havia tentado o suicídio. Depois, noticiaram que havia morrido. Conosco não tiveram essa oportunidade porque a imprensa todo focou em cima da gente, fomos presos vivos diante das câmeras. Só o Heraldo foi levado para o Hospital da aeronáutica, foi o que disseram, mas na verdade foi levado para o DOI/CODI. No caso do seqüestro entra a imprensa internacional e também toda imprensa brasileira. O cônsul do Canadá declarou que os seqüestradores tinham sido muito mais gentis que os militares.

Como os milicos não sabiam quem era quem no avião, foram metendo porrada em tudo que era passageiro. Como esse cônsul levava uma mala diplomática e não entregava essa mala de jeito nenhum aos militares, bateram muito nele. Nem sei como resolveram isso, mas houve o depoimento desse cônsul e o comandante Burnier acabou caindo por causa disso. Passado alguns meses, noticiaram que ele fora reformado. O Medice encontrou o pretexto para tirar o cara.

Bem, depois disso, foram nove anos de prisão entre Ilha Grande e Frei Caneca e com uma pequena passagem pelo Presídio Bangu, presídio feminino, na transferência. Saímos da Ilha Grande porque fizemos uma greve de fome dizendo que não era um presídio político.

Os militares diziam que no Brasil não havia presos políticos, tinha bandidos. Nossa exigência de presídio político era em função dessa afirmativa. A Ilha Grande era um presídio mais confortável, com instalações melhores, mas lá o isolamento era muito grande e a possibilidade de fuga era muito ruim.

No Rio, passamos a ter contato com amigos e outras pessoas. Eu e a Jessie fomos presos no mesmo dia, no dia 1º de julho de 1970 e também fomos soltos no mesmo dia, em 1º de julho de 1979, portanto foram nove anos.

Nesse tempo todo eu e a Jessie ficamos no mesmo presídio apenas no período de transferência de prisão, foi quando pudemos nos encontrar e que gerou nossa filha. Ela nasceu em uma maternidade fora da prisão, mas logo no dia seguinte foi separada da mãe e entregue à avó, minha mãe.

Quando saímos já não havia organização e nem nada. Não éramos profissionais de nada e a família da Jessie estava toda no exílio. O pai tinha sido banido quando foi solto no seqüestro do embaixador suíço e a mãe foi ao encontro dele com os outros filhos.

Minha mãe, como pensionista do INSS, ganhava apenas um salário mínimo e minha irmã, que havia cumprido um ano e oito meses de prisão, voltou a estudar e fazia medicina. Enfim, passamos a morar em um pequeno apartamento, não tínhamos para onde ir e com uma filha de dez anos e meio de idade.

O Bispo de Volta Redonda, Dom Waldyr Calheiros, que foi um cara que fez toda sorte de enfrentamento inimaginável contra ditadura e conseguiu um feito único, fantástico, inédito no Brasil, conseguir prender vários torturadores. Conseguiu que vários torturadores fossem presos e condenados em plena ditadura.

Em Barra Mansa, Estado do Rio, Vale do Paraíba, havia em centro de tortura e lá os militares passaram da conta, que era de torturar os “subversivos”, e passaram também a torturar soldados que eram pegos por uso de maconha, grafiteagem ou porque foram testemunhas desses crimes. Foram mortos quatro soldados e Dom Waldyr conseguiu reunir provas de tal maneira que o exército foi forçado a condenar esses torturadores que, embora usufríssem todo conforto, ficaram confinados na fortaleza de Santa Cruz.

Pois bem, Dom Waldyr então nos ofereceu um trabalho na diocese para fazer um jornalzinho das Comunidades Eclesiais de Base que era usado para debater e buscar estimular os movimentos que ele queria. Na verdade, foi o jeito que ele arrumou para dar um trabalho para gente e uma casa para morar.

Nada deu muito certo porque a igreja é muita reacionária. Ela pode ter o melhor bispo do mundo, mas não deixa de ser reacionária. Diziam que o coração do bispo era tão grande que acolhia até mesmo os terroristas... Com uma pecha dessa a possibilidade de converter alguém é nenhuma.

Entretanto, apesar dessa experiência ruim com os católicos, é que em 1979 muitas coisas estavam acontecendo. Havia movimentos de solidariedade ao povo de Nicarágua, a favor da anistia, movimentos feministas e as associações de bairro ressurgindo.

Esse ressurgimento coincide com a nossa chegada a Volta Redonda e as pessoas que estavam nesses movimentos identificavam, em nós, o motivo pelo qual essas coisas estavam acontecendo. Só que não era verdade. Isso aconteceria, tivéssemos nós chegado lá ou não. O que nós tínhamos mais que eles era a leitura e a vivência, mas eles é que estavam agitando lá.

Havia uma grande movimentação da oposição. Logo depois veio a reformulação partidária e tal. Mas a gente vivendo “pobre feito Jó”, pobre, pobre mesmo. Às vezes os pais da gente enviava um dinheirinho para ajudar, mas as coisas eram muito difíceis mesmo e, ao mesmo tempo, muito ricas.

Quando a gente sai da cadeia tudo é ótimo, mas tivemos essa particularidade de ver o Brasil de uma janela bem diferente de alguém, por exemplo, que mora em Copacabana.

Então a gente tinha essa coisa, mas a vida foi ficando muito apertada. Uma irmã da Jessie, que estava na clandestinidade, foi morar conosco, ela, o marido e os dois filhos. Usavam o nome trocado porque estavam sendo procurados.

Eles haviam entrado no Brasil, vindo do Chile e estavam sobrevivendo no Sul, ele como fotógrafo e ela artesã. Quando fomos soltos e fomos morar em Volta Redonda, logo vieram morar conosco. Nossa situação melhorou um pouco.

Depois, eles se mudaram para o Rio e deram uma melhorada na situação. O marido era um artesão, assim, de mão cheia, na verdade um joalheiro que produzia coisas maravilhosas e passou a ganhar muito dinheiro.

A nossa situação econômica nos levou a ir morar com eles e correr atrás de trabalho. No Rio, o campo de trabalho era muito maior e também não queríamos mais prolongar aquele constrangimento que nossa presença causava ao Dom Waldyr.

Depois de um tempo, fomos construir uma casinha em Niterói, em um terreno que minha mãe tinha e organizando nossa vida. A Jessie fez vestibular e voltou a estudar, que sempre foi uma meta dela, diferente de mim que nunca pensei em formar-me em nada. Eu fazia os mais diversos trabalhos, desde a construção civil, camelô, assessoria de imprensa, pesquisa, enfim, toda sorte de emprego temporário e subemprego.

De lá pra cá, a vida foi se organizando mais e entrei para o PT no último dia da campanha de filiação partidária de 1982. Um pessoal bateu na porta de nossa casa para que filiássemos ao partido. Lembro que a Jessie disse: “Vamos filiar para ajudar a democracia, pelo menos fundar mais um partido”. O pessoal sempre convidava a gente para as reuniões, mas eu era mais refratário, não tinha menor simpatia pelo PT sindicalista, e ainda mais PT igrejeiro. Botou a igreja católica na história já não era mais comigo.

Todo contato que tive com esse povo me mostrou que eram moralistas, pré - julgadores, tudo era suspeito, etc. A Jessie costumava dizer que, a união da tradição do stalinismo com a tradição da santa inquisição deu o PT. A gente começa frequentar uma reunião e outra, encontra companheiros e começa aquele negócio de sentir obrigação de dar

contribuição, quando a gente viu já estava brigando e três meses depois, eu era presidente do diretório do PT em Niterói.

Tive uma passagem pelo PT em 1982, um ano de eleição. No Estado do Rio foram eleitos dois vereadores, um de Volta Redonda, das Comunidades Eclesiais de Base, ligado à Igreja Católica, e a Benedita no Rio de Janeiro.

Houve uma plenária no Rio para discutir a posição do PT diante do governo Brizola. O Brizola ainda não havia tomado posse e foi um Deus nos acuda com aquele caso do Proconsult. Nessa plenária, meu grupo de afinidade, que era mais independente, defendia uma postura de esperar o que aconteceria no governo Brizola e a partir daí o partido se posicionando.

Havia outras correntes, nunca entrei em nenhuma corrente, até porque a maioria era trotskista, eu nunca gostei do trotskismo, que defendia oposição imediata porque diziam que era um governo populista, que vinha do Getúlio, etc.

Então, fiquei no grupo do “vamos esperar para ver”. Para defender nossa posição escolhemos a Benedita porque era mulher, negra, trabalhadora. Enfim, ela tinha todos os predicados cantados em prosa e verso pelo PT católico trotskista, um modelito ideal que acreditávamos ter mais bagagem que qualquer um de nós para defender nossa posição. Quando ela começou a falar a plenária se levantou e começou a vaiar, nesse momento, eu decidi não mais participar de uma plenária do PT. Uma situação como aquela não tinha nada a ver com a minha cultura, minha existência. Logo depois, a oposição sindical dos metalúrgicos, que nós formamos naquela época, ganhou uma eleição. Antes disso, trabalhei como camelô vendendo bijuterias que meu cunhado e cunhada faziam. Ganhava dinheiro “pra burro”, nunca ganhei tanto dinheiro na minha vida, vendia muito e olhe já fui secretário de governo, de transportes, assumi vários cargos em empresas.

Bem, como dizia, em 1984, a oposição sindical em Volta Redonda ganhou a eleição e chamaram-me para dar uma assessoria. Larguei minha banquinha com um rapaz que me ajudava e fui para lá ganhar uma merreca.

O presidente, ligado ao PT, tinha sido candidato a deputado estadual em 82 só para poder entrar na fábrica dos metalúrgicos. Na verdade, ele usou a candidatura de deputado para fazer campanha do sindicato.

Tinha uma usina do Ermínio de Moraes que, quando o Juarez chegava à porta da fábrica, o auto-falante avisava os seguranças: “O Sr. Juarez Antunes está proibido de entrar nas dependências da fábrica”. Então, ele se dirigia a um dos seguranças e disse: “Avisa seu chefe para mudar a informação porque estou autorizado a entrar e vou entrar e ele vai ficar desmoralizado”. Pouco depois, o alto-falante informava: “O Sr. Juarez Antunes está autorizado a entrar desde que não ultrapasse de tal e tal lugar”.

Ele fez o nome em cima da marra, dos panfletos, naquela época tudo era muito panfletário. Daqueles que disputavam à presidência do sindicato, alguns eram da “esquerdinha” que começou com a gente, outros eram o que se chamava de “peão rabo grosso” e havia ainda os trotskistas e os igrejeiros que montaram uma outra chapa do PT, chamada de “chapa pura”.

Nossa chapa que tinha uma corte operária muito grande ganhou de sete a um, então, foi chamada de “populista” e tal. Tudo que não passava pelo confessionário e pela célula da organização era chamado de populista. Esse termo “populista” foi criado para identificar lideranças que não tinham organicidade em instituições muito visíveis. Uma coisa é organicidade de classe e outra organicidade com instituições que não eram muito visíveis como culturais, conceituais e da população que não era levada em conta, esse e meu entendimento.

O Juarez foi um cara fantástico, era ativista desde 64, freqüentador de sindicato e era recordista de produção. Na fábrica ninguém batia seu recorde e quanto não comparecia ao trabalho não davam falta a ele. Sabiam que, quando retornasse iria produzir o dobro. Apesar disso, ele era indisciplinado, não era bem comportado, politicamente correto, jamais seria um operário padrão.

Um dia, a usina mandou um grupo de operários, engenheiros e funcionários para uma viagem à Europa para conhecer várias usinas e ele não foi chamado, mesmo sendo recordista de produção. A usina publicava um boletim - na verdade quando ele começa a fazer um boletim era em contraponto a esse boletim - que era afixado a um quadro negro para que os operários lessem.

O Juarez foi até o quadro negro e o boletim dizia: “A nata dos funcionários da CSN foi agraciada com uma viagem à Europa”. Então, ele escreve no boletim: “Na produção do aço a nata é a borra”. Quando ele saiu, no outro turno, um operário torneiro escreve: “Concordo e assino embaixo” e assinava. Essa prática se espalhou na usina e se criou uma mística em torno desse tema.

Então, vou trabalhar no sindicato e o Juarez produzia um jornal chamado “Verdade” e, com a minha chegada, passei a ajudá-lo.

Nessa mesma época surgem os movimentos pró constituinte, o “Diretas Já” e eu passo atuar via movimento sindical. A Jessie criou uma ONG, na época não se chamava de ONG, era um centro de cultura popular que oferecia cursinho de formação, áudio visual, um grupo cultural do pessoal e fazia movimento de solidariedade à Nicarágua. Veio a eleição para a Constituinte e o Juarez se candidata e é eleito deputado federal e eu fui para Brasília trabalhar com ele.

Nesse meio tempo, a Jessie segue sua faculdade de História e trabalha no Rio no “Caderno do Terceiro Mundo” que depois virou um Centro do Terceiro Mundo. Quer dizer,

eu naquela agitação toda e ela estudando, foi essa, mais ou menos, a divisão de trabalho, mas Jessie continuou participando no campo da intelectualidade de Volta Redonda, se é que podia chamar aquele movimento de intelectualidade, mas era o que tinha.

Na eleição do Tancredo e eu e o Juarez nos desligamos do PT. Nosso desligamento não foi nem por causa da eleição do Tancredo, mas por causa da expulsão da Beth Mendes e do Airtom Soares.

Quando veio a eleição da Constituinte começamos a discutir com um grupo de ativistas - eram mais de cem ativistas, uma coisa mais estruturada - a opção pelo partido que o Juarez iria se candidatar e a opção foi via PDT, então, eu e o Juarez nos filiamos ao PDT.

O interessante é que, a maioria dos ativistas, eram filiados ao PT, então eram petistas trabalhando na campanha de um candidato do PDT, um paradoxo. Na verdade, eles iam pelo que era melhor para causa deles.

Essa foi uma vivência muito rica e, passado a Constituinte, já tínhamos um grupo muito bem estruturado e um projeto para cidade de Volta Redonda. Nesse projeto, buscávamos fazer de Volta Redonda um modelo onde o poder operário era possível, como se aquilo fosse isolado do resto do universo. Isso chamou a atenção, o exército invadiu as usinas e matou operários, foi uma coisa pesadíssima.

Depois disso, o Juarez se elegeu prefeito de Volta Redonda, mas não éramos confiáveis para o PDT porque o cara tinha luz própria e muito menos para CUT porque o Juarez não era do PT. Todo isso, apesar do sindicato dos metalúrgicos de Volta Redonda ser, junto com o dos bancários, o mais forte do Rio de Janeiro. Na verdade, o grupo de São Bernardo não queria ninguém com luz própria.

Conheci o Lúcio que foi um líder sindicalista da Ford, um cara capaz de derrubar o Medeiros. Lançaram uma chapa e houve um segundo turno onde ficaram o Lúcio e o Medeiros. A CUT apoiou timidamente o Lúcio, não injetando grana na campanha, e

deixaram-no perder a eleição. Conclusão, o Lúcio aderiu ao Medeiros, muito mais por pirraça do que por outra coisa e depois abandonou o sindicalismo.

A CUT praticamente entregou o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo ao Medeiros quando deixaram o Lúcio perder a eleição. O fato é que a CUT isolou, jogou as traças, grandes lideranças sindicais que poderiam fazer sombra ao pessoal de São Bernardo. Uma liderança de São Paulo dentro da CUT poderia quebrar a hegemonia da CUT.

Então quem trabalhou na CUT sabe que isso que está acontecendo hoje no governo não é novidade, só é novidade para o grande público. Não fui desse pessoal da esperança. Votei no Lula por falta de opção, mas nunca acreditei que as coisas seriam diferentes. Se tivesse acreditado estaria sofrendo.

Vejo o tanto que meus companheiros sofrem, quanto mais perto do poder estão, mais sofrem. Na verdade quem segurou a bandeira do moralismo que era da UDN foi o PT e esse moralismo desabou. Muitos anos atrás, o Fidel Castro já dizia que a democracia representativa no capitalismo era brincadeira.

A corrupção não é um mal do terceiro mundo e muito menos da América Latina, o Bush é um exemplo disso. Na época do Nero havia um filósofo Cínico que dizia: “Corrupção é todo bom negócio para o qual não fui convidado”, “Terrorismo é toda violência feita contra nós” e a “Auto defesa é toda violência que praticamos contra nossos inimigos”. Como se vê esse é um problema que vem de longa data...

Hoje, participar, exercer a ação política propriamente dita não exerço, mas eu penso, acompanho, converso com todo mundo, discuto. Desempregado, faço um tipo de contrabando pela internet, compro e vendo produtos...

Não tenho arrependimento do meu passado. Numa reflexão mais profunda, penso que não existe revolução permanente. Existe sim o momento revolucionário que traz grandes transformações e depois a vida segue seu curso. É como se fosse uma tromba d'água que

derruba árvores, casas, arrasando tudo, depois outras coisas nascem. Hoje vivemos momentos terríveis com a unicidade do poder no mundo, onde o povo parece uma coisa amorfa. Apesar disso, a gente vai vendo a juventude imigrante na Europa protestando, brigando, resistindo. Quer dizer, coisas surgindo, renascendo...

## CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES GERAIS – RESULTADOS E DISCUSSÕES

*O combate é de todas as coisas pai, de todas rei, e uns ele revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravo, de outros livres (Heráclito, fragmento 53).*

A despeito das diferenças internas que caracterizam a singularidade de cada entrevistado, cada tópico a ser abordado revela-se parte comum e fundamental das experiências vividas por esse grupo de ex-presos políticos do Golpe Militar de 1964. De fato, ao confrontar suas recordações e suas impressões sobre essas experiências, pode-se vislumbrar um quadro que, apesar da complexidade de seus traços, produzida a partir de uma espécie de variação cromática individual (cada um acentuando ou atenuando diferentes aspectos dos fatos, conferindo-lhes desta maneira matizes interpretativos distintos), oferece-nos uma temática coesa e inconfundível: as trajetórias de vida de homens que por “amor ao mundo” romperem com seu papel social e assumiram as conseqüências que tal escolha implicou.

Muito embora as narrativas não apresentarem desdobramentos de uma dada cronologia, existe um eixo que ordena a rememoração dessas trajetórias, do ponto de vista do presente. Pode-se dizer que elas se definem por quatro momentos básicos: o percurso do engajamento no projeto de esquerda (da infância à adolescência), a militância (seus desdobramentos e conseqüências), os caminhos trilhados para a reintegração vida social legal e o momento presente (avaliação das experiências de militância e posicionamento político atual). Assim, observa-se que a composição das narrativas se deu a partir de um núcleo de recordações, que se desdobram em imagens e impressões que tomavam um rumo próprio, num percurso de idas e vindas entre os pontos colocados, ora se distanciando, ora se aproximando do centro de nossas indagações.

Com a riqueza das narrativas, principalmente no que se refere à memória coletiva, a elaboração de um quadro de análise coerente com a nossa proposta inicial torna-se uma tarefa árdua, mesmo porque o conteúdo de uma história de vida extrapola os limites de qualquer conjunto de categorias previamente estabelecidas. Os fatos históricos, enriquecidos com detalhes e nuances pelo olhar e a experiência singular de cada entrevistado, parecem ganhar vida própria, dando-nos a sensação de que as delimitações exigidas pelo foco do estudo retiram o sentido de totalidade que toda história de vida contém.

Atkinson (1998), consciente do caráter altamente individual e subjetivo às interpretações, sugere que tenhamos sempre em mente que dentre as múltiplas interpretações possíveis a respeito de uma história de vida, nenhuma detém o monopólio da verdade, pois cada história é, ao mesmo tempo, una e múltipla.

Feita essas considerações, comentaremos cada um desses quatro momentos básicos que gravitam em torno do eixo das lembranças de nossos entrevistados, à luz do referencial teórico que nos propusemos adotar.

### **5.1. O percurso em direção ao “mundo da realização”: da infância à adolescência**

*Tinha onze ou doze anos, quando aquilo a que chamava o grandíssimo relâmpago se abateu sobre mim pela primeira vez; tudo o resto deixou de ter importância. O dia não ilumina, só existe a noite e a claridade, mas essa claridade vem da noite, é o grandíssimo relâmpago. Só cintila de tempos a tempos, um número restrito de vezes durante uma vida, mas em cada relâmpago vislumbramos algo mais do que aqueles que só vêem durante o dia. Mesmo que depois o relâmpago ainda torne mais obscura a obscuridade que lhe sucede (René Char).*

Das leituras das histórias de vida de Perly, Geraldo, Luís Carlos, Colombo e do Gilney, pudemos captar, já no primeiro momento das suas narrativas, algo mais que o gosto pela aventura, pelo apelo a novidade, ou arroubos próprios da juventude da época. Algo difícil de nominar com a precisão de um conceito. Não seria um prenúncio daquilo que Hannah Arendt chama de “amor ao mundo”? Ou o “substrato da solidariedade”, definição encontrada pelo Perly para o amor incondicional da família? Ou, ainda, o “grandíssimo relâmpago” do depoimento de Char, que serve como epígrafe para este capítulo?

Uma visão geral desse primeiro momento que ordena o eixo das lembranças dos nossos entrevistados tem por objetivo delinear um quadro, com diferentes matizes, do universo familiar e do contexto em que ocorreram os primeiros sinais do “amor ao mundo” que, segundo Arendt, é a essência da vocação política.

As lembranças do período da infância e da adolescência dos nossos entrevistados mostram a importância do grupo familiar como referência para a reconstrução do passado, espaço onde as recordações são “avivadas”.

Outro ponto importante nas narrativas refere-se ao que Hawbaks (1990) chama de “conteúdo social da memória”. Ao lermos as narrativas, experimentamos a sensação de que muito dos fatos abordados por nossos entrevistados nos são familiares, conhecidos por meio de noticiários, livros ou em conversas com amigos e que estavam “armazenados” em nossa memória.

Nesse reconhecimento dos fatos narrados, desencadeia-se também em nós um processo de reconstrução de nossas próprias lembranças, agora enriquecidas pelo olhar de quem viveu essas experiências. Para Arendt, ao contrário do pensamento objetivista, a memória retém o passado em sua contingência, insere as experiências no espaço e no tempo, contrapondo-se à simples continuidade temporal eterna.

Assim, ao ler a narrativa de Perly sobre fatos de sua infância é quase como se víssemos um filme sobre o cotidiano do meio rural naquela época, palco de muitas histórias de “justiceiros” que “lavavam a honra” com facões e espingardas, homens corajosos que iam à luta para defender causas, famílias com rígidos códigos morais e crianças livres correndo pelo campo. De família pobre, rurais, Perly cresceu “como outra criança qualquer”. Começou a estudar com oito anos porque os pais diziam que era melhor começar um pouco mais tarde, senão podia cansar e desistir. Não gostava de ficar na escola, sofria muito, pois “vivia solto, solto pelo mundo”.

A lembrança de um fato da infância ilustra bem a relação familiar: “meus pais nunca me bateram, minha mãe só me deu três chineladas por erros meus, talvez as únicas merecidas. Uma vez a professora praticamente queria me chutar”. [...] “Meu pai era um tropeiro, semi-analfabeto, mas nunca tinha me dado um cocorote”. “Ele foi lá, na escola, brigou com a professora, brigou com todo mundo e falou que se quisesse que o filho dele aprendesse a dar coice, ele deixava no pasto, com os burros, com os cavalos”.

Perly vivia em um clima de pluralidade política. Para Hannah Arendt a política está baseada na pluralidade dos homens, portanto, diz respeito à convivência entre diferentes (ARENDDT, 2000). O irmão era um militante comunista que, de vez em quando, passava pela casa de seus pais e, em meio ao jogo de baralho com a família e amigos, falava sobre o socialismo. O pai era do PSD, mas achava que os comunistas estavam certos, inclusive ouviu o pai dizer: “Esse Fidel Castro devia consertar esse país!”.

Buscando na memória, localiza a primeira manifestação do que entende como sendo um princípio de consciência política, que foi sua participação em um protesto na escola contra a iluminação de uma área onde os colegas costumavam namorar, quando experimentou um sentimento de indignação. Depois, se lembra de um outro fato que lhe causou muita indignação, ainda na adolescência. O professor de matemática da escola foi afastado porque

era candidato a vereador por um partido diferente do partido do diretor. Embora não gostasse do professor, muito rígido, achava que a atitude do diretor estava errada. “Era uma contradição que eu já vivia”, analisa Perly.

Geraldo, hoje, com 80 anos, filho de um tabelião, nasceu e cresceu em Aracaju no Estado de Sergipe, chegou a fazer “até parte do ginásio”. Quando o pai adoeceu, para solucionar as dificuldades que passaram a enfrentar, decidiram que ele deveria ir para a Marinha de Guerra.

Visto sob uma perspectiva de valores, a ida de Geraldo para a Marinha não representou apenas uma solução para resolver uma dificuldade financeira, mas indica também o cuidado da família em assegurar-lhe uma formação que coadunasse com valores da sociedade patriarcal nordestina, predominantes na época. Um comentário de Geraldo acerca do pai é revelador: “[...] minha mãe usava o cabelo que meu pai mandava, a roupa do tamanho que ele queria, mandava e decidia tudo e minha mãe não decidia nada”.

Aos dezessete anos, ingressou na Marinha, como aprendiz de marinheiro, em plena guerra. “A guerra que se passava lá fora, estava muito distante para um jovem de 17 anos, que vivia jogando sinuca e não dava muita importância a estes fatos” e “não tinha muita consciência de nada, a não ser que éramos do outro lado do Eixo, era até onde eu chegava”, diz Geraldo.

Sua introdução ao mundo da política se deu a bordo de um destróier, quando voltava de um curso de radar e sonar, que foi fazer nos Estados Unidos. Não tinha conhecimento de que havia a bordo marinheiros militantes de esquerda. Um dia, foi abordado no navio por um desses marinheiros, que “começou a revelar para mim um mundo que eu nunca suspeitei que existisse que era estudo da economia política”, lembra Geraldo. A partir desse dia, no escuro, luzes apagadas por causa do blecaute, esse militante falava sobre o comunismo primitivo, a passagem do Feudalismo para o Capitalismo, o desenvolvimento das

forças produtivas, a exploração do homem sobre o homem, etc. Em terra, foi se entusiasmando com tudo aquilo que ele chama de “revelação para um mundo quase religioso, um mundo inteiramente novo”.

À primeira vista, o “recrutamento” do Geraldo para o Partido Comunista, a bordo de um destróier, nos dá a impressão de um fato inusitado, singular e carregado de romantismo. Entretanto, uma análise da história do chamado “Partidão” mostra que a presença de militantes comunistas na Marinha e a prática de “recrutamento” a bordo de navios era um acontecimento normal, compatível com o alinhamento “obreirista” adotado pelo partido no fim da década de 1930 e ao longo da década de 1940, que considerava como seus legítimos representantes apenas os de origem proletária ou camponesa, além de soldados e marinheiros.

Luís Carlos, 76 anos, teve uma infância privilegiada: “era uma vida incrível, uma vida livre e havia um trem que passava na fazenda”, lembra-se ele. Seu pai era um engenheiro químico industrial formado pelo Mackenzie, em São Paulo, que, mais tarde, veio a tornar-se um fazendeiro e depois executivo de uma multinacional. Apesar da condição econômica da família, viviam com muita parcimônia, como ilustra Luiz Carlos em seu relato. Sua mãe, muito religiosa, era filha de um usineiro do Nordeste. Sua irmã estudava interna no Colégio das Irmãs Dorotéias no Rio de Janeiro. Seus irmãos no Colégio Marista que, assim como ele, eram internos. “Naquela época, as meninas iam para as Dorotéias e os meninos para os Maristas”, explica Luís Carlos.

Na adolescência, sua irmã que era dirigente estudantil da Juventude Estudantil Católica (JEC), o levava para as festas da entidade. Apesar da convivência com pessoas ligadas à JEC, considera que o início da sua ação política só se deu a partir da sua participação em um movimento ligado à esquerda democrática do crítico de arte Mário Pedrosa. Sempre

ligado aos movimentos cristãos pertenceu a Ação Católica, Movimento Familiar Cristã (MFC) e a Juventude Universitária Católica (JUC) e, mais tarde, Ação Popular.

Do relato de Luiz Carlos, podemos extrair um quadro representativo de muitos dos filhos da classe média alta que, à época, enviavam seus filhos para colégios internos de religiosos, que, além de oferecer uma formação religiosa, oferecia também uma educação de elite. A sua inserção na Ação Católica também reflete um período da Igreja em que, preocupada com sua missão diante das grandes mudanças que vinham ocorrendo em todo o mundo, principalmente o crescimento das ideologias do materialismo e do liberalismo, buscava abrir espaço para participação laica na difusão dos princípios cristãos na vida pessoal, familiar e social, por meio da criação da Ação Católica, que teve como seus primeiros aliados as classes dominantes: a burguesia financeira e industrial e os estudantes que seriam os futuros “homens de influência” na sociedade. A sua passagem pela JEC, JUC e AP foi uma consequência natural, acompanhando as próprias mudanças que ocorreram no interior da Ação Católica.

A trajetória política de muitos dos ex-integrantes da Ação Católica, como Frei Beto, Betinho e outros, poderia ser contada a partir da história individual de Luís Carlos, que retrata um dado grupo social, numa determinada época e que tem como fonte inspiradora um movimento católico que contribuiu enormemente para a formação política da geração de ex-combatentes do Golpe Militar de 1964. A influência dos movimentos católicos é de tal dimensão, que segundo Betinho: [...] “no Brasil, até 64, uns 90% dos militantes políticos, ou eram católicos ou tinham pai e mãe católicos, tinham saído do cristianismo” (Souza, 1978).

Gilney, filho de um pequeno comerciante, proprietário de uma farmácia no interior, ligado à UDN, conceituado na cidade, tinha uma posição política conservadora. Da infância à adolescência, levou uma vida normal: freqüentava a escola, bom aluno, “aquela coisa toda”. Fez o ginásio em Caravelas (BA) e lá conheceu um professor de esquerda, que

“era interessante, então, fez um pouco a cabeça da gente, mas Caravelas era muito conservadora”. Aos 14 anos mudou-se para Belo Horizonte, foi quando começou a ter uma visão de mundo diferente. Já naquele tempo, “sentia atraído por um sentimento forte de igualdade, de repúdio à injustiça e de inconformismo diante do confronto entre a miséria e a riqueza”. Na pensão onde morava, havia um comunista que representou a primeira contribuição para sua concepção política.

No Colégio Estadual, conheceu estudantes que militavam em favelas, se uniu a eles, subindo aos morros para dar apoio à luta dos favelados. Com a militância, desde os 16 anos, se afasta da família e diz que “tudo o que construí depois foi fora da família. Os laços afetivos continuavam fortes, mas a convivência fraca. No meu caso tinha que procurar meu caminho por conta das diferenças ideológicas, porque na família não havia acordo. Minha identidade também foi construída contra a família, contra os valores da minha família”. “Apesar das diferenças, sempre conservei laços com meu pai e minha mãe, nunca rompi”.

As referências de Gilney sobre sua infância e adolescência são referências políticas, sugerindo que desde cedo tinha um olhar crítico para o mundo à sua volta. Já aos quatorze anos, “sentia atraído por um sentimento forte de igualdade, de repúdio à injustiça, e de inconformismo diante do confronto entre a miséria e a riqueza”, o que faz com que procure um caminho oposto à de sua família, que era politicamente conservadora. Opta por engajar-se nos movimentos sociais, deixando um pouco de lado os movimentos estudantis que efervesciam na época, o que revela um discernimento muito grande de propósitos. Essa dedicação apaixonada a uma causa, segundo Weber (1999), é o que distingue a pessoa que tem vocação daquela que vive da política ou, segundo Hannah Arendt (apud YOUNG-BRUEHL, 1997), o traço fundamental de uma vocação é o amor a uma causa.

Colombo, filho de mineiros que imigraram para o Rio de Janeiro. A mãe, de família de classe média baixa do interior, o pai de “família muito grande, muito pobre”, conheceram-se no Rio de Janeiro, casaram-se e foram “viver pior que viviam”.

Quando o pai, após outras tentativas, consegue um emprego como radiotelegrafista, a família passa a usufruir de uma condição econômica melhor, quando, então, se mudaram para Niterói, em uma rua de classe média baixa de operários especializados. Ali viveu uma infância normal, tranqüila, brincando na rua.

A morte do pai representou um corte em sua vida. Colombo, assim retrata esse tempo: “minha mãe era uma pessoa batalhadora, além de dona de casa, era pai e mãe ao mesmo tempo, trabalhava arrumando um subemprego aqui, outro ali, para sustentar os dois filhos, sozinha, de subemprego a subemprego”.

Quando, na escola, começa a ser estimulado à leitura, passa a ler os livros que o pai havia deixado, “uma literatura muito, não diria pró-esquerda, mas muito social”. Eram livros de Jorge Amado, Graciliano Ramos e os chamados “romances do povo”, uma publicação da União Soviética sobre o realismo socialista.

Na década de 1960, ainda na pré-adolescência, sentia no ar o reflexo da Guerra Fria na escola e nas conversas dos adultos. A única televisão da rua era a de sua casa, deixada pelo tio militar. Os homens da rua vinham assistir ao noticiário e ele, enquanto esperava pela hora do desenho animado, ouvia os comentários dos adultos.

Guarda na memória o dia da morte do Getúlio, quando viu o tio chorando. Viu também operários metalúrgicos, fortes e bravos, da sua rua chorando. Como pré-adolescente, ia acompanhando toda essa movimentação. Na briga entre russos e americanos, tanto para a sua turma da escola como da rua, “os russos davam de dez nos americanos”. Colombo avalia que essa posição não era decorrente de nenhum tipo de proselitismo, mas talvez da literatura

deixada por seu pai e, muito também do senso de justiça da mãe, que sempre teve um senso de justiça muito forte.

O contexto da infância de Colombo revela-se uma fonte de intensa motivação para a ação, no sentido arendtiano. A vida em bairro operário, a televisão que congregava os homens da rua em sua casa, os comentários advindos dos últimos acontecimentos políticos, o senso de justiça da mãe e a literatura disponível, tudo isso parece ter contribuído para a formação política de Colombo. Na pré-adolescência, olhava com interesse para as campanhas eleitorais e tomava posição no embate entre russos e americanos. As lembranças de infância misturam-se com eventos coletivos, como o dia da morte de Getúlio, a revolta nas barcas, a viagem para o Comício da Central do Brasil, a Guerra Fria, a corrida espacial, a ida de Gagarin ao espaço, a descoberta de que a terra era azul, tudo isso repercutia em seu bairro. Esse vínculo com sua cidade, seu bairro e sua rua estão sempre presentes em suas lembranças. Uma vez, recorda Colombo, em uma entrevista, perguntaram ao Nelson Rodrigues como ele havia alcançado a universalidade de sua obra, aí ele respondeu: “Olhando para meu bairro, o Méier”, isso o tocou muito, desde então sempre olha para seu bairro, sua rua.

Nos relatos de nossos entrevistados sobre a origem familiar, podemos vislumbrar traços da organização familiar, com sua articulação interna, através da relação entre pais e filhos, sua formação religiosa, seu status social, sua posição ideológica e nuances da vida emocional e afetiva dessas famílias que, associadas ao contexto em que estas famílias estavam inseridas, nos permitiram fazer alguns comentários sobre algumas passagens que, do nosso ponto de vista particular, oferecem algumas pistas para uma compreensão das motivações e influências, que parecem ter sido determinantes para que nossos entrevistados empreendessem esse “percurso em direção ao mundo da realização”, que serve como título para esta parte do capítulo.

## 5.2 – A militância: seus desdobramentos e conseqüências

*"Os homens são livres enquanto agem, nem antes, nem depois; pois ser livre e agir são uma mesma coisa" (ARENDR, 2000).*

Apesar das diferenças internas, que nos pareceram sempre remeter-se a questões de ordem subjetiva, pode-se destacar nos relatos dos nossos entrevistados um conjunto de representações que é comum a todos. Na descrição dos momentos cruciais da experiência há pontos fortes de identificação entre as narrativas, o que nos leva a concordar com Pollack (1990), quando afirma que, como discurso autobiográfico, todo testemunho pode ser considerado a encarnação de um destino coletivo, por ser representativo de uma matriz social comum. Tal afirmação vai de encontro à questão central da teoria de Halbwachs (1990), que consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, uma vez que todas as lembranças são forjadas no interior de um dado grupo social.

Quanto às diferenças internas observadas em cada entrevista, entendemos que estão relacionadas com a percepção diferenciada da realidade. Para Halbwachs (Ibid.), a memória de um indivíduo é diferente da memória do outro, uma vez que cada indivíduo confronta-se, na sua trajetória de vida, com uma complexidade única de situações.

Foi considerando essa matriz social comum que optamos, nesta parte do capítulo, por extrair, das narrativas, passagens que nos permitissem, ao mesmo tempo, desenhar o percurso da ação política de cada um de nossos entrevistados e elaborar nossos comentários, entrecruzando as experiências passadas, na forma de um texto único, com o objetivo de desvelar vestígios do “tesouro” de Char que, segundo Arendt (2000), consistia “na experiência compartilhada de um engajamento que lhes rendera uma vivência de liberdade e de iniciativa”, que é a condição humana da *ação*.

### 5.2.1 Entrecruzamentos das narrativas

Analisando a trajetória de militância dos nossos entrevistados, de Gilney, Perly e Colombo, particularmente, identificamos aquilo que Mannheim (1982) chama de “fenômeno social da geração”, que pode refletir um tipo particular de identidade de situação, abrangendo “grupos etários” relacionados, incrustados em um processo histórico-social. De acordo com Mannheim, as pessoas de uma mesma geração ou grupo de idade vivenciam uma situação comum na dimensão histórica do processo social, o que os predispõe a um certo modo característico de pensamento e experiência e a um tipo de ação historicamente relevante.

O processo histórico social que ocorria no país e no mundo a partir da década de 1960, baseado em idéias e ideais de liberdade, auto-determinação dos povos e justiça social, representou um campo fértil de possibilidades de ação política para Gilney e Perly e Colombo, particularmente, que muito jovens na época, buscavam referências para esse “sentimento forte de igualdade, de repúdio à injustiça, e de inconformismo diante do confronto entre a miséria e a riqueza”, revelados por Gilney, ou pela “vontade de fazer alguma coisa, embora ainda sem muita consciência”, declarada por Perly. No caso de Colombo, que cresceu em um bairro operário – familiarizado com os assuntos políticos que eram comentados pelos homens que iam à sua casa ver pela televisão as notícias diárias – o ingresso na militância estudantil foi uma coisa natural, “a gente foi crescendo nesse meio, quando recomeça o movimento estudantil, já não sei como me envolvi, eu simplesmente estava nessa história”, diz Colombo.

A mobilização que dá vigor à vida estudantil nos centros urbanos é resultado de condições internas, que dispõem os jovens a exigirem mudanças que disseminem justiça social a todas as camadas da população brasileira, contemplando finalmente sua grande parcela de excluídos sociais. Entre outros estímulos, o da revolução cubana, na década anterior, instiga o ânimo daquelas mentes ávidas por soluções drásticas para os problemas do

país, Cuba traduz pragmaticamente o ideário de esquerda que vem inspirando a juventude e setores da *intelligentsia* mundo afora.

No âmbito internacional, o transcorrer da década só se dá com movimentos de cunho revolucionário, dos mais diferentes matizes – desde a revolução de ordem política à revolução de costumes.

Hannah Arendt, no seu livro *Sobre a violência*, escrito no calor dos acontecimentos do final da década de 1960, toca em algumas questões importantes referentes à esquerda alternativa desse período; mais concretamente, seu foco é a Nova Esquerda, englobando aí a New Left norte-americana e movimentos de extrema esquerda da Europa. O ponto de sua análise é a justificativa teórica da violência construída por militantes e intelectuais da esquerda, produzido a partir de uma identificação com as diferentes lutas anticoloniais. Na concepção destes, segundo Arendt, existiria uma violência “justa”; a violência do oprimido contra o opressor, do colonizado contra o colonizador, do fraco contra o forte. Essa violência-resposta, justificada e produzida pela ação do colonizador, seria o meio pelo qual o colono não apenas se libertaria, mas também resgataria seu amor-próprio, sua integridade, sua condição humana. Acompanhando essa justificativa teórica da violência, uma outra característica da Nova Esquerda em todo o mundo é salientada por Hannah Arendt: *a valorização da ação*. Para Arendt, seria difícil apontar um denominador comum para todos os movimentos que faziam parte dessa Nova Esquerda, a não ser uma surpreendente disposição para a ação, a valorização da pura coragem e uma não menos surpreendente confiança na possibilidade de mudança (ARENDR, 1994).

No Brasil, a esquerda dissidente, que surgiu ao longo da década de 1960, seguia de perto as tendências das novas esquerdas internacionais, adotando, inclusive, essa justificativa teórica da violência. Os mesmos ídolos, ativistas e pensadores, que influenciavam um expressivo setor da esquerda em todo mundo ocidental, também eram referências importantes

aqui: Che Guevara, Mao, Ho Chi Minh e Débray (RIDENTE, 1993) entre outros, conforme pode ser constatado nos seguintes trechos das narrativas de nossos entrevistados:

*[...] no mundo inteiro coisas estavam acontecendo e nós não estávamos fora desse mundo. Recebíamos notícias de que colônias portuguesas, inglesas e francesas estavam lutando por sua libertação e obtendo vitórias. O Vietnã havia se libertado da França e depois estava enfrentando os Estados Unidos. Era a luta daqueles homens pequeninhos contra os grandões americanos... [...]. Em 1968, eu estava fazendo o primeiro ano do curso clássico, mas já não tinha perspectiva de formar-me em nada, a perspectiva era subir a serra e participar da guerrilha. (Colombo)*

*Como não éramos soldado, tentamos aprender alguma coisa caminhando pelos morros, cheirando o pó do minério e capim, fazendo exercícios de tiro, certos de que estávamos dando os primeiros passos de uma longa guerra. Ao mesmo tempo em que fazíamos isso, continuávamos nossa atividade política normal: nos diretórios estudantis, sindicatos, associações, panfletando, agitando, além de trabalhar, estudar e levar uma vida aparentemente normal. Líamos Guevara, Mao, Giap, e depois Debray, mas para nós, o grande teórico da guerrilha foi Carlos Marighela (Gilney).*

*[...] havia uma certa efervescência e nos localizávamos no mundo, devido a um certo conhecimento adquirido por meio de leitura e de discussões. A gente se localizava no Espírito Santo, se localizava no contexto do Brasil e se localizava no contexto do mundo. Tínhamos descoberto que o mundo era maior e que fazíamos parte de um projeto.*

*Cuba tinha uma influência grande. Uma ilha que havia feito uma revolução, isso é uma coisa muito romântica. Nós já tínhamos uma noção desse outro mundo. Havia modelos como Guevara, Fidel Castro, mas também Mao Tse Tung. A China sempre foi um encanto para todo mundo, independente do que pensem. A gente também acompanhava os acontecimentos na União Soviética, líamos tudo o que aparecia. Era como se fossem dois*

*mundos divididos e a gente se posicionava em um desses mundos. Nesse período as pessoas procuravam se situar de um lado ou de outro. É como se o mundo tivesse dois pólos. Não digo que todo mundo pensasse assim, mas no caminho que a gente estava seguindo esses pólos existiam. O fato de ter dois pólos facilitava na comparação. Então, a gente falava: “Na Polônia estão produzindo tantos tratores”. “Não sei aonde acabou o analfabetismo”. “Em tal lugar foram produzidas tantas toneladas de trigo”. “Os Estados Unidos ajudou nos golpes militares na América do Sul”. Enfim, você ia fazendo uma contraposição entre um pólo e o outro (Perly).*

*Em 1949, quando Mao Tse Tung fez a revolução na China, houve uma conferência clandestina do partido na Marinha para explicar o que era a China. Ninguém tinha noção de nada. A importância da China ter conseguido fazer a revolução e de Mao Tse Tung ter botado para fora os imperialistas era falado nessa conferência (Geraldo).*

Uma outra característica importante das novas esquerdas de todo o mundo, apontada por Berman (1996), foi a *ida ao povo*. Esse recurso foi também utilizado no Brasil pelas organizações clandestinas, para se aproximarem dos operários e das classes populares brasileiras, quando os militantes se deslocavam para as favelas, nos bairros pobres e no campo. Assim, a luta de Gilney pelos favelados, as aulas de alfabetização de Perly em uma ilha “bem pobre” e a ida de Geraldo para a roça, a mando do partido, retratam a abrangência mundial dessa “ida ao povo”. Esse romantismo revolucionário das novas esquerdas também é tratado por Marcelo Ridenti em seu livro *Em Busca do Povo Brasileiro*:

O romantismo das esquerdas não era uma simples volta ao passado, mas também modernizador. Ele buscava no passado elementos para a construção da utopia do futuro. Não era, pois, um romantismo no sentido anticapitalista prisioneiro do passado, gerador de uma utopia irrealizável na prática. Tratava-se de romantismo, sim, mas revolucionário. De fato, visava-se resgatar um encantamento da vida, uma comunidade inspirada no homem do povo, cuja essência estaria no homem camponês e no migrante favelado a trabalhar nas cidades (2000, p. 25).

A valorização da ação, da pura coragem, característica que Hannah Arendt diz ter sido um denominador comum entre nova esquerda em todo o mundo, também é um ponto marcante nas narrativas de nossos entrevistados:

*[...] uma vez em que o meu navio foi reprimir uma greve dos portuários em Santos. Aquilo para nós era uma missão indigna, então, arranjamos um companheiro para içar uma bandeira vermelha no meio das outras que o navio trazia – os navios comumente trazem muitas bandeiras. Imagine a ousadia de pegar uma bandeira vermelha e colocar no meio das outras, aquilo era um verdadeiro desaforo... (Geraldo).*

*A militância armada é mais complicada do que simplesmente realizar ações. É todo um ritmo de vida, um clima de guerra. Quem estava na guerrilha estava numa guerra. Como soldado em guerra você fica sempre alerta, sempre vigiando, sempre tenso, evitando mais que enfrentando, procurando preservar sua vida, sua possibilidade de ação. A morte passa a ser uma constante (Gilney).*

*Passsei pela Argélia, pelo Senegal e voltava com a idéia de que iria encontrar com o pessoal do Marighella e entrar para ALN. Na minha cabeça tudo estava esquematizado: voltaria, me encontraria com esse pessoal, faria treinamento e iria para a guerrilha (Perly).*

*Nesse período, todo empenho nosso era retomar o contato com a organização, sabia que ela estava viva, inteira, pelo noticiário dos jornais, só não sabíamos como chegar até ela. Também, em razão das prisões, quedas, muita repressão, vários companheiros de esquerda se recusavam fazer contato com gente de outras organizações. Ficamos meio sem perspectiva e ainda podíamos ser presos a qualquer momento ou levar um tiro de “véspera”. Daí que veio à idéia, com alguns companheiros, de seqüestrar um avião para libertar nossos companheiros. Eu, pessoalmente, estava muito envolvido com as pessoas que haviam sido*

*presas. Meu sogro fora preso no reveillon de 1970, os companheiros com os quais mantinha contato imediato tinham sido presos (Colombo).*

*[...] trabalhei como vendedor e cheguei a ser um empresário bem sucedido. Mesmo sob a vigilância da repressão peguei muita gente, que esteve na prisão, para trabalhar comigo (Luís Carlos).*

Essa pura coragem, perceptível em todas as narrativas, segundo Arendt (2000, p.203), é própria da atividade política, pois:

É preciso coragem até mesmo para deixar a segurança de nossas quatro paredes e adentrar no âmbito político, não devido aos perigos específicos que possam estar à nossa espreita, mas por termos chegado a um domínio onde a preocupação para com a vida perdeu sua validade. A coragem libera os homens para a liberdade do mundo. A coragem é indispensável porque em política não é a vida, mas sim o mundo que está em jogo.

Para compreender as diferenças na forma de atuação política de Geraldo e Luís Carlos, em relação ao resto do grupo, é importante levarmos em conta suas trajetórias políticas que determinaram suas escolhas. Um ponto que deve ser destacado é o fato de que, à época do Golpe, ambos já tinham suas identidades políticas consolidadas. Toda a formação política de Geraldo havia sido construída no interior do partido comunista desde a década de 1940, e Luís Carlos sempre esteve ligado aos movimentos sociais da Igreja Católica, desde seu início.

Para Daniel Aarão Reis e Sá (1985), essa radicalização da juventude estudantil, principalmente, pode ser compreendida a partir do Golpe de 1964. Segundo Sá, a derrota da esquerda em 1964 não destruiu apenas esquemas, sonhos e partidos: cortou carreiras políticas e interrompeu projetos de vida. A grande massa dos que militavam antes de 1964 “quedou-se perplexa, desorientada, desmoralizada e simplesmente retirou-se, pegou o boné, desistiu, ao menos temporariamente”.

Diante desse quadro, ainda segundo Sá (Ibid.), os jovens que haviam começado a militar recentemente viram-se com responsabilidade de direção. Somando-se a isso, havia uma “atitude de negação das experiências passadas, provocadas pela derrota de 1964”. Dai resultava uma esquerda extremamente jovem que rejeitava suas próprias tradições políticas no Partido Comunista, taxado de imobilista, pela atitude do partido diante do Golpe. Os relatos sobre esse período são reveladores:

*Depois do Golpe, começa no partido uma discussão meio sem pé nem cabeça. As antigas orientações deixaram de ter sentido. Nesse clima, começamos a ler material do Marighella, que passou a exercer uma grande influência sobre nós. A sua trajetória pessoal de luta, sua resistência à prisão certamente nos seduziu. Lembro-me bem que já estavam preparando um congresso e começaram a chegar as teses. As de Marighella, Jacob Gorender e Mário Alves eram as que tinham, mais ou menos, uma formulação mais próxima do nosso grupo. Muita gente desanimada e muita gente ressurgindo. Como encontrar um fio para conduzir isso? Para mim, não foi muito complicado porque eu era do Partido Comunista e não saí. Continuei acreditando que era preciso prosseguir, mas houve dissidência no próprio Partido Comunista. Essa dissidência aconteceu porque o Prestes, quinze dias ou um mês antes do golpe, disse que se os gorilas — que era expressão que se usava para os golpistas militares — tentassem o golpe seriam enjaulados. Imagine o Prestes ter afirmado isso, ele era uma figura quase santa para nós (Perly).*

*Era uma época de preparação para o VI Congresso do Partido Comunista e havia toda uma polêmica, teses, racha mesmo, desenhado dentro do próprio partido comunista.*

*A nossa base ia para o lado mais radical da história, defendíamos que tínhamos que brigar e tal. Íamos panfletar na porta do estaleiro e os operários se recusavam receber o panfleto e diziam: “Não, esses comunistas fugiram todos e agora vêm com esse papelzinho para gente. Entregaram-se todos, não reagiram e deixaram a gente sozinho”. Esse fato*

*aconteceu em Niterói. O pessoal foi para receber as armas que os militares legalistas mandariam para eles e chegando lá receberam a repressão dos oficiais da marinha. Isso foi uma coisa que traumatizou muito os operários lá em Niterói e São Gonçalo, cidade vizinha que era mais nitidamente operária. Ouvindo esses operários, levava-nos a radicalizar ainda mais (Colombo).*

*Na faculdade, o ambiente era muito agitado e sempre participava daquelas manifestações estudantis de 1967/1968. Nessa ocasião, fizemos uma discussão crítica sobre a atitude do partido comunista diante do Golpe. Já dava para sentir a influência da briga entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista Chinês. A novidade era que não estávamos alinhados nem com um, nem com outro. Nós fomos mais à direção da linha cubana, que defendia a luta armada como uma saída e o foco guerrilheiro como estratégia correta. Passamos, então, a desenhar um outro caminho e houve um racha e o partido foi dividido em várias organizações. Em Minas, fundamos a Corrente Revolucionária de Minas Gerais, em 1967, ligado ao Marighella mas com um comando próprio (Gilney).*

*[...] Entre nós, reformismo era uma palavra pejorativa, significava abandonar a doutrina revolucionária. Quando fui preso em 1969, eles descobriram que tinha havido uma reunião para votar o rumo que o partido devia tomar e o pessoal que defendia a guerrilha, a luta armada, havia vencido por um voto. Nós que defendíamos o movimento de massa, que não acreditávamos que era possível enfrentar o regime com armas, fomos derrotados (Geraldo).*

*Quando entrei na universidade já tinha definição política, já pertencia à Ação Popular, que já havia sido criada. Antes, havia participado do Movimento Familiar Cristã, da Juventude Universitária Católica e da Ação Católica, que mais tarde veio a se cindir em correntes trotskistas e marxistas. Não fiz opção pela luta armada porque tinha clareza de que*

*isso não daria certo. Fui sempre ligado ao movimento católico como o Betinho, Frei Beto e outros (Luís Carlos).*

Gilney, assim define a sua geração: “Sou daquela geração de 62/64, que viveu o ascenso do movimento de massas, sobreviveu ao Golpe, perdeu as ilusões reformistas e pacifistas, e se engajou na luta interna e na reconstrução da Esquerda e abriu novas esperanças com o projeto da luta armada”.

Mannheim (1982) afirma que indivíduos de uma mesma geração, integrando ou não uma mesma faixa etária, que possuem uma situação comum na dimensão histórica do processo social, podem agir de forma diferenciada, de acordo com a dinâmica de sua inserção no processo histórico-social. Tal afirmação nos permite um olhar mais aprofundado sobre as razões subjacentes às diferentes formas de resistência ao Golpe Militar de 1964.

A despeito das diferentes visões de mundo, cada um desses militantes estava engajado em um conjunto de ações — inspirado por um projeto político coletivo de natureza planetária — visando à construção de uma nova ordem política e social que, nas palavras de Perly, parecia algo “inexorável”. Entretanto, em março de 1964, quando veio o Golpe, relembra Gilney, “foi terrível para todos nós. Nossas ilusões foram quebradas. Houve uma correria diante da avalanche reacionária e nos demos conta das nossas fraquezas, nossas análises incorretas e nosso despreparo para ação revolucionária”.

Para Arendt (1988), toda ação deflagra não apenas uma reação, mas uma reação em cadeia, e todo processo é causa de novos processos imprevisíveis. Os processos da ação não são apenas imprevisíveis, mas também irreversíveis; não há autor possa desfazer ou destruir o que fez, caso não o agrade ou as conseqüências se mostrarem desastrosas.

Desta forma, as conseqüências advindas da experiência da prisão e tortura deflagrou em nossos entrevistados novos processos de resistência a essa realidade, buscando preservar seus ideais e sua lucidez. De acordo com Arendt (1975), a experiência do

totalitarismo — tal como ocorreu na ditadura militar de 1964 — não só causa a abolição da liberdade pública, mas tem como finalidade a destruição total de qualquer espontaneidade e a submissão de todo indivíduo ao processo de desolação totalitária, entendida como a experiência absoluta da não pertença ao mundo. Trechos das entrevistas revelam algumas dessas estratégias:

*Durante os 38 dias que fiquei no DOI/CODI sofrendo sessões de torturas e interrogatórios, vi desfilar diante de mim, centenas de companheiros presos, torturados, feridos, arrebatados.*

*Quando cheguei à cadeia, fiz um plano para viver 20 anos na cadeia. Essa era minha perspectiva, Não pensava que era moleza não. Sempre penso no pior e preparo-me para o pior. Nunca tive a ilusão que a ditadura ia cair logo. Então, eu tinha uma filosofia de vida de que tinha que viver, viver na cadeia. Construir a vida, novas relações com pessoas, com a família, com a política.*

*Quando a gente está na cadeia, trancafiado na cela, é que se revela com maior profundidade a condição de prisioneiro. Eu me dedicava uma boa parte do meu tempo à atividade intelectual: estudos, leituras, meditações, reflexões a respeito das mais variadas questões, desde as mais gerais às mais íntimas. Acontece uma coisa muito interessante na cadeia. Com o passar do tempo, a gente vai estabelecendo uma relação cada vez mais aprofundada com a cela. A gente vai descobrindo todas as suas pequenas saliências, manchas nas paredes, ruído do trinco da porta, a descarga do vaso sanitário, etc. Você passa a manter relação com cada objeto que está ali dentro, a posição em que está disposto se torna familiar, a ponto de perceber até as mínimas alterações e sua ausência. Digamos que a cela representa, para o prisioneiro, um microcosmo onde se representa o universo de suas relações sociais e pessoais. Enfim, exceto numa condição patológica de solidão, o prisioneiro político jamais se sente só ou totalmente só (Gilney).*

*Cadeia é cadeia. Na cadeia passei dez anos. Vi gente chegar preso, vi gente sair e gente voltar. Na cadeia, a gente brigava por questões de comida, jornal, por tudo. Então, eu passo dez anos preso. É claro que para uma pessoa condenada a noventa e quatro anos a prisão é uma coisa terrível, desmonta muitas coisas que você imaginava. Mesmo quando se é movido por um ideal, a gente faz uma revisão do que aconteceu: “era assim, não era, devia ser”. Mas em momento nenhum perdi esse sonho, mesmo quando condenado a noventa e tantos anos.*

*Na cadeia o tempo tem uma dimensão própria. Passar um ano, dois anos, cada ano na cadeia, cada dia é mais que uma semana, cada semana é mais que um mês, cada mês é mais que um ano. A despeito de todas as adversidades, a gente não deixava de cultivar a esperança, se apegava a alguma coisa distante, como por exemplo, a idéia de que as ditaduras passarão, assim como o fascismo passou. Esse tipo de exercício alimentava, nos dava esperança. Quando as pessoas deixavam de intervir nessa realidade dura, perdiam o sentido da vida. Porque o sentido da vida foi aquele que nos levou à prisão. Imagine, eu preso, condenado a noventa e tantos anos, chegar à conclusão de que nada do que fiz valeu a pena. Se isso acontecesse eu me acabava, até fisicamente. Então, eu alimentava o sonho, acompanhava a guerra do Vietnã, que era uma coisa importante para nós. Cada batalha ganha era como se fosse uma vitória nossa. Ouvir falar que houve uma manifestação pequenininha num lugar qualquer, já era importantíssimo. No jornal, um bispo qualquer daqueles, ou um intelectual, falando uma frasezinha suave que hoje em dia o pessoal ia até rir dela, para nós soava como uma coisa importantíssima.*

*Outra coisa é a família. Na cadeia, acontece o quê? Primeira coisa que você se dá conta é que a família é coisa mais importante que o sujeito tem. A mãe, o pai, que não têm ideologia, não têm consciência de classe, que era tratado como atrasado e reacionário, é quem vai atrás do filho. Vai ao quartel, sofre humilhação, às vezes numa hora difícil cria*

*coragem para brigar. Briga, protesta, procura o filho, exige o corpo da filha, quer saber se o filho está vivo ou morto, quer visitar o filho. Quer dizer, a família é um elemento que é muito fantástico. É quase que uma descoberta para todos que estávamos na prisão. Quer dizer, todo mundo tinha sua relação familiar. Os meus companheiros ficavam com medo de ir lá e serem presos. Quem é que, em nome de uma amizade, vai lá e afronta um coronel? A mãe vai. A avó, “aquela velhinha, aquela beata”, que só fica rezando, vai visitar o netinho dela preso. Isso não é ideologia, tem outro substrato, que chamo de “substrato da solidariedade” (Perly).*

*[...] veio o Golpe, fui preso, fugi, voltei e fui preso novamente nesta mesma casa onde fui preso várias vezes. Numa noite de um domingo me levaram e passei dois anos na prisão. Em 1967 fiquei um mês ou dois, em 1969 fiquei dois anos, até 1971. Em 1975, quando já havia praticamente acabado com a resistência, já no governo Geisel, nos prenderam novamente. Dizem que os milicos não queriam acabar com a atividade de repressão. Já tinham reprimido guerrilha e ficaram sem ter o que fazer. Então, resolveram pegar os velhos quadros do partido, que não estavam em guerrilha nenhuma, e vieram aqui para atormentar. Bateram muito na gente. Fiquei uns quinze dias apanhando, mas outros companheiros sofreram muito mais.*

*Eles nos levavam de capuz, mãos amarradas para trás e nus. Davam choque, pancadas, batiam acima do joelho e no solado dos pés, ao mesmo tempo em que perguntavam: “Cadê fulano?”. Resisti a tudo isso com muita firmeza.*

*Na cadeia o pessoal procurava ajudar um ao outro. Havia muita solidariedade. Além disso, a vida na cadeia era muito organizada. O coletivo, como era chamado, tinha o responsável pela divisão dos bens que as famílias levavam (Geraldo).*

*Preso, passei primeiro pelo DOPS, onde não havia espaço para tantos presos. Lembro-me de um cara do DOPS, que fez o primeiro interrogatório. Ele me mostrou uma foto*

do Lênin e perguntou: “O Senhor conhece esse cara?” Respondi: “Lênin”. E este? “Marx”, respondi. E este? “Stalin”. “Você conhece todo mundo!” disse o oficial. Ao que respondi: “Claro, estudo economia!”. Penso que ele achou tudo aquilo ridículo e não fez mais este tipo de pergunta. Não fui torturado porque meu irmão, um coronel de direita, intercedeu por mim.

O período em que passei na prisão, na garagem do BGP, foi uma experiência extremamente rica, apesar de ser uma época muito fria. Foi um ano muito frio, muito molhado. Fui preso no dia 5 de abril e fiquei até maio, mais ou menos 37 dias. Havia muitos presos do movimento sindical e operário, a convivência era muito boa, havia muita solidariedade. Organizamos uma rotina e eu dava aulas de história e economia para os presos. O estado não tinha estrutura para manter prisioneiros, e as condições eram muito precárias. Fui solto por falta de provas de que era terrorista (Luís Carlos).

Houve a operação de resgate, entraram no avião, cada um de nós tinha apenas uma carga de munição. Tudo isso era uma atitude muito simplista nossa.

Na tortura era o “ponto”, o “aparelho” e os repetidos interrogatórios sobre quem seqüestrou o embaixador alemão, onde conseguimos as armas, etc. Nessa situação toda, tínhamos um agravante, éramos os primeiros a serem presos depois daquele seqüestro. Eles não sabiam de nada sobre o seqüestro do embaixador alemão quando foram soltos 40 presos políticos. Não sabiam nem onde o embaixador tinha ficado guardado durante o seqüestro. No raciocínio deles, até do pessoal que estava preso, é que esse seqüestro estava ligado ao seqüestro do alemão e que estávamos tentando sair do Brasil.

Parece até uma heresia dizer isto, mas a tortura foi muito melhor do que eu imaginava. Fiquei 19 dias no DOI/CODI e 7 meses na Base Aérea do Galeão, no Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. Eu imaginava, pelos relatos e denúncias que ouvia, que a tortura fosse muito mais insuportável. Foi muito ruim, mas eu esperava o pior.

*Levamos uma tremenda vantagem sobre todos os outros que estavam presos, porque não tínhamos nenhuma informação que levasse alguém à prisão. Estávamos isolados da organização há muito tempo e não tínhamos nenhuma informação sobre o quadro, e isso os deixava alucinados. Uma segunda vantagem era que não fomos presos entregues por ninguém. Quando a pessoa vai presa porque seu melhor amigo o entregou, o companheiro em que você acreditou nele e tal, já vai com o moral baixo. O sujeito pensa: “Se ele não agüentou, também não vou agüentar”. Tudo isso no subconsciente bate muito forte.*

*A nossa prisão foi a partir de um confronto, a partir de uma ação. Quando o sujeito está dormindo em casa, num aparelho e é preso, ou quando vai ao encontro de um companheiro e chegando lá o prendem porque um companheiro entregou, como aconteceu com minha irmã, é uma coisa terrível (Colombo).*

A superação e resistência diante das adversidades da vida em prisão, lembrada por Luís Carlos como “uma experiência muito rica” e por Geraldo como um tempo de “muita solidariedade”, reforça a idéia de que a motivação anterior à prisão foi um elemento primordial para a resistência desses indivíduos, pelo fato de que sua adesão ao que E. H. Erikson (apud POLLAK, 1990) chama de *grupo moral* reforça seu sentimento de pertencer e de manter vínculos com algo maior, que transcende sua individualidade. A presença de um ideal fomenta a confiança nos prisioneiros para agirem e provocarem transformações, ainda que em condições adversas. Desta forma, aquele que se estrutura em função de uma motivação partilhada, coloca sua vida em perspectiva com a causa à qual aderiu e da qual tira sentido e inspiração. Está mais disponível tanto para a vida (ação), como, paradoxalmente, para a morte. É esta a origem de sua força em situações extremas, como revela Colombo, quando diz que a tortura foi melhor que imaginava e que sua grande vantagem era que não sabia de nada que levasse outros à prisão.

O comentário de Gilney de que “exceto numa condição patológica de solidão, o prisioneiro político jamais se sente só ou totalmente só” nos remete aos escritos de Hannah Arendt sobre a atividade de pensar. No seu livro *A vida do Espírito* Arendt discorre sobre o processo dialético e crítico da atividade de pensar:

O fato de estar só, enquanto dura a atividade de pensar, transforma a mera consciência de si (...) em uma dualidade é talvez a indicação mais convincente de que os homens existem no plural. E é essa dualidade do eu comigo mesmo que faz do pensamento uma verdadeira atividade na qual sou ao mesmo tempo quem pergunta e quem responde (1993, p.139).

Quando a solidão se dá sem que exista um diálogo próprio do indivíduo com seu mundo interior, ela pode tornar-se insuportável. Para Arendt (Ibid.), a solidão tem características excludentes: ou o indivíduo é propício a essa experiência e ela se torna um modo de vida, ou há um rompimento fatal com o mundo. Ou seja:

[...] o homem perde a confiança em si mesmo como parceiro de seus pensamentos e [...] aquela confiança elementar no mundo, que é necessária para que se possa ter quaisquer experiências. O eu e o mundo, a capacidade de pensar e de sentir, perdem-se ao mesmo tempo (ARENDR, 1975).

A partir desses comentários, é importante notar que as reflexões desses ex-militantes políticos do Golpe de 1964, mesmo com as diferenças que apresentaram ao longo de suas narrativas, convergem para um contexto comum que se refere ao espírito da época que era inspirado pelo ideal de transformação da sociedade brasileira. Para todos foi essa a motivação que os conduziu para o caminho da militância política. Outro ponto comum nas narrativas, particularmente sobre o período de confinamento na prisão, é a descoberta da amizade ou a graça do amor como elementos primordiais para que o prisioneiro confirme a sua dignidade humana, tal como escreve Arendt (1975), no seu livro *As origens do totalitarismo*.

Se traduzirmos o conceito de ação de Arendt (1988) para o contexto em questão, identificaremos em todo o percurso do passado de militância de nossos entrevistados a presença daquele potencial do *novo e imprevisível*, que aquela filósofa atribui à ação enquanto força inauguradora.

### 5.3 Reflexões sobre o passado de militância

*O perigo é o esquecimento, a deslembração, o silenciamento da memória, pois “toda a imagem do passado [...] corre o risco de desaparecer com cada instante presente que nela não se reconheceu. (Walter Benjamin.)*

A reflexão sobre experiências vividas, do ponto de vista do presente, é sempre uma revisão de vida e, ao mesmo tempo, revelador da identidade do sujeito. Assim, as histórias de vida de cada um de nossos entrevistados, a seu modo (objetivo, parcimonioso, analítico), falamos de seus anseios, motivações, valores, fraquezas, forças, dores e também dos seus sonhos, particularidades essas que não encontramos em nos registros convencionais, pois, a história oficial, segundo Benjamin (1994), não é mais que ficção: uma montagem seletiva de acontecimentos passados num encadeamento linear que não incorpora as singularidades dos eventos. Tendo consciência desse vácuo deixado pela história, Perly fala da importância do registro de histórias individuais “não da instituição, mas dos indivíduos na instituição”.

Nesse balanço de suas trajetórias de militância política, podemos perceber em todos os nossos cinco entrevistados uma grande semelhança no que se refere à postura de comprometimento com os mesmos princípios que, no passado, os conduziram para a experiência compartilhada de um “engajamento que lhes rendera uma vivência de liberdade e iniciativa”, o que revela que não “rejeitaram silenciosamente seus tesouros”, conforme predizia René Char (ARENDR, 2000).

Das histórias de vida de cada um dos entrevistados, extraímos aquelas reflexões que respondem, de forma direta ou indiretamente, nossas questões de investigação e confirmam nossa hipótese inicial — baseada na compreensão de que, conforme Norberto Bobbio, a velhice não é uma cisão em relação à vida precedente, mas é, na verdade, uma continuação da adolescência, da juventude e da maturidade — de que esses ex-militantes do Golpe Militar de 1964 não haviam permanecido os mesmos e, tampouco, se transformado em outros, ou seja, ainda preservavam o “aroma daqueles anos essenciais” dos tempos de resistência.

### **Perly (63 anos)**

*A prisão, diz Perly, propicia momentos de reflexões profundas, dolorosas. A cadeia é onde o ser humano se vê mais por inteiro, porque na cadeia você não tem como esconder muita coisa [...]. Eu vi pessoas que perderam o rumo da vida na cadeia. Ali é a pessoa e a grade. Tem quatro grades, fazer o quê? Só tem um raiozinho de sol passando e aquele raiozinho batendo bem na minha cara. Então, em cada lugar, a gente tem que ir tirando o que tem de melhor para ajudar a gente a preservar a integridade, a humanização. Todas as vezes, o ser humano deixa de se humanizar, vai se brutalizando e desiste de lutar mais rápido. [...]. O ser humano dialoga consigo mesmo, dá um mergulho dentro de si mesmo, alguns mais, outros menos. A verdade é que o ser humano é insondável. Ninguém conhece a capacidade de resistência do ser humano. Nos momentos de grande tensão, ruptura, você se revela. Covarde fica forte e forte fica covarde.*

*Quando se fala da resistência ao Golpe, dá a impressão que só estudante foi corajoso. Não é assim, porque se você for uma operária, como é que você vai justificar sua saída da fábrica, às duas horas da tarde, para entrar num quartel ou num banco? [...] Uma mãe tem dois filhos, um é solteiro e revolucionário e o outro é pai de dois filhos. Esse, não é*

*mais nem menos corajoso que o outro, mas tem uma responsabilidade que o outro não tem. [...] a questão não é se tinha mais ou menos coragem, mas qual era sua possibilidade de ir para a luta [...].*

*Então, eu acho, sempre achei, e estou cada vez mais convencido de que a gente precisa trabalhar mais com o ser humano. Nós trabalhamos muito com o santo, o herói. Isso torna mais difícil para o homem e a mulher simples se engajarem em uma luta. Quem é que vai ser um Che Guevara? Vai sair da Argentina, passar lá no México, subir a Sierra Maestra, virar comandante, ministro, querido, amado, idolatrado em outro país, depois larga tudo para morrer na Bolívia, como um soldado faminto? Não dá para fazer isso porque existem as circunstâncias.*

*A gente nem sempre leva em conta que as pessoas são também frutos das circunstâncias. Se eu não tivesse saído daquela cidadezinha do interior para Vitória, por uma montanha de razões, é bem provável que eu fosse hoje um pastor protestante. Digamos que eu não agüentasse muita a enxada, ser um pastor protestante talvez fosse uma opção. Quem disse que eu não podia ser um jagunço? Na minha região tinha muito jagunço.[...] Na época, parecia que eles eram heróis, quer dizer um modelo a ser seguido.*

*Sonho é uma coisa que deve estar sempre sendo alimentado. Quando se tem um ideal a gente olha para a frente. Acredito que o sonho é um pouco parecido com uma estrela. A pessoa está perdida em alto-mar, olha para uma estrela e vai remando, seguindo a estrela. Pode ser que ela o leve a aprofundar-se ainda mais no alto-mar, mas pode ser também que o conduza para um porto seguro...*

Ter sempre em mente as circunstâncias, quando avaliamos as escolhas que os indivíduos fazem, como sugere Perly, é uma atitude semelhante ao que Merleau-Ponty (1971) chama de “redução fenomenológica possível”, que consiste no exercício de reflexão profunda,

que revele em nós preconceitos estabelecidos e nos leve a transformar nossa atitude em relação a esses condicionamentos sem, entretanto, jamais negar sua existência.

De outro modo, poderíamos também identificar nessa sugestão/premissa de Perly aquelas qualidades da atividade de pensar que, segundo Arendt, coloca valores e padrões estabelecidos em movimento; desaloja dogmas e regras de conduta; posiciona o indivíduo como que diante de uma tela vazia, sem bem, nem mal, sem certo, nem errado, e faz com que levemos em conta os pontos de vista alheios, permitindo e desvelando a singularidade dos seres humanos, que é a condição humana da pluralidade.

Suas reflexões buscam elucidar pontos que considera fundamentais para a compreensão das motivações que conduziram jovens à militância política. Toca em questões fundamentais que envolvem o imaginário sobre esse período; desmistifica certas “verdades” e nos instiga a compreender o mundo do ponto de vista da diversidade e das escolhas que muitas vezes são ditadas pelas circunstâncias. Há em suas reflexões uma tentativa de resgate, de “devolver a cada um o mérito”, de não “fazer um McDonald da esquerda e o McDonald da direita” [...] não trabalhar com o santo, o herói, e centrar mais nesse ser humano” insondável”, como diz, Perly.

### **Luís Carlos (75 anos)**

*Fazendo um balanço da minha trajetória de militância, eu não mudaria uma vírgula do que fiz. Hoje estou com 75 anos e sinto-me muito feliz. Não desejaria ter outra idade. Continuo envolvido em ações políticas, como dar aulas de alfabetização no Varjão com meu neto. Tenho simpatia pelo MST e tenho vontade de ir para um acampamento dos Sem Terra e dar alguma contribuição. Sinto que o MST hoje é um movimento social*

*revolucionário. É como se fosse o PT, a JUC e a Ação Popular, reunidos, lutando por uma real reforma agrária. O MST tem, hoje, uma grande abrangência, atinge até a educação.*

*Meu envelhecimento está sendo muito simpático. Quando fico doente, como hoje, fico meio “deprê”... Quando me aposentei, fiquei apavorado de ficar no ócio. Então, fui para UnB, participei de alguns movimentos e assim fui preenchendo meu tempo. Hoje estou achando a aposentadoria uma maravilha. Por exemplo, hoje não me sinto disposto e resolvi ficar em casa descansando. Em outros tempos isso jamais aconteceria, tomaria uma aspirina e iria trabalhar. Eu estou com a vida ativa, muito rica. [...] Não quero morrer, mas estou pronto para morrer. Digo pronto para morrer porque não tenho ambições, objetivos como o de construir uma casa, fazer coisas para meus filhos. Chegou a hora de eles cuidarem de suas vidas. Quer dizer, estou pronto para morrer, mas não estou querendo morrer. Estou curtindo minha vida com grande alegria.*

As reflexões de Luís Carlos respondem tão diretamente às nossas questões de investigação, que dispensam comentários adicionais. Sua história de vida não deixa dúvida: se no passado foi atraído por uma visão de liberdade — pois, para Arendt, ação e liberdade são a mesma coisa — no presente, não se deixou levar pela “opacidade triste de uma vida particular centrada apenas em si mesmo”.

Do ponto de vista do envelhecimento, que está sendo “*muito simpático*”, Luís Carlos parece reunir aquelas características que definem uma velhice bem-sucedida. Segundo Neri (1995), uma velhice bem-sucedida é uma condição de bem-estar físico, ligada às circunstâncias da história pessoal e do potencial de plasticidade de cada indivíduo, mas também não pode estar alijada das condições sociais e dos valores existentes no ambiente em que esse indivíduo envelhece. Entretanto, uma frase de Luís Carlos, melhor que as teorias, traduzem um envelhecimento bem-sucedido: “[...] *estou com 75 anos e sinto-me muito feliz. Não desejaria ter outra idade*”.

**Gilney (61 anos)**

*Nunca fui atrás da religião para explicar porque fiz isso, fiz aquilo (...) Nunca tive dessas frescuras, isso não é comigo não. Sempre fui mais eu. Sempre procurei formar minha própria idéia ou uma opinião coletiva. Sempre fui responsável pelos meus atos, defeitos e erros. Nunca procurei ancorar isso em religião, em Deus, em nada disso. Nisso sou muito materialista. Eu faço, eu pago e pronto. Fui criado no cristianismo, mas parti para o materialismo, materialismo mais filosófico.*

*Nunca me liguei em religião, exceto até os meus 14 anos. Estava ligado na utopia socialista, eu era comunista e até hoje me considero socialista. Não se pode confundir a utopia socialista como uma espécie de religião. A utopia é um tipo de filosofia, uma visão de futuro, de mundo. A utopia socialista, a gente acredita que vai se realizar, mas não por obra de Deus, mas por obra dos homens. Por isso que a utopia se diferencia da religião. Na religião você elege alguém fora de si e se orienta em função dele.*

*[...] agreguei conceitos ecológicos, ambientalistas à minha visão socialista. Isso desenhou um novo modo de atuação, um novo modo de ver a luta social. Sempre associado à luta ambiental.*

*[...] sempre vivi muito afastado da família. Desde meus 16 anos com militância, afastei-me da família. Tudo o que construí depois foi fora da família. Os laços afetivos continuavam fortes, mas a convivência fraca. No meu caso, tinha que procurar meu caminho por conta das diferenças ideológicas, porque na família não havia acordo. Minha identidade também foi construída contra a família, contra os valores da minha família. Isso acaba dando traços na nossa identidade. Quando a gente é jovem é mais radical. Com a idade a gente vai relativizando fatos passados, conflitos.*

*Fazendo um balanço da minha trajetória, nunca tive arrependimento pelas coisas que fiz. Nunca tive essas frescuras. Fiz o que achava que devia fazer, de acordo com as circunstâncias e do que pensava da época. Acho que contribui para a luta contra a ditadura e para a redemocratização do país.*

Num dado trecho da narrativa sobre sua história de vida, Gilney faz o seguinte comentário sobre Marighella: “Ele sabia o que queria e não omitia isso. Só que as coisas não aconteceram como ele queria. Faz parte de quem é audacioso que não quer ver a inércia da história”. As reflexões de Gilney sobre sua opção de luta no passado — que permanecem no presente, sob outras formas de atuação — revelam também uma personalidade “audaciosa que não quer ver a inércia da história”; “que sabe o que quer e não omite isso”. A sua opção pela ação política no passado deu início a um processo imprevisível em seus resultados, pois a *ação*, segundo Arendt, tem conseqüências irreversíveis e como forma de minimizar a imprevisibilidade da *ação*, as promessas estabelecem, como que “ilhas de segurança no futuro” que, no caso de Gilney, se traduziu na utopia socialista que ele acreditava possível de realizar, *não por obra de Deus, mas por obra dos homens*.

### **Geraldo (81 anos)**

*Conheci muitos que lutaram por uma causa. Muitos morreram. [...] Acho que sem militância, a sociedade não avança.*

*Hoje, há uma causa nova que é a ecologia, que não existia antes em nossa história. Marx e Engels não falavam em ecologia, porque na época não havia nada disso. [...] A militância, hoje, deve focar não só o aperfeiçoamento do sistema social, da distribuição da riqueza, mas também a preservação das formas de vida do planeta.*

*Fazendo hoje uma avaliação da minha trajetória de militância política, eu diria que eu procuro viver com um senso autocrítico que exercitei no partidão, uma das grandes heranças da minha formação.*

*Procuro viver igual à Justiça, com duas balanças na apreciação dos outros e dos meus atos. Estou sempre balanceando, na medida em que o raciocínio ainda permite. Não julgo ninguém, sempre procuro ver o que há de bom, de positivo. Marx dizia: “O homem pensa como vive”.*

*Eu não tenho muito do que me arrepende das ações. Vendo de longe, poderia ter feito melhor isso ou aquilo, mas acho que com base nas oportunidades que tive, eu me daria uma nota pelo menos razoável.*

Ao fazer um balanço de sua trajetória política, Geraldo reproduz, com outras palavras, o conceito arendtiano de política. A política, diz Arendt, está baseada na pluralidade dos homens, portanto, diz respeito à convivência entre diferentes. Se a pluralidade implica na coexistência de diferenças, a igualdade a ser alcançada através desse exercício de interesses é a liberdade. O uso da metáfora das “duas balanças” no julgamento próprio e dos outros, revela em Geraldo aquele processo dialético do pensamento reflexivo, onde o exercício de perguntas e respostas consigo próprio é moldado pela experiência e pelo “*senso autocrítico que exercitei no partidão, uma das grandes heranças da minha formação*”.

A permanente busca pela coerência que marca sua narrativa é, de certa forma, uma busca pelo poder no sentido arendtiano, que nada tem a ver com o conceito de poder da ciência política moderna, pois, para Arendt (1998), só há poder enquanto não houver isolamento entre homens e “enquanto a palavra e o ato não se divorciam, quando as palavras não são empregadas para velar intenções, mas revelar realidades, e os atos não são usados para violar e destruir, mas para criar relações e novas realidades”.

### **Colombo (60 anos)**

*Hoje, participar, exercer a ação política propriamente dita não exerço, mas eu penso, acompanho, converso com todo mundo, discuto. Desempregado, faço um tipo de contrabando pela internet, compro e vendo produtos...*

*Não tenho arrependimento do meu passado. Numa reflexão mais profunda, penso que não existe revolução permanente. Existe sim o momento revolucionário que traz grandes transformações e depois a vida segue seu curso. É como se fosse uma tromba d'água que derruba árvores, casas, arrasando tudo, depois outras coisas nascem. Hoje vivemos momentos terríveis com a unicidade do poder no mundo, onde o povo parece uma coisa amorfa. Apesar disso, a gente vai vendo a juventude imigrante na Europa protestando, brigando, resistindo. Quer dizer, coisas surgindo, renascendo...*

O que se segue à “tromba d'água” é, nas palavras de Arendt (1998), o *milagre da liberdade*, que reside no poder de começar, que por seu turno, reside no fato de que cada homem, tendo em vista que, pelo nascimento, vem a um mundo que já existia antes e vai continuar depois de sua morte, é ele mesmo um novo começo. A capacidade de iniciar diz respeito de maneira geral à capacidade do ser humano de agir e criar novas realidades.

A compreensão de Colombo sobre a impossibilidade de uma revolução permanente, mas de “um momento revolucionário que traz grandes transformações e depois a vida segue seu curso” não significa a ausência de sentido da ação revolucionária. No seu livro *O que é política?*, Arendt (2002) faz uma distinção entre sentido e objetivo. Segundo Arendt, o sentido de uma coisa ou atividade está sempre contida nela mesma, portanto, está condicionada à sua duração. Com o objetivo, dá-se o contrário, ele só começa a aparecer na realidade quando a atividade que o produziu chegou a seu fim – da mesma maneira que a existência de qualquer objeto produzido começa no momento em que o produtor dá seu

retoque final. Traduzindo essas considerações para o contexto de nossos comentários, podemos dizer que as revoluções não são permanentes porque seu sentido acaba no momento que cessa a ação revolucionária. Entretanto, seu objetivo, que é promover mudanças, permanece, fazendo brotar novas ações, novos atores em novos contextos, tal como descreve Colombo: [...] *a gente vai vendo a juventude imigrante na Europa protestando, brigando, resistindo. Quer dizer, coisas surgindo, renascendo...*

Observando o conjunto das reflexões aqui comentadas podemos constatar que apesar dos nossos entrevistados terem passado por experiências de situação limite, como prisão e tortura, assumem seus passados de forma serena, crítica e consciente, sem a dramaticidade que usualmente habitam o imaginário daqueles que, embora solidários, não viveram essas experiências.

Do ponto de vista do passado, entendemos que a atividade predominante praticada por nossos entrevistados, à época do Golpe Militar de 1964, era a *ação* por excelência, no sentido arendtiano, pois, ao tomarem sobre seus próprios ombros a iniciativa, fizeram com que a “coincidência entre a palavra viva e a palavra vivida” fosse possível, buscaram recuperar o sentido da *ação* política para o exercício da liberdade.

Do ponto de vista do presente, pelas narrativas de nossos entrevistados, fica claro que o passado continua iluminando o presente. Isso quer dizer que suas identidades políticas na atualidade estão fortemente vinculadas às suas experiências de militância do passado, agora enriquecidas pelo tempo, pelas novas experiências, pelo aprimoramento da atividade de pensar e pelo uso do discurso como instrumento da *ação*. Para Arendt enquanto ato em si, a *ação* revela a singularidade de seu ator, sendo esse o motivo pelo qual a *ação* não existe sem a palavra. Na *ação*, o indivíduo, através do discurso, conta “quem ele é”, revelando assim a sua identidade.

## CONCLUSÃO

*“Todas as mágoas são suportáveis quando fazemos delas uma história ou contamos uma história a seu respeito” (Isak Dinesen).*

Ao finalizarmos nossos comentários sobre os depoimentos deste grupo de ex-militantes do Golpe de 1964, experimentamos a sensação de que muitas passagens importantes não foram consideradas, deixando uma espécie de lacuna a ser preenchida. Esta constatação decorre do fato de que as narrativas falam por si, oferecendo a todo momento pistas, nossas questões de investigação. Por outro lado, é verdade também que trabalhamos com apenas uma dentre as múltiplas interpretações possíveis, portanto, nem de longe atingimos a totalidade do fenômeno, que nos propusemos estudar.

Quanto ao referencial teórico, no percurso do nosso trabalho fomos descobrindo novas categorias de análise nas obras de Arendt, que estavam estreitamente associadas à sua tipologia axiológica *“labor, trabalho e ação”*. Essa coerência, que é marca do pensamento arendtiano, detectada por Antônio Cândido em carta a Celso Lafer, nos conduziu para um “passeio” pelas obras de Arendt, pinçando aqui e ali conceitos que brotavam espontaneamente a partir das falas de nossos entrevistados, o que, certamente, pode dar a impressão de um certo “desvio” de nossa proposta inicial. Atkinson (1998) diz, com muita propriedade, que no método de história de vida as suposições teóricas devem ser deixadas de lado até que as entrevistas estejam concluídas para que, a partir das narrativas, descobrir o tipo de teoria que emergirá da história. Desta forma, a teoria mais apropriada para a história de vida seria aquela que emerge da própria história, que expande e aprofunda sua compreensão dos dados que revela.

Das histórias de vida aqui consideradas, podemos extrair algumas conclusões:

Ao nos propormos a investigar as repercussões produzidas pela experiência de militância política desse grupo de ex-presos políticos da ditadura militar, hoje idosos, contribuimos para resgatar experiências passadas, mas a partir da ótica dos sujeitos que viveram essas experiências e que aqui tiveram a oportunidade de “devolver a cada um o mérito”, de não “fazer um McDonald da esquerda e o McDonald da direita” [...] não trabalhar com o santo, o herói, e centrar mais nesse ser humano *insondável*, tal como foi afirmado por um dos nossos entrevistados.

As narrativas sobre experiências de um período da nossa história recente, a partir de uma perspectiva que incorpora o conteúdo do tempo vivido entre o presente e aquele passado, longe de significar um corte entre o que é passado e o que é contemporâneo, revelou a existência de um campo de constante elaboração do contato entre esses dois planos. Dessa maneira, pudemos observar nas narrativas desses ex-presos políticos um primoroso trabalho de ressignificação do passado que só o distanciamento pode produzir e que, num movimento inverso, revela suas identidades políticas no presente, ao constatarmos que o “aroma daqueles anos essenciais” ou o “tesouro”, de que fala Chart, ainda permanece de forma bastante sensível.

Tais constatações mostram, com muita clareza, a pertinência das considerações de Norbert Bobbio (1997) sobre a velhice, de que esta “não é uma cisão em relação à vida precedente, mas é, na verdade, uma continuação da adolescência, da juventude e da maturidade”. Da mesma forma, podemos afirmar que a permanência dos ideais de juventude – igualdade, liberdade e justiça social – que no presente de nossos entrevistados se revelam em outras formas de ação, reforçam a idéia de Edgar Morin (2000) sobre a velhice, quando referindo-se a si mesmo, disse:

É agora, quando se misturam envelhecimento e rejuvenescimento, que sinto em mim todas as idades da vida. Sou permanentemente a sede dialógica entre infância/adolescência/maturidade/velhice. Evoluí, variei, sempre

segundo essa dialógica. Em mim, unem-se, mas também se opõem, os segredos da maturidade e os da adolescência.

Simone Beauvoir (1990) afirma que a velhice é o que acontece aos seres humanos que ficam *velhos* e que é impossível encerrar essa pluralidade de experiências num conceito, ou mesmo numa noção e as histórias de vida desse grupo de idosos, ex-militantes do Golpe de 1964, são um exemplo vivo dessa pluralidade, muitas vezes não contempladas nas teorias do envelhecimento. Entendemos que a grande tarefa da gerontologia é de justamente integrar essas diferenças, lembrar que o idoso, mesmo com o declínio da capacidade funcional do seu organismo e exilado pela sociedade no seu tempo, permanece, sempre, o mesmo ser humano.

Entendemos que a grande tarefa da gerontologia é de justamente integrar essas diferenças, lembrar que o idoso, mesmo com o declínio da capacidade funcional do seu organismo e exilado pela sociedade no seu tempo, permanece, sempre, o mesmo ser humano.

Da perspectiva da *vita activa*, embora Arendt (1998), na análise que faz sobre a sociedade moderna, destaque a predominância da condição humana do *labor* — uma vez que os homens vivem empenhados na sua sobrevivência — identificamos nas narrativas de nossos entrevistados aquelas características da condição humana da *ação*, ou seja, por meio do discurso revelam quem são, mostram suas identidades pessoais e singulares, conservam a disponibilidade de iniciar algo novo e produzem uma realidade distinta da do labor e do trabalho; o “produto” mais imediato deste discurso presente em cada uma das histórias de vida é a realidade do seu “próprio eu”, da própria identidade ou a realidade do mundo circundante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. A. **Intelectuais e guerreiros** - O Colégio de Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

ARANTES, M. A. A. C. **Pacto re-velado**: psicanálise e clandestinidade política. São Paulo: Escuta, 1994.

ARAUJO, M. P. N. **A utopia fragmentada**: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

ARENDT, H. **As origens do totalitarismo**: anti-semitismo, instrumento de poder. Rio de Janeiro: Documentário, 1975.

\_\_\_\_\_. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

\_\_\_\_\_. **Da Revolução**. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. Compreensão e política. In: **A dignidade da política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

\_\_\_\_\_. **A vida do espírito**. Tradução Antonio Abranches e outros. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

\_\_\_\_\_. **A dignidade da política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

\_\_\_\_\_. **Lições sobre a filosofia política de Kant**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é política?**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **O que é Política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: nunca mais**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

ATKINSON, R. **The life story interview**. Qualitative Researchs Methods Series 44. California: Sage Publications, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BECKER, H. S. **De que lado estamos?** - Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

\_\_\_\_\_. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BETTELHEIM, B. **O coração informado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

BETTO, F. **Batismo de sangue**: os dominicanos e a morte de Marighela. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_. **Alfabetto**: autobiografia escolar. São Paulo: Ática, 2002.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas** - Magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, P. **A tale of two utopias**. The political Journey of the Generation of 1968. New York: W. W. Norton and Co, 1996.

BERNAUER, J. W. **Amor mundi**: explorations in the faith and thought of Hannah Arendt. Boston: Martinus Nijhoff, 1987.

BOBBIO, N. **O tempo da memória**: de senectude e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, E. **Sociedade e memória**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- CAIO, N. T. (Org.). **1964: Visões críticas do Golpe - democracia e reformas no populismo**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.
- CARR, E. H. **O que é história?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982
- CAVALCANTE, P. C. U.; RAMOS, J. (Org.). **Memória do exílio: 1964/19??**. São Paulo: Livramento, 1978.
- CONOVAN, M. **Hannah Arendt: a reinterpretation of her political thought**. Cambridge University Press, 1992.
- COSTA, A. O. et al. **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Universidade de São Paulo - Edusp: Fapesp, 1998.
- ESCOREL, S. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- FERREIRA, E. F. X. **Mulheres, militância e memória**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FORGHIERI, Y. **Psicologia Fenomenológica - Fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 1993.
- FOUCALT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FREIRE, A.; ALMADA, I. P.; GRANVILLE, J. A. de (Org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura**. São Paulo: Scipione, 1997.
- GORENDER, J. **Combate nas trevas**. São Paulo: Ática, 1987.
- GUARANY, R. Exílio. In: ROLLEMBERG, D. Exílio. Refazendo identidades. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 39-73, jun. 1999. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/artigos/rolelemborg\\_exilio.pdf](http://www.historia.uff.br/artigos/rolelemborg_exilio.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2005.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais LTDA., 1990.

HAROCHE, C. Elementos para uma antropologia política do ressentimento: laços emocionais e processos políticos. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Org.). **Memória e ressentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Unicamp, 2001.

HATCH, J.A.; WISNIEWSKI, R. (ed.). **Life History and Narrative**. UK: The Falmer Press, 1995.

JARDIM, E.; BIGNOTTO, N. (Org.). In: ARENDT, H. **Diálogos, reflexões, memórias**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

LAFER, C. **Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

MANNHEIN, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. M. (Org.). Mannheim. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em fenomenologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes/EDUC, 1989.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1992.

MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO. **Projeto: “Brasil Nunca Mais”**. Perfil dos Atingidos. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

MORAES, E. J.; BIGNOTTO, N. (Org.). **Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MORIN, E. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MORIN, E. **A cabeça bem feita – repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEGA, A; NASCIMENTO, E. P. **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Gramond, 1999b. p. 21-46.

\_\_\_\_\_. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massas no século XX - neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b.

NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papirus, 1998.

POLKINGHORNE, D. Narrative configuration in qualitative analysis. In: HATCH, J.A.; WISNIEWSKI, R. (Eds.) **Life history and narrative**. London: Falmer Press, 1995. p. 5-23.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. L'expérience concentrationnaire. Essai sur le maintien de l'identité sociale. Paris: Métailié, 1990.

\_\_\_\_\_. Memória, e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

PROUST, M. **Em busca do tempo perdido**: no caminho de Swann. Rio de Janeiro: Globo, 1981.

PUNER, M. **To the good long life**: What we know about growing old. New York: Universe Books, 1974.

REIS, D.A. F.; MORAES, P. **A Paixão de uma Utopia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1968.

REIS, F. D. A.; SÁ, J. F. (Org.). **Imagens da Revolução**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

RIDENTI, M. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Unesp, 1993.

\_\_\_\_\_. **Em Busca do Povo Brasileiro**: artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ROCHA, O. **Rosa Negra**: os agrestes também verdejam. São Paulo: História Presente, 1980.

SEYLA, B. "Hannah Arendt and the redemptive power of narrative". In: **Hannah Arendt-Critical Essays**.

SCHMIDT, M. L. S. **A experiência de psicólogas na comunicação de massa**. Tese de doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SCHMITZ, M. 2006: Nasce Hannah Arendt. DW-WORLD. DE DEUTSCHE WELLE. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,313754,00.html>>. Acesso em: 03 mar. 2006.

SPINA, R. Filhos da resistência. **Revista Teoria e Debate**, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, n. 33, jan. 1997.

SOSNOWSKI, S.; SCHWARTZ, J. (Org.). **Brasil: o trânsito da memória**. São Paulo: Edusp, 1994.

SOUZA, H. J. de. Depoimento. In: CAVALVANTI, P.C.U.; RAMOS, J. (Org). **Memórias do exílio: Brasil (1964 – 19??)**. São Paulo: Livramento, 1978.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado** – História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THIOLENT, M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1980.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

WAGNER, E. S. **Hannah Arendt e Karl Marx** – O mundo do trabalho. São Paulo: Mandamentos, 2000.

WEBER, M. **Política como vocação**. São Paulo: Cultrix, 1999.

YOUNG-BRUEHL, E. **Por amor ao mundo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)